

UNIVERSIDADE FEDERAL DO RIO DE JANEIRO

Bruna Pinto Martins Brito

Psicanálise: De que saber se trata?

Rio de Janeiro
2007

Bruna Pinto Martins Brito

Psicanálise: De que saber se trata?

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora:
Profa. Dra. Vera Lúcia Silva Lopes Besset

Rio de Janeiro
2007

Brito, Bruna Pinto Martins

Psicanálise: De que saber se trata? / Bruna Pinto Martins Brito.
Rio de Janeiro: UFRJ. 2007.
116f.

Dissertação (Mestrado em Psicologia) –
Universidade Federal do Rio de Janeiro, Instituto de Psicologia,
Rio de Janeiro, 2007.

Orientação: Vera Lúcia Silva Lopes Besset

1. Tratamento analítico. 2. Saber. 3. Transferência.
Dissertações.

I. Besset, Vera Lúcia Silva Lopes (Orient.). II. Universidade Federal do
Rio de Janeiro. Programa de Pós-Graduação em Psicologia. III. Título.

Bruna Pinto Martins Brito

Psicanálise: De que saber se trata?

Dissertação de Mestrado apresentada ao Programa de Pós-Graduação em Psicologia, Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, como parte dos requisitos necessários à obtenção do título de Mestre em Psicologia.

Orientadora:
Profª. Dra. Vera Lúcia Silva Lopes Besset

Aprovado em

(Profª. Dra. Vera Lúcia Silva Lopes Besset, UFRJ)

(Profª. Dra. Marcia Mello de Lima, UERJ)

(Profª. Dra. Luciana Gageiro Coutinho, UFRJ)

AGRADECIMENTOS

À minha orientadora, Vera Lopes Besset, pela confiança e dedicação na difícil tarefa de *transmissão de saber* desde a Iniciação Científica.

À Capes, pelo apoio financeiro, indispensável à minha formação acadêmica.

Às Prof^{as}. Márcia Mello de Lima e Luciana Gageiro Coutinho, pelas preciosas indicações em meu exame de qualificação que enriqueceram meu trabalho.

À Monique Vincent, supervisora querida, pela sua disponibilidade e generosidade em suas contribuições clínicas.

À Prof^a Ruth Cohen, por possibilitar a realização de meu estágio em tutoria didática em sua disciplina de graduação na Faculdade de Educação Física, uma experiência na qual aprendi muito.

À Ana e Giancarlo, pela dedicação em me ajudar nas questões burocráticas do curso de mestrado.

À Vera Avellar Ribeiro, pela cuidadosa e delicada revisão do texto.

Aos meus pais e meus irmãos, pelo apoio e carinho indispensáveis.

À Rafael, por estar ao meu lado, com muito amor e paciência do início ao fim desse trabalho.

À Rosany e Fernando Monteiro, pela hospitalidade, sem a qual não seria possível a continuação de minha formação acadêmica no Rio de Janeiro.

Aos amigos que conquistei ao longo desses anos na pesquisa coordenada pela Prof^a Vera Lopes Besset e colegas da Pós-Graduação, em especial à Aline Bergman (pela leitura atenciosa) e à Gabriella Silva, Luiza Rubim, Marina Vieira, Susane Zanotti, pelo apoio e companheirismo em todos os momentos.

Aos amigos e ex-estagiários da DPA que colaboraram com nosso levantamento, cedendo dados de suas triagens, material tão valioso para nossa pesquisa, em especial Ana Claudia Peitudo, Clara Martins, e Marcele Carvalho.

Aos amigos e familiares que torceram por essa conquista, em especial à Ana e Fábio França Brito (pelo carinho e incentivo ao longo de meu percurso), Letícia Chaves (pelo lindo gesto de amizade ao trazer minha coleção Amorrortu de Buenos Aires), Adriana Maluf (pela amizade e dedicação na tradução de meu resumo) e Nilton Nunes (pelo carinho de sempre).

RESUMO

BRITO, Bruna Pinto Martins. *Psicanálise: de que saber se trata?*. Rio de Janeiro, 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

Esta dissertação tem como proposta investigar a especificidade do saber para a Psicanálise, considerando os obstáculos com os quais se depara. Dentre esses, destacamos a hegemonia de um saber técnico e universal, fruto da *expansão burocrática*. Com a contextualização de nossa prática, fornecemos subsídios para compreender que, na contemporaneidade, há o predomínio de uma demanda de *curar sem nada saber*. Sabendo-se que psicanálise caminha na contramão da lógica da *hipermodernidade*, delimitamos o saber em jogo num tratamento analítico. Para tal, consideramos a sua relação, desde o início, com a sexualidade, recorrendo a um momento preciso da obra freudiana: as teorias sexuais infantis. Acrescentamos ainda a correção que Lacan faz a Freud, ao indicar que há no sujeito *um desejo de não saber nada*. Os dados de nossa pesquisa permitem-nos afirmar que a oferta de *gadgets*, presente em nossa época, fazem uso de tal desejo. Por último, debruçamo-nos sobre como acessar o saber num tratamento analítico. Entendemos que tal acesso se faz pela via do amor transferencial por depositar confiança ao analista. Porém, deparamo-nos com a dificuldade de estabelecimento de tal confiança numa época regida pela desconfiança. Defendemos que, nesses casos contemporâneos, faz-se imprescindível um manejo clínico, sob transferência, permitindo a transformação da demanda inicial de *curar sem nada saber* em um interesse na construção de saber.

ABSTRACT

BRITO, Bruna Pinto Martins. *Psicanálise: de que saber se trata?*. Rio de Janeiro, 2007. Dissertação (Mestrado em Psicologia) – Instituto de Psicologia, Universidade Federal do Rio de Janeiro, Rio de Janeiro, 2007.

This Master thesis has the purpose of investigating the specificity of knowledge to Psychoanalysis, considering the obstacles it faces. Among them, we highlight the hegemony of a technical and universal knowledge, as a result of a *bureaucratic expansion*. By adding context to our practice, we provide elements to comprehend that in contemporary times, prevails a demand for “*curing with no knowledge*”. Knowing that psychoanalysis runs in the opposite path from that of the *hypermodernity* logic, we characterized the knowledge that is at stake in a psychoanalytical treatment. For that, we take into consideration its relation to sexuality since the beginning, making use of a precise moment extract of Freud’s work: the infantile sex theories. We also added Lacan’s correction to Freud, as he indicates that the subject possesses a desire for *not knowing anything*. Based on our research, we can state that the *gadgets* offer, as seen on our present time, makes use of this desire. At last, we focus on how one can access knowledge in a psychoanalytical treatment. We understand that this can be done through transferential love, by the trust that is placed on the analyst. However, in a time ruled by distrust, we come upon the difficulty in establishing this trust. In these contemporary case studies, we support that a clinical handling is indispensable, under transference, allowing the initial demand of *curing with no knowledge* to be transformed into an interest for the building of knowledge.

SUMÁRIO

INTRODUÇÃO.....	12
------------------------	-----------

CAPÍTULO 1

Desafios da clínica no contemporâneo.....	17
--	-----------

1) A autoridade burocrática: a contribuição de Marx Weber.....	22
2) A generalização da autoridade burocrática em tempos de medicalização do sofrimento.....	27
.....	27
3) A expansão do capitalismo: a presença do hiper.....	33
4) O saber burocrático e sua técnica de avaliação.....	36
5) Psicanálise diante do saber burocrático.....	46

CAPÍTULO 2

A relação sujeito/saber: das investigações sexuais infantis ao desejo de não saber	48
---	-----------

1) Um saber que não está a serviço do esclarecimento.....	48
2) Investigações sexuais infantis: a ligação entre saber e pulsão.....	53
3) O investimento libidinal no saber após as investigações sexuais infantis.....	57
3.1) A inibição neurótica do pensar.....	57
3.2) A compulsão neurótica do pensamento.....	60
3.3) A sublimação e Leonardo da Vinci.....	61
4) Desejo de não saber.....	62
4.1) A experiência na DPA: o desejo de não saber na clínica contemporânea.....	64
4.2) O anonimato contemporâneo: relação com o desejo de não saber nada?.....	71

CAPÍTULO 3

Pela via do amor: o acesso ao saber na experiência analítica	76
---	-----------

1) Relação não-técnica com o saber: a estratégia presente na transferência.....	79
2) O Banquete de Platão: a relação amante e amado.....	82
3) A transferência é uma crença que se fundamenta no amor.....	87
4) Implicações do amor na contemporaneidade: prática analítica na era do Homem sem vínculos.....	92
.....	92
5) Há algo que escapa: considerações acerca do Mal-estar.....	99
6) Negar o amor ao inconsciente?.....	102

CONCLUSÃO.....106

REFERÊNCIAS:..... 114

INTRODUÇÃO

A questão que norteia a presente pesquisa originou-se em nossa prática clínica e nos estudos realizados no âmbito da graduação em psicologia¹. A participação, como estagiária², no trabalho desenvolvido na Divisão de Psicologia Aplicada (DPA) do Instituto de Psicologia da Universidade Federal do Rio de Janeiro (UFRJ), permitiu que nos deparássemos com os obstáculos e impasses impostos pela cultura contemporânea à clínica psicanalítica. Nesse contexto, fomos confrontados com a demanda de soluções rápidas e prontas para uso. Ao mesmo tempo, foi possível observar uma busca insistente por medicações independentemente do tipo de sofrimento psíquico e das queixas apresentados. Tanto a demanda por soluções rápidas e fáceis quanto a de medicação indiscriminada ocorrem num contexto de banalização das classificações dos manuais e dos tratamentos psicofarmacológicos.

É certo que, desde seus primórdios, com Freud, e em função das características de cada época, os obstáculos encontrados no caminho da clínica questionam seu saber e seu fazer. Dentre os princípios que regem nosso tempo, diversos daqueles que caracterizavam o do surgimento da psicanálise, destacamos a hegemonia de um saber no qual predomina um modo técnico de lidar com o sofrimento. Em contrapartida, temos a proposta da psicanálise cujo tratamento dado ao saber caminha por outra via, distinta da lógica contemporânea. A constatação desses dados suscitou nosso interesse em investigar a questão com a qual intitulamos esta dissertação: De que saber se trata num tratamento analítico?

¹ Como bolsista de iniciação científica (FAPERJ), sob orientação da Prof^a Dr^a Vera Lopes Besset.

² Na equipe da Prof^a Angélica Bastos.

Propusemo-nos, então, a avançar na discussão do tema do saber em busca de subsídios para uma prática. Estabelecemos uma certa ‘lógica’ de investigação que nos levou a definir três eixos pelos quais nos norteamos, são eles: o saber presente no contemporâneo como aquele que introduz obstáculos à nossa prática; o saber próprio à psicanálise como algo que marca a especificidade de tal tratamento e, por fim, como se aceder a esse saber possibilitado pelo tratamento, a partir da transferência, numa era em que prevalece a desconfiança das relações.

Na busca das respostas para nossa questão de pesquisa, valemo-nos, em nosso primeiro capítulo, da experiência obtida nas entrevistas realizadas durante o processo de triagem na DPA. Através de um levantamento dessas entrevistas, trouxemos dados indicativos das demandas mais frequentes daqueles que buscam atendimento na referida instituição. Dessa forma, nos foi possível responder à questão formulada nesse primeiro capítulo, a saber: qual é o saber que se espera de um tratamento? Juntamente ao levantamento das triagens, abordamos a lógica do mundo contemporâneo, de acordo com Lipovetsky, marcada pelo *hiper*, e o saber *técnico-burocrático*. Quanto a esse último, interessa-nos ressaltar que ele não surgiu nessa época, pois corresponde, antes, a uma expansão da burocracia nos dias atuais.

Iniciamos nosso percurso apresentando, logo no primeiro capítulo, uma vinheta clínica ilustrando o tipo de saber demandado por aquele que busca um tratamento: algo que possa ser aprendido supondo, assim, melhor poder falar sobre seu sofrimento. Mais do que isso, por se tratar de um modo técnico, ficou evidente que esse saber corresponde a algo relacionado a uma padronização. Logo, o que o sujeito espera aprender é uma lição que poderia ser ensinada a qualquer outro padecendo desse mesmo problema. Essa vinheta nos permitiu, assim, trazer uma ilustração da tendência contemporânea na qual se evidencia a vontade de se tornar um *Homem sem qualidades*³, conforme nos indica Musil.

³ Esse é o título do livro escrito por Musil (1978[2006])

Afinal, o privilégio dos números encontrados nas avaliações apaga as qualidades próprias a cada um, já que elas não se encaixam nos cálculos que se prestam à universalização.

Após nos debruçarmos sobre os desafios na clínica através da investigação do cenário e do saber predominantes no contemporâneo, nossos avanços em nosso segundo capítulo se orientaram pela seguinte questão: qual a concepção de saber da psicanálise? Partimos de idéia de que não se trata de um saber *técnico-burocrático*, cabendo-nos a investigação do saber em jogo na psicanálise. Nessa reflexão, seguimos a indicação de alguns autores acerca da relação desse saber com o inconsciente e com a sexualidade.

Para delimitarmos as relações supracitadas, recorreremos, em primeiro lugar, à obra freudiana. Em segundo, percorremos as contribuições de Lacan, autor que se propôs a realizar, em seus seminários e *Escritos*, uma releitura da obra freudiana. Mais do que isso, com base nessa releitura, esse autor trouxe avanços na formalização de conceitos que servem de instrumentos para a prática analítica. Ainda nesse capítulo, destacamos sua afirmação segundo a qual há no sujeito um *desejo de não saber nada*, afirmação que muito nos auxiliou em nossa pesquisa, além de retificar o que fora desenvolvido por Freud acerca da existência de uma *pulsão de saber*, no âmbito das teorias sexuais infantis. Vale ressaltar ainda que, em nossa reflexão, nos valem de uma preciosa formulação de Miller ao afirmar que, em psicanálise, se trata de um *saber furado pelo não-saber*.

Dando continuidade à nossa discussão sobre a especificidade do saber em psicanálise, fez-se pertinente também nos perguntarmos: o que se pode fazer com tal saber em nossa prática, no momento em que nos deparamos com a demanda contemporânea de *se igualar*, tornar-se *anônimo*? Tal proposta de anonimato, com a qual a psicanálise certamente se defronta, é promovida pelas classificações que a todos enquadram sob um mesmo nome. Essa característica contemporânea se evidencia na proliferação de organizações baseadas nos moldes dos Alcoólicos Anônimos (AA), por

exemplo, nas quais todos se reúnem em prol de um *nome comum*, em detrimento do *nome próprio*, exclusivo a cada sujeito. Diante desse anonimato, voltamos nossa atenção à posição do analista na condução de um tratamento. Cabe a ele, como destacamos, dirigir o tratamento a fim de restituir o nome próprio que fora apagado. Tal *operação* faz-se necessária para que o sujeito possa vir a se interessar pelo saber do qual a psicanálise lança mão num tratamento, ou seja, aquele que prioriza sua relação com o que há de incomparável: seu inconsciente.

Por considerarmos fundamental chegar a retirar o sujeito do anonimato para abrir-lhe a possibilidade do tratamento analítico, estruturamos nosso terceiro capítulo em torno da seguinte questão: se a psicanálise abre mão dos questionários e manuais, como ter acesso ao saber num tratamento analítico? Nosso ponto de partida realçou a importância da transferência como motor da experiência analítica, conforme Freud já nos indicara. Assim, tendo em mente que em psicanálise está em jogo um outro tipo de saber e que a transferência profundamente ligada a ele se estabelece na relação entre o sujeito e seu analista, procuramos nos deter na questão supracitada. Disso decorreu a necessidade de uma discussão quanto à possibilidade de um sujeito se interessar por um saber que não seja universal, tal como o saber embutido nas ofertas de soluções padronizadas que permitem aos sujeitos *se empacotarem*⁴ em classes diagnósticas.

Se voltarmos nossa atenção ao que é vinculado pela mídia e o que é consumido no mercado literário, teremos um panorama dessa problemática: há uma profusão de programas de tv, colunas em jornais e revistas indicando como mães devem lidar com seus filhos, como manter relacionamentos amorosos. Além disso, o setor de auto-ajuda, um dos que mais cresce no mercado literário, disponibiliza soluções de modo homogêneo para os problemas cotidianos, como veremos a partir das indicações de Bauman. O consumo do *saber* deixa claro que, nessa lógica, ele é concebido como uma mercadoria:

⁴ Trata-se de um termo utilizado por Miller (2006).

quando uma pessoa não sabe como lidar com dada situação, basta comprar um livro sobre o assunto escrito por um especialista para que este a *ensine* como agir.

Contudo, há outros efeitos da hipermodernidade que se refletem na clínica contemporânea, além do saber como algo exclusivo da técnica. Verificamos que a descartabilidade dos objetos atingiu os laços sociais, posto que esses também seguem os princípios da lógica de mercado, razão pela qual podem ser duráveis. Por conseguinte, também nos relacionamentos a desconfiança predomina, dificultando o espaço para a construção de um laço baseado na confiança, como é o caso da relação transferencial com o analista. Para melhor ilustrar esse aspecto, recorreremos à vinheta clínica citada em nosso primeiro capítulo, pois se trata de um sujeito cuja queixa está referida justamente aos problemas interpessoais, já que ele não consegue *manter* seus vínculos de trabalho e, conseqüentemente, tampouco consegue se fixar em um emprego. Desse modo, avançamos nessa questão nos valendo de nossa prática e auxiliados por outros autores acerca do manejo da transferência.

Por fim, retomamos nossos dados coletados nas triagens da DPA e associados ao nosso embasamento teórico para refletirmos acerca do manejo clínico necessário no acolhimento das demandas típicas do contemporâneo, de modo a promover a emergência do sujeito. Constatamos que tal manejo, no tratamento analítico, é imprescindível para que essa demanda se dirija à construção de um saber, próprio ao sujeito.

CAPÍTULO 1

Desafios da clínica no contemporâneo

Para se pensar sobre o tratamento dado ao saber pela psicanálise, não podemos desconsiderar os novos desafios impostos pelo contemporâneo com os quais nos deparamos em nossa prática. No presente trabalho, nos reportaremos à nossa experiência em um estágio de atendimento clínico na Divisão de Psicologia Aplicada (DPA/UFRJ), onde, mediante um levantamento, obtivemos um panorama das demandas mais frequentes daqueles que ali chegavam em busca de atendimento. Cabe ressaltar que esse levantamento contém dados relativos tanto à experiência da autora quanto a de alguns estagiários e ex-estagiários que aceitaram ser entrevistados. Em alguns casos, também foram cedidas as transcrições das entrevistas iniciais – as triagens- que realizaram.

O material coletado corresponde, então, às experiências de cinco estagiários participantes do processo denominado *triagem*. Uma das atribuições de cada estagiário é cumprir um plantão semanal, no qual totalizam duas horas de triagem. Trata-se do primeiro atendimento na DPA, ou seja, é sua *porta de entrada*. Nesse plantão são atendidos aqueles que buscam a instituição seja por encaminhamento de terceiros, seja por iniciativa própria. Após a primeira entrevista se inicia um tratamento ou, nos casos em que não há disponibilidade de atendimento, encaminha-se o paciente para outra instituição.

De um modo geral, podemos dizer que, nas triagens que nos serviram de referência, encontramos algumas demandas mais comuns. No caso de atendimento de crianças, por exemplo, é muito comum ouvirmos dos pais uma demanda de confirmação de algo que muitos dizem já saber: o diagnóstico de TDAH (Transtorno de Déficit de

Atenção e Hiperatividade). Muitas vezes são casos enviados pelas escolas, cujo encaminhamento apresenta a indicação de tratamento para *criança hiperativa*.

Outro tipo de demanda, desta vez encontrada em adultos, é a de pessoas que se apresentam como portadoras de Depressão ou Síndrome do Pânico. Muitas vezes, essas pessoas vinham encaminhadas por um psiquiatra e, em alguns casos, já estavam sendo medicadas. Devemos assinalar que depressão é uma das queixas mais presente nas demandas das mulheres. Estas, muitas vezes, associavam o estado depressivo com dificuldades no campo do amor. Nesse sentido, esperavam encontrar na instituição soluções para sua problemática de *como ter ou manter um relacionamento amoroso*. Dentre os homens, o diagnóstico mais comum era o de *síndrome de pânico*. Muitos deles chegavam alegando estarem passando por problemas profissionais e financeiros os quais, por sua vez, estariam prejudicando sua vida pessoal.

Assim podemos dizer que, nessas entrevistas iniciais, encontramos pedidos, demandas de ajuda que respondam à pergunta: “O que eu tenho?”. Devido à difusão de informação em alta velocidade, é comum também as pessoas chegarem à DPA com uma variação dessa pergunta: “Eu tenho Pânico, não é?”. Isso nos permite afirmar tratar-se tanto de pedidos de enquadramento num certo transtorno quanto de confirmação de um dado diagnóstico. Em meio a esses casos, destacaremos um caso que atendi, posto que nos levou ao questionamento acerca da especificidade da psicanálise quanto tratamento dado ao saber.

Trata-se de um homem que procura atendimento na DPA com uma queixa a respeito de dificuldades em sua vida profissional. Segundo este, perde sempre seus empregos devido à sua ansiedade e por não saber lidar com as pessoas, acreditando isto ser consequência desta sua ansiedade, que considera ser exagerada. Inicialmente, mostra-se muito interessado no tratamento, até o momento em que chega a uma das sessões,

questionando a forma de trabalho. Diz querer trocar a abordagem terapêutica. Afirmar que esta idéia surgiu a partir de um encontro, em seu trabalho, com outro profissional de psicologia, para o qual ele conta que fazia *terapia*. O psicólogo afirmou, nesta ocasião, que o tratamento psicanalítico era muito demorado, além de nada adiantar para seu problema (a ansiedade, mais especificamente). Acrescentou ainda que ele deveria procurar uma terapia cognitivo-comportamental.

Dentre seus questionamentos que se iniciou com o evento acima relacionado, este homem começa a pontuar aquilo que ele acha que esperava quando procurou uma psicóloga: gostaria de ter *feedbacks* a respeito de suas atitudes, com uma avaliação de *certo* e *errado*, além de instruções sobre como agir no mundo, uma espécie de treinamento para aprender a atuar nas *relações interpessoais*, como o próprio coloca. Após toda sua argumentação a respeito da não-eficácia da psicanálise, na qual em nenhum momento ele se implica como sujeito responsabilizado por suas ações, e até mesmo pelo seu tratamento, propõe que seja trocada a abordagem terapêutica. Mas, quer que esta troca de abordagem seja feita sem que se troque o profissional responsável pelo seu tratamento.

Ele acreditava ser isso possível, porque achava que havia sido feito um estudo de seu caso, na triagem inicial da DPA e, a partir disso, teria sido escolhido qual abordagem mais indicada para seu problema. Além disso, acreditava haver ocorrido um equívoco no momento de decidir a abordagem terapêutica utilizada em seu tratamento. O paciente fica surpreso quando descobre que isso não é possível: mudar somente a abordagem. Com essa descoberta, inicia-se um dilema: trocar de abordagem ou permanecer num tratamento psicanalítico. Esse dilema se estabelece porque, apesar de questionar a eficácia da psicanálise, ele afirma que gostaria de permanecer com esta psicóloga, com a qual havia iniciado o seu tratamento. Essa proposta de mudança que marca este caso pode causar até

uma certa estranheza, mas talvez esteja bem típica do mundo atual: se não serve, porque não trocar imediatamente, como propõe a lógica de consumo que privilegia a descartabilidade dos objetos?

Mas, diante deste impasse colocado neste tratamento, é a decisão desse sujeito em permanecer neste tratamento, que temos o primeiro sinal da especificidade da psicanálise: trata-se de uma clínica sob transferência. Pois, foi justamente o fenômeno transferencial que possibilitou que este sujeito permanecesse no tratamento, após uma intervenção na qual é ressaltado não ser possível que a psicóloga trocasse de abordagem e, desta forma, seria necessário que ele fizesse uma escolha. Porém, o fenômeno transferencial será discutido no terceiro capítulo dessa dissertação, pois iniciaremos nossa investigação com um aprofundamento acerca de características próprias ao contemporâneo, posto sua relevância à nossa prática.

Na referida vinheta clínica, a queixa inicial eram os problemas interpessoais; depois da decisão em continuar apostando na psicanálise, fala de algo que nunca havia falado: a *ejaculação precoce*. Aceita pode *tratar* esse problema físico que o incomoda de uma outra maneira que não seja a partir do saber médico.

A fim de prosseguirmos, a seguir, delinearemos os desafios impostos por nossa época, que consideramos marcada particularmente pelos avanços técnico-científicos, em que há uma crescente busca por um bem-estar ampliado a todas as esferas da vida. Esse bem-estar, por sua vez, é oferecido pela aquisição dos *gadgets* de consumo, denominação que indica a *futilidade* de tais objetos, lembra-nos Miller (2004). Para o autor, *são objetos construídos, calculados, produzidos maciçamente*⁵ e, acrescenta ele, o *gadget* seria *filho do número e da medida*⁶. Logo, desde sua origem, trata-se de um objeto imerso na

⁵ Miller, 2004, p. 5.

⁶ Ibid.

objetividade, garantida pelos números. Nesse contexto, são objetos que prometem *soluções rápidas* para os mais diversos problemas, inclusive para o sofrimento psíquico.

A crescente utilização de medicamentos em crianças diagnosticadas com TDAH é um exemplo do tipo de solução proposta aos problemas vigentes dessa época. Aliado a isso, assistimos à proliferação dos *especialistas*, profissionais detentores de um saber sobre um problema específico, um saber distante daquele da psicanálise, como pretendemos investigar. Nesse sentido, faz-se necessário um questionamento sobre o saber esperado por alguém que busca um tratamento. Pois, se a psicanálise não responde do lugar do saber da ciência com sua proposta generalizadora, tal como a que predomina nos manuais psiquiátricos, podemos supor que ela dá ao saber um outro tipo de tratamento. Assim, iniciaremos nossa investigação tendo como ponto de partida essa especificidade da psicanálise no que concerne ao saber.

Prosseguindo, neste capítulo realizaremos um mapeamento desse novo cenário que, por diversas vezes, é considerado um obstáculo à clínica psicanalítica. Para tanto, buscaremos avançar no entendimento desse *saber para todos*, presente em nossa época. Lançaremos mão do material das entrevistas iniciais da DPA para melhor discorrermos sobre a predominância desse saber, uma vez que, ao longo dessa experiência, muitas vezes nos deparamos com pessoas em busca de diagnósticos pautados nesse *saber para todos*. Em nossa abordagem, também faremos uso de um termo de Marx Weber, a *burocracia*, para compreendermos a modalidade de autoridade presente no capitalismo: a *autoridade burocrática*. Esta será entendida como aquela da qual o *especialista contemporâneo* faz uso em sua prática.

1) A autoridade burocrática: a contribuição de Marx Weber

Marx Weber realizou uma minuciosa investigação sobre as formas de poder, dentre elas a burocracia: uma forma de autoridade fomentada pelo capitalismo. Embora

o estudo desse autor seja datado do início do século passado⁷, mesmo assim ele nos será muito útil na medida em que nos fornece indícios para pensarmos tratar-se, no contemporâneo, da mesma burocracia por ele anteriormente estudado. A diferença estaria na sua proliferação para os demais aspectos da sociedade. Sendo assim, nesse momento a autoridade, tal como a formulada por Weber, é uma *autoridade burocrática*.

Para o autor, a organização burocrática se caracteriza, entre outros aspectos, *pela precisão, pela uniformidade e pela rapidez*⁸. Para se alcançar tais características burocráticas são exigidas duas propriedades: a *calculabilidade* e a *previsibilidade* dos resultados. Tanto as características da burocracia quanto as propriedades da mesma nos indicam um certo *controle* em relação ao que é produzido, ou seja, o *saber*. Podemos entender tal *controle* se considerarmos tratar-se de um saber que preencha os *quesitos* necessários para estar de posse de um legítimo produto burocrático: ser uniforme, preciso, rápido, calculável, previsível. Esses itens, exigência da burocracia, apontam para um saber cujo conhecimento é traduzível em termos matemáticos. É o que Cottes assinala como atribuições desse saber, que *consiste em compilar as informações, estocá-las, sob a forma preferencial de questionários*⁹. Acrescentemos que Weber denominará esse saber como saber *especializado*.

Weber afirma ainda que, para os especialistas, esse saber é o *grande instrumento*, ou seja, *a superioridade da administração burocrática*¹⁰, referida à possibilidade de aplicar tal *saber especialista* a todos. Neste ponto, não podemos deixar de questionar sua aplicação no que concerne ao sofrimento psíquico. Sabemos que para alcançar tal superioridade, esses especialistas recorrem à utilização de técnicas e normas como, por exemplo, a aplicação de questionários.

⁷ Seu trabalho sobre burocracia encontra-se em sua obra denominada “Economia e Sociedade”, publicada inicialmente em 1922.

⁸ Weber, 1944[1996], p.731.

⁹ Cottes, 2005, p.27.

¹⁰ Weber, 1944[1996], p.178.

Uma ilustração dessa *técnica* aplicada ao tratamento de um sofrimento psíquico é a metodologia empregada nas triagens realizadas na DPA pela equipe de Terapia Cognitivo-Comportamental. Para Miller (2005a), essa modalidade de terapia desenvolveu-se incentivada pela burocracia, porquanto esta exige tratamentos mais rápidos e objetivos. Tal como para o manuseio de uma máquina, para o emprego dessa técnica é preciso seguir instruções padronizadas.

Na realização das triagens, os estagiários de Terapia Cognitivo-Comportamental utilizam uma entrevista semi-estruturada com itens a serem investigados acerca da vida daquele que busca atendimento. Esses itens são relativos ao comportamento, ao pensamento e ao sentimento. Ou seja, a estruturação proposta na entrevista padroniza o acolhimento de tais queixas, já que não há liberdade para a pessoa falar livremente sobre seu sofrimento. É preciso falar respeitando-se a ordem dos itens a serem investigados pelo *especialista*. Segundo Weber, isso corresponderia à prática dos especialistas que, por utilizarem as leis do mercado capitalista, devem ser *rigorosamente objetivos* em sua prática.

Para ilustrar características dessa burocracia, recorreremos a uma obra clássica da literatura, considerada o “livro do século XX”¹¹: *O Homem sem qualidades*, de Robert Musil. Esse texto tem sido retomado por diversos autores contemporâneos, graças à proposta de Musil, a saber: *enfrentar questões referentes ao novo homem sem vínculos com os códigos e éticas convencionais*¹². A que novo homem, então, o autor se refere? Refere-se àquele que tem de lidar com as mudanças sofridas na sociedade, graças ao advento da tecnologia. Ressaltemos que a primeira publicação de tal obra ocorreu em 1919. Em 1922, Weber, no ramo da sociologia, publica seu estudo sobre a Burocracia. Por conseguinte, esses são autores que se debruçaram sobre os primeiros

¹¹ Lessa, 2006, p. 19

¹² Ibid, p.19.

efeitos do desenvolvimento científico-tecnológico. Mas, para Deprins (2005), esse romance retrata o *homem quantitativo de hoje*¹³.

Outro autor, Jacques-Alain Miller (2004), dedicou-se ao estudo de tal obra. Ele destaca a *quantificação* como a responsável pela produção do *homem sem qualidades*, na medida em que a *burocracia* se expande e atinge as diversas esferas da vida. Um questionamento sobre o modo *objetivado* de viver pode ser encontrado na seguinte passagem de *O homem sem qualidades*. Nela, encontramos a presença da avaliação técnica, tal como destacamos a seguir:

Quem se encantaria com a milenar conversa sobre o bem e o mal depois de constatar que não são ‘constantes’, mas ‘valores funcionais’, de que forma o valor das obras depende das circunstâncias históricas, e **o valor das pessoas depende da qualidade psicotécnica com que avaliamos suas qualidades?** (Musil, 1978[2006], p.57, grifo nosso)

Outra característica assinalada por Weber é a exigência de que seja uma prática *sem interesse nas coisas propriamente humanas*¹⁴. Logo no início do primeiro capítulo, Musil nos apresenta um episódio bastante ilustrativo da invasão da ciência na vida cotidiana. É uma cena na qual transeuntes param na rua para ver um atropelamento que acabara de acontecer. O autor relata a sensação da moça, antes e depois de ouvir, diante daquela cena, a fala do cavalheiro que a acompanhara:

A dama estava com **uma sensação ruim no coração e no estômago**, que tinha o direito de considerar compaixão; uma sensação vaga, paralisante. Depois de algum tempo, o cavalheiro lhe disse:
— Os caminhões pesados que se usam aqui têm um tempo de freagem longo demais.
A dama **sentiu-se mais aliviada**, e agradeceu com olhar. Devia ter ouvido antes aquela expressão, mas não sabia o que era, nem queria saber; bastava-lhe que aquilo lhe explicasse o terrível acidente, **reduzindo-o a um problema técnico**, que já não a interessava diretamente. (Musil, 1978[2006], p.29, grifo nosso)

Essa passagem nos permite observar o que poderíamos considerar como uma das consequências da invasão da ciência no cotidiano, a saber: a impessoalidade à qual se

¹³ Deprins, 2005, p.30

¹⁴ Weber, 1944[1996], p.732.

refere Weber. Basta voltarmos nossa atenção para a mudança de atitude da *dama*, antes comovida com o *terrível acidente* e, depois da fala do *cavalheiro*, vendo-se *aliviada*, ou melhor, livre da *sensação ruim* pela qual se sentia tomada anteriormente. Trata-se, assim, da redução das experiências cotidianas a um *problema técnico* visando, com isso, objetivá-las.

Além disso, há a importância dada às massas em detrimento de cada um. O importante é a média, ou melhor, que todos possam atingir a média, como afirma Miller, em outro comentário sobre a obra de Musil. Diz ele: *Musil escreve a influência crescente das massas, do grande número, o que torna a humanidade cada vez mais mediana*¹⁵. Mas, como fica a questão da *impessoalidade* quando falamos do sofrimento psíquico? Se pensarmos na forma objetivada de lidar com o mesmo, poderíamos considerar a aplicação de técnicas visando um enquadramento em uma determinada categoria como uma forma de ser impessoal.

Para atingir tal impessoalidade, essas técnicas, por sua vez, devem ter *aplicabilidade universal*¹⁶. Assim, aliado à preocupação de um tratamento matemático do saber, a aplicabilidade deve ser *útil* a todos. Mas, para ser aplicável de forma universal, é preciso que as pessoas sejam universalizadas, ou melhor, igualizadas. A obra de Musil nos auxilia a pensar nesse processo de universalização pautados nas considerações sobre a impessoalidade, conforme já abordada acima. Ao refletir sobre sua época (século XX), um personagem, Wagner, ilustra a universalização ao indicar que o avanço das técnicas não mais se restringe aos trabalhos, como na época da industrialização: — *Para ele [o homem sem qualidades] nada é sólido. Tudo é mutável, parte de um todo, de incontáveis todos, que provavelmente fazem parte de um supertodo [...]* (Musil, 1978[2006], p. 84). Trata-se do período em que a técnica

¹⁵ Miller, 2004, p.3.

¹⁶ Weber, 1944[1996], p. 732.

burocrática atinge outras esferas da vida. Não são mais apenas os produtos que, outrora confeccionados manualmente em pequena escala, passaram a ser confeccionados a partir de um padrão a ser seguido e em larga escala.

Talvez possamos pensar estarmos diante de uma consequência da utilização de procedimentos oriundos da matemática, cujas regras só possuem validade se puderem ser aplicadas de modo universal. Esses procedimentos visam garantir a proposta do saber especialista e encontram-se comprometidos com a busca de um constante aperfeiçoamento das técnicas. Todavia, será que diante dessa proposta universalizante, algo escapa? Para os especialistas, quando algo *escapa*, é o momento de recorrer ao *aperfeiçoamento* das técnicas. Nesse sentido, podemos nos perguntar até que ponto é possível pensar a utilização do saber especialista no tratamento do sofrimento psíquico, apesar de reconhecermos a relevância do avanço científico em muitos aspectos da vida humana.

2) A generalização da autoridade burocrática em tempos de *medicalização* do sofrimento

Em seu estudo sobre a burocracia, Weber nos indica que ela, como a autoridade do mundo capitalista, é responsável pela produção de um saber especialista. Barton (2005), ao se debruçar sobre o tema da “Estatística” em nossa atualidade, afirma haver uma tendência da ciência para caminhar em prol das exigências desse mercado capitalista. Porém, a estatística aplicada às Ciências Humanas encontra obstáculos quando se pretende *quantificar o que queremos analisar*¹⁷. Como medir estatisticamente o sofrimento humano?

Acreditando ser possível utilizar a estatística para tratar o adoecimento psíquico, manuais psiquiátricos foram escritos, baseados na crença de ser possível nomear, de um

¹⁷ Deprins, 2005, p. 30.

modo padronizado, o sofrimento humano. Surge assim aquilo que Barton (2005) denominou de *medicalização do sofrimento*¹⁸, que deve ser pensada como algo não restrito à utilização desenfreada de psicofármacos. Trata-se de um termo indicando uma forma de se lidar com o sofrimento na qual se privilegia um método solucionista. Ao fazer uso de um medicamento, a forma organizada de entrevista da terapia cognitivo-comportamental nos indica uma proposta de remediar o sofrimento. No roteiro de entrevista desse tipo de abordagem, coletam-se os dados daquele que expõe o seu sofrimento cabendo, àquele que ouve, “fechar um diagnóstico” utilizando os *parâmetros* do *DSM-IV*.

Para refletirmos quanto à questão da objetivação do sofrimento humano como na padronização, com base nos parâmetros dos manuais, devemos levar em conta uma consideração de Philippe Hellebois, em seu texto “As psicoterapias e o campo freudiano”. Segundo esse autor, a referida objetivação é uma marca do cientificismo e não da *verdadeira* ciência. Esta, diz ele, considera haver limites no saber que ela produz. La Sagna (2005) também contribui para essa distinção entre a ciência e o cientificismo. Em seu texto sobre a ciência, ele afirma que enquanto o segundo é regido pelo mercado, como Weber já o afirmara, a primeira se utiliza de leis diferentes daquelas do mercado. Milner (2006) auxilia-nos a compreender essa distinção ao afirmar que a avaliação não é ciência. Na verdade, trata-se de *roupagens científicas* que dão *ares* de ciência para que o *povo* possa acreditar em sua cientificidade¹⁹. Milner define a operação avaliadora como uma *arte do gerenciamento*. Nesse sentido, o autor afirma que:

Com o pretexto de que há medida, mede-se, escalona-se, conta-se, compara-se, imagina-se que é científico. Isso não tem nada de científico e os melhores avaliadores, os mais inteligentes, que estão interessados no problema, sabem perfeitamente que não se trata de uma ciência. Não é porque há cálculo que há ciência. (Milner, 2006, p. 16)

¹⁸ Barton, 2005, p.47.

¹⁹ Miller, 2006, p. 24

Como nos alerta Barton, o *campo psi* tem se preocupado com essas medidas e também com os questionários que pretendem reduzir tudo a uma forma objetiva. Com isso, indica-nos a autora, acabou-se por igualar a *eficiência* com a *eficácia*. Ela nos esclarece ainda a diferença entre os dois termos: o primeiro, refere-se ao *quantificável*, ao passo que o segundo só pode ser considerado no *caso-a-caso*, pois considera a *realidade subjetiva* e a *particularidade de cada sujeito*.²⁰ Em prol da eficiência, os especialistas se propõem a curar e, com este poder nas mãos, passam a julgar o que seria o bem e o mal para aquele que busca atendimento. Afinal, o especialista é que detém todo o saber e, a partir daí, detém também o poder de curar a *todos*. Assim, aquele que *cura*, como lembra Hellebois, é aquele que sabe (no sentido de poder julgar) o *bem e o mal*.²¹

Além desse *julgamento* de valores, o *bem e o mal*, trabalhar em prol da eficiência é incluir um *reducionismo* em sua prática, como nos coloca Barton, pois é impossível traduzir o sofrimento psíquico. Aliado a essa idéia, como resposta às tentativas de avaliação do sofrimento humano, temos a fala do Ministro da Saúde francês em 2004, Philippe Douste-Blazy²²: *o sofrimento humano não pode ser avaliado, nem mensurado*.²³ Em seguida, uma triagem feita na DPA servirá para ilustrar a importância dada pela sociedade contemporânea ao rigor objetivo em se obter a padronização.

Uma criança de cerca de seis anos chega acompanhada por sua mãe, a partir do encaminhamento de um médico psiquiatra do IPUB (Instituto de Psiquiatria/UFRJ), do qual constam duas informações. Em primeiro lugar, sobre a patologia da criança:

²⁰ Barton, 2005, p. 48.

²¹ Hellebois, 2005, p.147.

²² Philippe Douste-Blazy exerceu este cargo até novembro de 2004, segundo sua biografia. Disponível em: <http://www.ambafrance.org.br/abr/biografis/dousteblazy.htm>.

²³ Miquel Bassols faz referência a esta fala em *Efectos terapéuticos rápidos* (2005), p. 10.

Transtorno Obsessivo Compulsivo (TOC). Em segundo, a indicação de tratamento psicológico a ser realizado: TCC (Terapia Cognitivo-Comportamental). Inicia-se a entrevista e a mãe começa a descrever todos os *fenômenos (sinais da doença)* que o menino apresenta: seus rituais ao longo do dia. Além disso, ela diz que o pai teve o mesmo transtorno (e fez tratamento na DPA) quando o menino era mais novo. A mãe acredita que isso teve uma influência na doença do seu filho. Durante todo o tempo de seu relato, seu filho brinca com um dos carrinhos que tinha na sala e que havia sido oferecido a ele. Quando a mãe termina seu relato, peço permissão a ela e pergunto ao menino se ele gostaria de ficar ainda um pouco para brincarmos e conversarmos a sós.

Assim que a mãe sai da sala, o menino continua a movimentar o carrinho para frente e para trás, mas põe-se a falar espontaneamente. Diz com uma voz de choro: “estou sofrendo muito!”. E continua: “Tem uma voz que fica aqui na minha cabeça e diz que pode acontecer uma coisa muito ruim”. Pergunto sobre isso e ele me conta sobre o ritual durante o banho que ele *deve* fazer. Repete que pode acontecer algo ruim caso não o cumpra. Finalmente, diz bem baixinho, como quem conta um segredo, o que vai acontecer se não cumprir o ritual: “posso morrer”. Começa, então, a falar sobre a *voz*: diz que depois que ele realiza o ritual, ela desaparece. Mas, torna a afirmar: “Fica aqui dentro da minha cabeça”. Acrescenta ainda que se trata da voz de um *monstro*. Queremos destacar, aqui, dois pontos interessantes da fala dessa criança a respeito de seu sofrimento: de um lado, a mãe que relata o sofrimento de seu filho como uma descrição do DSM-IV; de outro, o relato da própria criança apontando para algo que é próprio do seu adoecimento, posto que, como ele diz, não é qualquer voz que o incomoda, é a de um monstro.

De acordo com o que vimos nessa entrevista, parece, então, ser necessária a presença da impessoalidade a fim de se alcançar a objetividade, obtendo-se assim

resultados precisos. Em seu relato, a mãe pareceu estar o tempo todo preocupada em descrever todo o “ritual obsessivo” e suas características como algo que se inclui nos *padrões* dessa doença, tal qual descritos pelos manuais.

Temos aqui uma exemplificação do que Weber denomina impessoalidade, na qual se deve obedecer à lei e não à pessoa. Assim, esse autor acrescenta que não deve haver *a menor influência de motivos pessoais e sem influências sentimentais de nenhuma ordem*²⁴. Nesse sentido, numa proposta avaliadora são os critérios para essa avaliação que servem à lei, permitindo assim a garantia da propriedade impessoal do saber burocrático. No exemplo descrito acima, a busca da mãe por um tratamento que enquadre seu filho pode ser considerado um indício da presença da impessoalidade? Essa ilustração nos leva a pensar que, com a proposta avaliadora, há a promessa de que essa mãe confirme o diagnóstico com o qual ela chega ao atendimento da DPA. A confirmação de um tal diagnóstico, a partir dos parâmetros do DSM-IV, tem por consequência não permitir um espaço para a singularidade, a fim de que seja mantida, a qualquer custo, a impessoalidade. Num movimento inverso, encontramos a *arte do um por um*, entendida como princípio da psicanálise, na qual se privilegia o *incomparável* e não o *um por um da enumeração*, indica-nos Miller (2004).

Se retomarmos a propriedade da aplicabilidade universal da burocracia, esta pode ser assegurada pela impessoalidade na qual só há lugar para o que pertence à objetividade. Mas, e o que não pertence ao âmbito objetivo, é transformado em algo desse campo ou é excluído? Talvez esta seja uma questão a ser considerada, pois, de algum modo, parece haver uma tentativa tanto de objetivação, buscando englobar o *não-objetivável*, quanto uma atitude de “deixar de lado” aquilo que não se consegue incluir num campo das medidas.

²⁴ Weber, 1944[1996], p.707.

São indícios de qual saber é esperado: aquele produzido pela burocracia. Primeiramente, Milner (2006) afirma que esse poder exercido pelo saber especialista seria, nos dias atuais, a autoridade da *expertise*. Leonardo Gorostiza (2005) retoma as idéias de Weber buscando atualizá-las e se utiliza do termo empregado por Milner. Segundo Gorostiza, essa autoridade é responsável pela avaliação e uso de questionários. Dessa forma, ele nos indica que a ciência busca *emudecer* o sujeito, ou, como indica Vieira (2004), este acaba por ser *apagado* pela coletividade. Como consequência, assinala Gorostiza, acaba-se por substituir a singularização e os laços de amor em prol desse universal que visa igualar a todos.

Podemos então dizer que se a modernidade privilegiou o *humanismo* com a valorização do *ser humano*, a era pós-moderna se apresenta como aquela que busca *proteger a Humanidade*²⁵, marcando o detrimento do particular em prol do universal. Como ocorre na passagem do personagem Wagner da obra de Musil. Em outro momento já nos referimos à reflexão desse personagem quando fala de sua preocupação com o *todo*²⁶, dizendo que as pessoas são todas iguais, sem diferenciação. A questão aqui remete à importância de se pensar no todo e não em cada um.

A triagem que nos serviu de ilustração anteriormente, leva-nos ainda a pensar sobre essa proteção de todos. Pensamos que o pedido da mãe em relação ao diagnóstico (a ponto dela tentar colaborar com sua descrição detalhada do comportamento do seu filho) pode ser lido como essa *proteção* na qual está indicado: seja como os demais, seja como as crianças que possuem TOC. Mas, nos perguntamos ainda: de que forma isso refletiria na questão do saber? Será que o saber universal visa apenas a proteção da Humanidade? A relevância disso para nossa discussão acerca do saber da psicanálise está justamente no fato de que o saber universal é muitas vezes esperado por aquele que

²⁵ Yunis, 2005, p. 142.

²⁶ Ver acima: p. 23-24 dessa dissertação.

busca um tratamento. Foi o que pudemos perceber nos exemplos de entrevistas iniciais da DPA.

A expansão do capitalismo nos moldes atuais vem contribuindo para o agravamento disso, pois, como nos alertava Weber, verificamos a proliferação do saber burocrático. A partir desse alerta e retomando o contexto atual, consideramos importante questionarmos as conseqüências, no âmbito do saber, dessa expansão do capitalismo. Veremos, a seguir, em que sentido a característica *hiper* da sociedade atual tem contribuído para a proliferação do saber da autoridade burocrática.

3) A expansão do capitalismo: a presença do hiper

Segundo Lipovetsky, o pós-modernismo foi marcado pelo aqui e agora, em conseqüência de uma série de fatores, dentre eles: *a rápida expansão do consumo e comunicação de massa*²⁷. Para esse autor, teríamos ultrapassado esse tempo, tendo em vista estarmos numa época marcada por uma outra lógica: a do hiper²⁸. Assim, nas palavras de Vieira (2004):

a teoria lacaniana da contemporaneidade não supõe uma ruptura com a modernidade e sim uma mudança de registro fundada na exacerbação de algo que já lá estava e em uma nova aliança entre seus principais personagens (p. 72).

Trata-se, então, de um tempo definido pela *modernização desenfreada, feita de mercantilização proliferativa, de desregulamentação econômica, de ímpeto técnico-científico, cujos efeitos são tão carregados de perigos quanto de promessas*²⁹. O indivíduo também não escapou dessa nova reorganização mundial: haveria, neste momento, o *hiperindividualismo*. Há um cuidado excessivo de si com a proliferação de

²⁷ Lipovetsky, 2004, p.52.

²⁸ Gostaríamos de esclarecer que o uso deste termo refere-se exclusivamente à importância de se marcar a lógica do *hiper* que rege os dias atuais. Não pretendemos, portanto, entrar na discussão sociológica dos termos pós-modernidade e hipermodernidade.

²⁹ Lipovetsky, 2004, p.52.

técnicas alternativas de se cuidar do corpo. É o que observamos, por exemplo, com as academias funcionando 24 horas por dia, denunciando um movimento constante, sem cessar. Enfim, um *fanatismo por higiene e saúde*, diz Lipovetsky. Além disso, devemos assinalar a importância de se *aproveitar* todo o tempo, sempre visto como escasso: há uma exigência de que tudo seja feito no tempo WEB³⁰, ou seja, em *tempo real*.

Mas, se por um lado temos o *hipercontrole*, por outro surgem os descontroles com a proliferação de patologias como: depressões, pânico, anorexias, bulimias. Conforme resume o autor, trata-se de um tempo que promove a ordem e a desordem.³¹ Ele assinala que esse descontrole tem uma ancoragem nessa temporalidade efêmera: há uma insegurança impelindo a uma incansável busca de proteção. Proteger-se das grandes epidemias, como a “gripe aviária”, e, mais do que nunca, proteção contra a violência mediante “carros blindados” e “condomínios residenciais fechados”.

Além da insegurança, há uma outra característica dessa época: a visão de futuro. Esta vem marcada pela incerteza na medida em que o futuro é determinado pela *dinâmica técnico-científica* cuja palavra de ordem é: *brevidade*.³² Trata-se de uma dinâmica que visa pesquisar sobretudo fazendo a substituição de uma técnica por outra numa velocidade inacreditável! Mas Lipovetsky nos esclarece que, frente a isso, não se encontra uma desesperança, mas uma *confiança instável*:

Motor da dinâmica dos investimentos e do consumo, o otimismo em face do futuro se reduziu - mas não está morto. Assim como o resto, a sensação de confiança se desinstitucionalizou, desregulamentou-se, só manifestando-se na forma de variações extremas. (2004, p.70)

Essa *confiança instável* é, de acordo com Lipovetsky, fruto de uma época denominada por ele como o *tempo de incertezas*, sem garantias a respeito do futuro. Além disso, podemos tomá-lo como exemplificação do que se denominou como *homem*

³⁰ Trata-se da forma abreviada de WWW (*World Wide Web*). Literalmente, significa rede do tamanho do mundo.

³¹ Lipovetsky, 2004, p.56.

³² Ibid, p. 68.

desbussolado, definido por Forbes como *o habitante de uma nova era*³³ marcada, por sua vez, pela queda da autoridade tradicional, como já indicamos com as considerações de Gorostiza.

Uma outra triagem nos demonstra uma certa tentativa de encontrar uma *bússola* orientadora. Um homem chega para a entrevista inicial dizendo estar muito triste por causa de seu relacionamento afetivo. Depois de algum tempo relatando que acha estar sendo traído, diz: “Sabe, sou homossexual”. Além disso, faz questão de enfatizar que frequenta vários grupos de apoio a pessoas com comportamento de risco (ou seja, que podem chegar a contrair AIDS) numa unidade de referência de DSTs da UFRJ, embora não se considere alguém que se inclua na categoria “com comportamento de risco”. Diz também que, com grande frequência, faz exame de sangue para saber se é “soro positivo”. Em meio a essa busca incessante da certeza de estar com uma saúde perfeita, marca do sujeito contemporâneo, esse homem diz ter contraído uma doença sexualmente transmissível (DST) do seu namorado, o único com quem mantinha relações sexuais. Isso nos permite supor haver nesse homem uma necessidade de se encaixar num grupo de um certo *ter*, a partir de sua incessante busca por exames e grupos de apoio para doenças que, até então, não tinha. Nesse caso, é o *ter AIDS* ou até mesmo qualquer outra *DST*. Além disso, observamos sua insistência em afirmar, desde o início, sua preferência sexual como quem tenta encontrar, a qualquer custo, algo que o defina.

Outro aspecto a ser assinalado na queixa desse homem concerne ao tema do amor. Durante a entrevista, fala longamente da sua fidelidade ao parceiro, mas também da sua tristeza quanto à infidelidade do mesmo. Trata-se de algo corriqueiro na vida contemporânea, uma vez que as relações amorosas nos dias de hoje se encontram cada vez mais frágeis, como afirma Lipovetsky. Contudo, apesar da vulnerabilidade das

³³ Forbes, 2005, p.30.

relações que iniciam e terminam na velocidade do *hiper*, há uma tendência a manter o amor como um ideal, foi o que pude encontrar no relato desse homem.³⁴ Isso parece indicar que nem tudo pode ser justificado pela lógica atual, pois algo sempre escapa. Mas, antes de pensarmos no que não entra nessa lógica, vamos pensar na técnica, fruto do saber burocrático, no que concerne ao sofrimento psíquico. Estamos falando da avaliação.

4) O saber burocrático e sua técnica de avaliação

Dando prosseguimento, seguiremos com o estudo sobre o que concerne à técnica, fundamental para se exercer o saber burocrático/especialista, porquanto esse produto da ciência tem como objetivo ser o solucionador de problemas. Para tal discussão, uma referência princeps é o livro “Você quer *mesmo* ser avaliado” (2006), onde encontramos o diálogo de dois autores - Jacques-Alain Miller e Jean-Claude Milner - acerca da atualidade e da *febre* pela avaliação. Segundo Le Blanc (2004), a *avaliação* permite *decompor a vida em funções*³⁵ que possuem uma forma normal de funcionar, ou seja, com essa prática é possível identificar aqueles que se *distanciam* da norma. Nessa perspectiva, Miller (2006c) afirma que a classificação permite *fazer pacotes*³⁶ dos indivíduos, enquadrando-os em classes pré-estabelecidas, nas quais cada indivíduo é *apenas* um exemplar de uma dada classe.

Jorge Forbes, autor do prefácio do referido livro, insere-nos no contexto que será tratado pelos autores: *vivemos a febre do ciframento, do tudo tem um preço; logo tudo é passível de ser comparado, avaliado; nada é singular*³⁷. Em prol de uma *vontade*

³⁴ A respeito da fragilidade das relações na atualidade, remetemo-los ao terceiro capítulo dessa dissertação.

³⁵ Le Blanc, 2004, p. 119.

³⁶ Miller, 2006b, p. 21.

³⁷ Forbes, 2006, p.ix.

*obstinada de standardização*³⁸, a atualidade é marcada pela ausência de valorização daquilo que é *singular*, próprio a cada sujeito ou, como nos indica Alberti (2004), a *tentativa de normalização do humano* seria uma recusa do que é *incomensurável*, pois, para esse autor, há algo que sempre se posiciona como *estrangeiro à norma*³⁹.

Na discussão central do texto supracitado, Miller e Milner (2006) se posicionam justamente nessa vertente, apresentando uma visão crítica desse *imperativo social de normalidade*, nas palavras de Deprins (2004). Diz Forbes:

[...][Miller e Milner] não concebem uma vida sem silêncio, sem singularidade, eles consideram, inversamente, que é este silêncio, o silêncio inavaliável, incomensurável, a própria essência da dignidade humana, fonte da invenção e da responsabilidade. (Forbes, 2006, p. xii)

Assim, esses autores defenderão a idéia de que há algo inavaliável. Mas, por outro lado, nos dias atuais, muitos acreditam na ilusão de que tudo é passível de avaliação. Utilizaremos a descrição de algumas triagens na DPA para problematizar essa discussão.

Em 2004, três triagens que foram realizadas por uma dupla de estagiários nos servirão para pensar sobre a expansão da avaliação na atualidade. Três amigos, estudantes de um curso de graduação do Centro de Ciências da Saúde da UFRJ - um rapaz e duas moças -, foram à DPA em busca de uma avaliação. Dois deles foram atendidos por uma estagiária de uma equipe de psicanálise, enquanto a outra jovem foi atendida por um estagiário da equipe de TCC. Só nos foi possível obter, para nosso levantamento, o relato da estagiária. Por conseguinte, não temos maiores dados da terceira triagem. Nas duas primeiras, tanto o rapaz quanto a moça achavam que conseguiriam fazer uma ‘avaliação’ na DPA. Após a estagiária perguntar o que era isso para cada um deles, a resposta foi semelhante em cada uma das entrevistas: disseram que seria algum tipo de teste psicológico que possibilitaria dizer como eles estavam.

³⁸ Alberti, 2004, p. 6.

³⁹ Ibid.

A estagiária, por sua vez, nos diz que a moça chegou a falar de alguma dificuldade que lhe era própria. Já o rapaz disse à estagiária que a vida dele não tinha nenhum problema, que estava tudo bem. Depois das triagens, a estagiária conversou com o outro estagiário e este afirmou que a estudante atendida por ele tinha algo que a incomodava, havia um interesse pessoal dela em buscar aquele atendimento, ao passo que os demais eram colegas que foram acompanhá-la e aproveitaram “para ver qual era a da DPA”. A estagiária relata que, por não haver ficado nada decidido tanto na entrevista do rapaz quanto na da moça, chamou-os para outras entrevistas. Diante desse convite, o rapaz responde que havia chegado à *conclusão* de que ele não precisava de tratamento. Quanto à moça, ela não retornou mais à instituição.

Notamos que, apesar dos dois estudantes se justificarem dizendo terem ido à DPA apenas para acompanhar a amiga, eles, porém, quiseram fazer a triagem: algo os levou até ali. Podiam ter escolhido, por exemplo, esperar a amiga finalizar sua entrevista inicial. Outra questão interessante foi quanto à demanda deles: serem avaliados. A avaliação é justamente aquela que se propõe a padronizar os sujeitos. Imersos nessa lógica, não foi por acaso que fizeram um pedido padrão – ser avaliados – e com a mesma justificativa. Se considerarmos a decisão da responsável pelas triagens, verificamos que esta não recua diante desse pedido, ao contrário, convida-os a retornarem com o intuito de que, numa próxima entrevista, algo próprio a cada um pudesse surgir.

Pensamos que o conteúdo dessas triagens nos serve de material para melhor refletirmos acerca do tema da avaliação. Não se trata de um simples uso do termo para se fazer referência a um processo de triagem. Na realidade, esses jovens buscam aquilo que é dado pela avaliação, a saber: um especialista em condições de dizer - nos termos de um desses jovens – como eles “estão na vida”, alguém que lhes forneça uma espécie

de *atestado médico* acerca de sua saúde. Por outro lado, apesar de muitas vezes não encontrarmos o uso explícito do termo *avaliação*, nós o encontramos de modo implícito em muitas triagens. É o caso, por exemplo, das triagens de crianças que chegam à DPA, com um pedido de que alguém nomeie seu sofrimento (no caso de crianças, o nome mais solicitado é o TDAH) ou confirme o diagnóstico já dado previamente por um terceiro, seja ele a escola, o médico ou, até mesmo, as informações veiculadas pela mídia. No outro atendimento citado anteriormente, tratava-se de um encaminhamento, pelo IPUB (Instituto de Psiquiatria/UFRJ), de uma criança já diagnosticada como portadora de TOC, que deveria ser tratada pela Terapia Cognitivo-Comportamental. Uma expectativa semelhante pôde ser observada em uma mãe quanto à confirmação do diagnóstico que a levou até ali com seu filho.

Milner (2006) nos auxilia a pensar nossa atualidade em que se privilegia a avaliação, como um tempo marcado por dois paradigmas: o do *problema-solução* e o da *avaliação*. No primeiro caso, podemos dizer que para todo problema haveria uma solução, como nos *problemas matemáticos*. Desse modo, seria uma generalização da matemática, uma *aritimetização da norma*, como considera Alberti (2004).

Nesse sentido, algo que antes não funcionava ou é *consertado* ou é substituído por outro, ao que Milner (2006) chama *esquema de substituição por equivalência*⁴⁰. Logo, trata-se da *substituição de um problema por uma solução*⁴¹. Além disso, o autor ainda acrescenta que essa solução seria dada pelo segundo paradigma, o da avaliação. Esta se baseia no *calculável*, e se pode considerar como o *paradigma da medida*⁴². De algum modo, garante Milner (Ibid), a avaliação também é regida pela substituição, pois o não-avaliado é substituído pelo avaliado. Quanto ao sofrimento humano, utilizando-se a propriedade de avaliação, este passa a ter um nome, uma classificação que o enquadra.

⁴⁰ Milner, 2006, p. 3.

⁴¹ Ibid, p. 4.

⁴² Ibid, p.3.

Assim, esse nome compartilhado por outros inseridos numa mesma *classe*, resultante da *aritimetização da norma*, corresponde à recusa do que é próprio a cada um.

A Terapia Cognitivo-Comportamental nos serve novamente para exemplificar a utilização de técnicas visando *tratar o sofrimento humano*, pois ela é uma forma de abordagem que parte do pressuposto de que a solução é a avaliação. Retomemos aos relatos sobre as triagens, em especial, a entrevista concedida por uma ex-estagiária da equipe de TCC. Depois de me explicar sobre o roteiro da entrevista semi-estruturada, conforme já mencionamos, decido lhe perguntar: “Mas, e quando a pessoa quer falar, simplesmente falar, como fica o seu roteiro?”. Ela então me responde que quando isso ocorre ela “busca trazer a pessoa para o foco”. Sendo o foco a entrevista semi-estruturada para diagnóstico inicial, podemos dizer, em última instância, que se trata de uma entrevista centrada na avaliação. À guisa de exemplo, transcreveremos alguns trechos de uma triagem realizada por essa ex-estagiária:

M., uma senhora de 52 anos, disse que seu marido lhe batia muito até o dia que resolveu se separar dele. Devido às ameaças de morte de seu marido, ela resolveu fugir para Fortaleza, lugar em que sua irmã morava. Disse que lá tinha pesadelos recorrentes sobre ser assassinada por seu marido. Ficou lá por dois anos e veio para o Rio de Janeiro, ainda tentando fugir dele. No Rio de Janeiro conheceu outro homem que também a violentava. [...] Na entrevista, M. se mostrou bastante ansiosa, com fala acelerada, chorando por diversas vezes.⁴³

Nesta descrição da triagem, chama-nos atenção a preocupação quanto ao que é *observável*, pois, ao final da descrição da fala dessa senhora, temos as seguintes observações da responsável pela triagem: “ansiosa, com fala acelerada”, indicando a focalização na avaliação. Podemos dizer que há uma preocupação com o observável e nenhuma relevância dada aos sonhos, que, embora anotados no relato da triagem, não são considerados. Devemos lembrar que, para a psicanálise, desde Freud, os sonhos são a via régia para o inconsciente⁴⁴, enfatizando assim uma preocupação quanto ao que, da

⁴³ Trata-se da descrição de uma triagem, gentilmente cedida por esta ex-estagiária da DPA, pertencente à equipe de Terapia Cognitivo-Comportamental.

⁴⁴ Freud, 1900, p. 597.

fala de um sujeito, lhe é exclusivo e não-passível de padronização, ou seja: seu inconsciente. Nesse caso, logo no início da fala dessa senhora, constatamos que, relacionados a seu sofrimento - ser violentada -, haviam “pesadelos recorrentes”. Deduzimos então que a forma de se estabelecer a entrevista inicial já nos indica tratar-se de uma proposta de tratamento bastante distanciada da psicanálise.

Um outro aspecto que evidencia a distância entre as abordagens TCC e psicanalítica já no processo de triagem é que, na abordagem TCC, a pessoa “sai do foco”, ou seja, afasta-se de um programa de avaliação inicial, pré-estabelecido, o que é considerado como dificultando o trabalho do especialista. É justamente esse aspecto, ou seja, sobre o contrato estabelecido previamente nesse tipo de abordagem que Milner (2006) põe em questão. Na verdade, propõe-se um acordo entre os envolvidos sob a suposição de que estes se equivalem, *têm algo equivalente para trocar*⁴⁵. Ou seja, conforme nos diz o autor (Ibid), propõe-se uma situação em que há uma operação contratual na qual se pressupõe uma igualdade entre os envolvidos. Podemos entender melhor o contrato ao associá-lo com a avaliação. Por um lado, deve haver uma avaliação para se verificar a capacidade do *parceiro* cumprir com o contrato. Por outro, para haver uma avaliação é preciso o contrato estabelecendo que o avaliado aceite se submeter ao procedimento, e que o avaliador possa dar *sua competência e seu parecer [expertise]*⁴⁶. Outro ponto a ser ressaltado quanto à relação contrato/avaliação, é denunciar que não há possibilidade para o *não-dito*, pois o que *não é expressamente dito que não vale*⁴⁷. Por fim, a partir desse contrato se estabelece o *hiperparadigma da equivalência* que reúne os dois paradigmas supracitados: o *problema-solução* e *avaliação*.

⁴⁵ Milner, 2006, p. 5.

⁴⁶ Milner, 2006, p. 5

⁴⁷ Ibid, p. 7.

Ainda na discussão do mencionado texto que nos serviu de referência, Miller nos indica que, na atualidade, estamos diante de um *ser zen*. Trata-se de uma postura cujo intuito é *não ser muito tocado pelas coisas* (Miller; Milner, 2006, p. 20). Lipovetsky a entende como uma tentativa dos sujeitos, diante de um futuro incerto, de *não mais sentir*, buscar um retorno à juventude a fim de se manterem numa *fênix emocional*.⁴⁸ Isso acontece devido à possibilidade concedida pelas soluções prontas, obtidas com os métodos de avaliação. Ou seja, estamos falando de um saber pronto no qual não há participação do sujeito em questão.

Recorreremos, mais uma vez, à nossa experiência na DPA com as entrevistas iniciais. O relato a seguir refere-se a um homem que retorna à instituição após o término de sua participação num grupo de TCC para um transtorno específico, pois a responsável por esse grupo, no final do tratamento, o havia encaminhado de volta à DPA a fim de que realizasse uma terapia individual para, então, poder falar de seu sofrimento. Só que, para isso, ele deveria procurar uma outra abordagem terapêutica. Ele contou que o trabalho em grupo é algo *focado* no transtorno, mas que gostaria de falar sobre outras coisas que acreditava terem contribuído para esse adoecimento. Fala de sua crise financeira, pois, atualmente, está desempregado. Conta que durante toda sua vida ocupou um bom cargo, conseguido às custas de seu bom desempenho profissional, sua experiência. Mas, “não tinha qualificação para tal”. Diz que fez faculdade de jornalismo, mas nunca exerceu. Sobre a função que exercia no seu trabalho, diz que, diferentemente do que ocorre hoje, quando começou a exercitá-la ela não era ensinada nas universidades. Então, quando perdeu o emprego, tentou conseguir outros apostando na sua *experiência*. Mas, afirma ele, nos dias de hoje isso não é suficiente.

Essa situação nos põe diante da relevância do saber especializado no mundo atual e de sua conseqüência sobre o sujeito quando este se defronta com ela. Em uma

⁴⁸ Lipovetsky, 2004, p.80.

época em que se valoriza o saber especializado, não há lugar para o saber proveniente da experiência por onde se verifica algo particular. Os relatos desse sujeito nos remetem não só à sua dificuldade de se *enquadrar* num emprego - devido às exigências do mercado-, como também à dificuldade de não conseguir se *enquadrar* numa terapia de grupo: queria falar de suas questões, mas, no grupo, não havia espaço para esse tipo de demanda. Podemos pensar nisso como uma ilustração do que a TCC denomina de *sair do foco*. Ou, em outros termos, poderíamos dizer que se trata de uma tentativa de não aceitar a padronização.

Nesse sentido, esse relato nos assinala um apagamento do sujeito posto que ele, nos termos de Miller (2006), não é *tocado*. Miller (Ibid) nos esclarece que, nesses casos, há simplesmente uma *mutação* de um *ser não avaliado* em um *ser avaliado*, *carimbado*.⁴⁹ Ele explica a operação de avaliação lançando mão da metáfora da *caixa preta*. Afirma que nada sabemos sobre essa operação porque ignoramos o que ocorre, já que o importante é o seu efeito: a *mutação*. Desse modo, passa-se de um estado definido por Miller (Ibid) como *indeterminado, inapreensível, desconhecido* ⁵⁰ para um segundo estado: o de ser carimbado.

Essa *mutação* foi denominada por esse autor de *batismo burocrático*. Este, por sua vez, permite uma transformação na qual *o credenciado, o avaliado é depurado de suas faltas e fica limpo como um bebê*⁵¹. Esse *batismo* é a consequência maior da burocracia, tal como vimos anteriormente, pois, para fazer valer a sua autoridade, a burocracia depende da referida *limpeza* a fim de se alcançar a impessoalidade. Segundo Weber, essa impessoalidade é alcançada com a ausência de sentimentos. O que isso significa? Anular as diferenças de cada um. Além disso, assistimos, nos dias de hoje, à tentativa de se obter esse princípio burocrático através de uma padronização.

⁴⁹ Miller, 2006, p.21.

⁵⁰ Miller, 2006, p. 21.

⁵¹ Ibid, p. 22.

A respeito dela, poderíamos nos perguntar: e o que haveria no carimbo? A resposta é imediata: *Seja como todo mundo*⁵², nos assinala Miller (2006). Assim, não haveria participação nenhuma do sujeito uma vez que ele não é *tocado*, mas *igualado*, posto em *equivalência* com os demais. Foi o que pretenderam os três jovens estudantes ao realizarem a triagem na DPA: através de uma avaliação, receberiam um carimbo. Pouco importando se no carimbo estaria inscrito: “preciso, ou não, de *terapia*; minha vida está boa ou ruim; sou normal ou não”. De todo modo, isso lhes possibilitaria alguma classificação que lhes permitiria a inclusão em algum grupo.

A equivalência, presente no *seja como todo mundo*, seria assim o objetivo maior da avaliação. A partir desse objetivo, ela impõe um saber pronto que disponibiliza soluções a todos os problemas, sem, contudo, haver a participação daquele que se submete a esse saber técnico. Retomando o caso do rapaz que retornou à instituição após ter sido avaliado, percebemos que esse sujeito se incomoda com o *não ser tocado*, com o não poder falar sobre as coisas que o afligiam. Por outro lado, há aqueles que precisam desse *carimbo*. É o que veremos, logo em seguida, na entrevista de uma mulher que lê tudo sobre depressão.

Ela procura a instituição por intermédio da irmã que faz grupo de depressão com a equipe de TCC. Diz que acha que tem depressão e informa, inclusive, que gosta muito de ler sobre o assunto. Conta que sua irmã ganhou, no grupo do qual participa, um material informativo sobre depressão. Diz que pegou esse material emprestado e o leu no intuito de entender o que era depressão. Além disso, conta que lê muitos livros de auto-ajuda. Assim ela nos indica como realiza, de certo modo, sua busca de informações acerca de um saber pronto.

Em outro momento, Miller (2004) nos esclarece um pouco mais sobre a técnica da avaliação, a partir da consideração de que há um *boom* de questionários que se

⁵² Ibid, p.36.

propõem a classificar o sofrimento psíquico, a partir de uma padronização. Esse dispositivo-questionário e a consequência de sua aplicação encontram-se explicitados na seguinte passagem:

Dizem-lhe: “Fale”, ou melhor, “Escreva”. Convidam-no a responder [o questionário], mas o sujeito é, desde então, capturado num parêntese de escrita, em um dispositivo que faz com que sua resposta seja necessariamente comparável àquele de um outro, quer ela seja a mesma, diferente, na média... (Miller, 2004, p. 4)

Enquadrar-se a partir da padronização dos questionários é o que permite *tornar-se um homem sem qualidades*⁵³, na medida em que as qualidades do sujeito são reduzidas às opções encontradas nos quadradinhos dos questionários. Trata-se, então, de uma lógica na qual *a defesa de todos vem apagar o âmbito do que compõe o singular*⁵⁴.

Miller (2004) propõe considerar que a prática baseada nos questionários se opõe à prática analítica. Tal oposição estaria, de certa forma, no fato de que na primeira prática temos um saber imposto como verdade. O mesmo autor explicita, num outro artigo acerca do tema, como é o saber em questão nos dias atuais: um *saber total* que se apóia numa *quantificação generalizada* do ser humano (Miller, 2005a). Avaliar a partir de uma padronização pode ocorrer, mas às custas de muitos erros diagnóstico, já que a proposta é que todos se enquadrem nos diagnósticos. Uma agitação da criança com a qual a escola não sabe o que dizer - nem como lidar- pode gerar o carimbo TDAH, muito comum nos dias atuais. Um outro caso na DPA aumenta essas *estatísticas*.

Tratava-se de uma criança encaminhada pela escola, que a diagnosticava como uma *criança hiperativa*. Ao longo da entrevista, a mãe repete várias vezes o que a trouxera ali: o diagnóstico feito pela escola no qual é dito que o menino é muito agitado. Enquanto isso, o menino, que estava presente na sala, passa todo o tempo sentado numa cadeirinha num canto da mesa, muito quieto, sem falar nada. E, em seguida, peço à mãe

⁵³ Miller, 2004, p. 5.

⁵⁴ Yunis, 2005, p.142.

para se retirar, com o consentimento do menino, a fim de que eu possa conversar com ele. Pergunto se quer brincar, ele diz que não, mas aceita conversar. Fala sobre a escola da qual fez várias reclamações e conta a respeito de alguns problemas com alguns colegas de turma: algumas brigas, discussões, desentendimentos. O mais interessante é que ele fala tudo calmamente, sem nenhum sinal da tal *ansiedade*, *agitação*, justamente os *parâmetros* que caracterizariam o tal transtorno.

Ainda sobre o enquadramento, quando este não ocorre os avaliadores concluem que devem “avançar” com esse saber e criar novas categorias. Como já assinalamos no começo desse capítulo, trata-se de um ciclo que não cessa de se repetir e que precisa ser sempre *renovado*. Milner faz uma importante pontuação ao elucidar a questão do não-avaliável/insubstituível, posto que algo escapa. Isto que escapa, segundo Milner, seria semelhante à *mais-valia* de Marx. Esta, como se sabe, é um processo no qual há *um excesso que resiste a qualquer substituição calculável entre força de trabalho e salário*⁵⁵ Assim, a avaliação promove *a mutação de um saber irrefletido, espontâneo, em um saber organizado, cifrado, comparável, digno de entrar na biblioteca universal dos saberes avaliados*⁵⁶.

5) Psicanálise diante do saber burocrático

Conforme já dissemos, segundo Weber a noção de impessoalidade recai sob a exclusão dos sentimentos. Isso ocorre graças ao que foi denominado por esse autor como a expansão do processo de *desumanização*. Sendo assim, trata-se de eliminar aquilo que possa servir de obstáculo à *eficiência* do saber burocrático.

Ocorre ainda que, para a autoridade ser *autêntica*, deve haver um mínimo de interesse por parte daquele que confia nessa autoridade. Nos dias de hoje, nos

⁵⁵ Milner, 2006, p. 10.

⁵⁶ Ibid, p. 26/27.

deparamos com o declínio das autoridades tradicionais. Tal declínio surge na medida em que não há interesse nem confiança. Como nos indica Gorostiza, essa crise da autoridade, no contemporâneo, é fruto da *globalização irrefreável*. Talvez esse tenha sido o alerta de Weber, quando indicava que a expansão do capitalismo levaria à *desumanização*, conseqüência da expansão da burocracia e do seu saber especializado.

Se pensarmos na proposta universalizante da ciência, temos, aliada a essa exclusão, a eliminação do espaço de um particular, como nos lembra Gorostiza (2005). A respeito disso, o autor nos diz que: *uma fórmula científica não pode ter validade se variar segundo a comunidade*⁵⁷. Na contramão do cientificismo, a psicanálise fala do lugar da eficácia e não da eficiência dos resultados. Logo, trata-se de um lugar oposto ao ocupado pela autoridade da *expertise*. Yunis (2005) afirma que a psicanálise seria: *um resto de voz que não consente com as armadilhas do mal-estar atual e que deve tomar a palavra para tentar encontrar o que fazer com esse irreduzível próprio da época*⁵⁸.

Diferentemente do que acontece no saber burocrático/especializado, em psicanálise, como nos assinala Milner (2006), não há um tratamento técnico do saber, universal. De acordo com Miller (2005a), Lacan teve um papel importante na defesa de uma prática fora dos *valores comuns* e de *todas as estruturas universais que são tão anônimas*⁵⁹.

À guisa de conclusão, nessa primeira etapa de nossa investigação, conseguimos subsídios que nos permitiram pensar haver uma outra modalidade de saber em jogo na psicanálise, distinta daquela que torna todos anônimos ao englobá-los num nome comum. Resta-nos, então a seguinte pergunta: se a psicanálise caminha na contramão do saber burocrático, não fazendo uso da relação saber e técnica, em que via ela caminha?

⁵⁷ Gorostiza, 2005, p.23.

⁵⁸ Yunis, 2005, p.142.

⁵⁹ Miller, 2005a

Para elaborarmos a resposta, retornaremos à obra freudiana uma vez que, para Freud, o interesse da criança pelo saber se inicia e se verifica com suas investigações sexuais, indicando, assim, haver uma estreita ligação entre saber e sexualidade.

CAPÍTULO 2

A relação sujeito/saber: das investigações sexuais infantis ao *desejo de não saber*

Diante dos traços do saber burocrático, predominante na hipermodernidade, devemos voltar nossa atenção para uma outra modalidade de saber: aquele em jogo na psicanálise, pois, a partir de nossas investigações mencionadas no capítulo anterior, encontramos a indicação de que a psicanálise não tem relação com a técnica. Milner nos afirma haver, na Psicanálise, em especial graças à Lacan, uma relação não-técnica com o saber. Seguiremos essa indicação buscando investigar como se estabelece uma tal relação *não-técnica*, assim como as razões do autor, em sua afirmação, ter conferido um destaque especial a Lacan. Ao fazer avançar a psicanálise a partir de sua releitura da obra freudiana, Lacan, além de mencionar em diversos momentos como a psicanálise concebe o saber, ele o distingue em relação ao saber científico. Mas, neste momento de nossa investigação, também se faz necessário nos debruçarmos sob os textos freudianos, a fim de avançarmos tendo por base a seguinte questão: se não se trata de um saber especialista tal como o que a autoridade burocrática detém, qual é o saber em jogo na Psicanálise?

1) Um saber que não está a serviço do esclarecimento

Para prosseguirmos, nos pautaremos em uma concepção de saber a partir da qual pretendemos pensar de que relação se trata na psicanálise. Seguindo as indicações dos textos freudianos, privilegiaremos a ligação do saber com o inconsciente. Nesse sentido, uma indicação importante nos é dada por Lacan (1976) ao dizer que Freud sempre concebeu o inconsciente como um saber, mas este, lembra-nos, é um *saber falado*⁶⁰. Conclui então que o inconsciente é *inteiramente redutível a um saber*⁶¹, o que permitiu a Miller (2006d), retomando essas indicações, afirmar tratar-se de um *inconsciente-saber*⁶². A fim de melhor compreendermos este último termo, que ratifica a relação entre o saber e o inconsciente, destacaremos um comentário de Miller a respeito do momento em que Freud, no exercício da prática analítica, depara-se com o inconsciente:

Freud não cessou de fornecer disso [um inconsciente ligado ao saber] a demonstração em seu momento de estupefação e de descoberta do inconsciente. Maravilha! Vocês pegam um lapso, pedem suas associações e logo vocês obtêm os fios que se trançam, vocês têm toda uma rede de saberes que são dispostos em seus lugares. (Miller, 2006d, inédito.)

Outra via para nos guiar nessa relação do inconsciente com o saber estaria na retomada dos termos em alemão *bewusst* e *unbewusst*, que correspondem a consciente e inconsciente, respectivamente. Na origem dessas palavras, há uma menção ao saber, pois o primeiro termo, *bewusst*, corresponde àquilo que é sabido, conhecido. Quanto ao segundo termo, *unbewusst*, corresponde a algo desconhecido, que é não sabido pelo sujeito⁶³. É legítimo, então, o *não sei* por parte do paciente, posto tratar-se de um *saber que não se sabe*, como nos lembra Besset (2005, p. 92). É esse *não sei* que o fará crer haver alguém que sabe e que o levará a buscar um analista.

⁶⁰ Lacan, 1976, inédito.

⁶¹ Ibid.

⁶² Miller, 2006d, inédito.

⁶³ Etchereverry, 2003 [1978], (P.94)

Assim, podemos dizer que se trata de um saber que não visa esclarecer já que não é um conhecimento. Para ilustrar essa diferença entre não saber e falta de conhecimento, lançaremos mão de um extrato de caso relatado por Freud quando ainda iniciante na prática da psicanálise. Trata-se do caso de uma jovem histérica e homossexual que foi surpreendida por sua mãe em uma de suas práticas e que veio a sofrer, em seguida a essa cena, uma crise de amnésia. Depois de ouvir a mãe, Freud relata à jovem o que ela lhe contara. Diante disso, a jovem reagiu com um ataque histérico, o qual, nos termos de Freud, era uma *violentíssima resistência a um saber que lhe era imposto*⁶⁴. Desse modo, através de sua prática, o autor ratifica que o saber, no qual a psicanálise aposta, é distinto do conhecimento. Como Miller (1998) assinala, é um saber relacionado a um não-saber, é o *marco mesmo do saber*⁶⁵. Em outras palavras, trata-se da ignorância na qual *se sabem muitas coisas e que só poucas coisas se ignoram*⁶⁶.

Esta não é a posição do analista. Como nos alerta Besset (2005, p.89), o analista não sabe o que é melhor para o sujeito, o que este deve fazer, ou seja, não assume uma postura pedagógica. Sobre este ponto, a autora nos lembra a formulação de Lacan: *a paixão pela ignorância*, destacando não se tratar de uma paixão de *não saber*. Ao contrário, trata-se de conceber o saber como um conjunto vazio, conforme também nos indica Miller⁶⁷. Para esse autor, a *paixão pela ignorância* situa-se no contorno do saber-conjunto vazio⁶⁸, permitindo *atribuir saber* a quem endereça a fala a um analista⁶⁹.

Para tanto, é preciso que o analista não se coloque como aquele que vai preencher as lacunas indicadas pelo sujeito, nos diz Besset (2005). Então, o que deve fazer o analista? Miller nos responde ao afirmar que o *não sei* também deve estar do

⁶⁴ Freud, 1913, p. 142

⁶⁵ Miller, 1998, p. 221.

⁶⁶ Ibid, p. 222.

⁶⁷ Ibid, p.221.

⁶⁸ Ibid, p. 222.

⁶⁹ Besset, 2005, p.88.

lado do analista, isto é, cabe ao analista agir *como se não soubesse de nada* sustentando assim seu interesse por aquele que fala⁷⁰. Nessa proposição do autor, podemos questionar a posição *como se* por parte do analista. Todavia, nos diz ele, não se trata de uma mentira, uma vez que, de fato, o analista não sabe. Essa posição permitirá que nesse *conjunto vazio* se construa um *novo saber*, como afirma Besset (2005), ou seja, um novo saber pode se construir sobre essa *recusa* [do analista] *em se colocar em um lugar de saber prévio*⁷¹: *Em suma, o que se denomina, assim, 'paixão da ignorância' é a definição de uma posição que pode favorecer, do lado do sujeito que se trata, a emergência ou a construção de um saber que lhe é particular* (p.93). Tal afirmação nos auxilia a pensar que não se trata de um conhecimento a ser transmitido, algo *ensinável*. Para Miller, distinto dos manuais que ensinam a todos como manusear os *gadgets* de nossa época, o saber em jogo na psicanálise só serve para um certo sujeito, *não vale para os outros*. Nesse sentido, assinala o autor, na experiência analítica não se trata de um saber que dá instruções do tipo: *tome a direita, depois a esquerda e encontre o quiosque*⁷².

Além de não se tratar de um saber que dá diretivas, Miller (2006d) enfatiza tratar-se de um saber do qual faz parte um *furo*. Ele o exemplifica fazendo referência à prática de Freud : [...] *a existência do furo que faz com que nenhuma interpretação dos sonhos, por exemplo, seja completa*⁷³. Logo, não se trata de um saber total, mesmo depois de um longo percurso num tratamento analítico. Em “Análise terminável e interminável”, Freud afirma que, ao fim de um tratamento analítico, resta ao sujeito a *rocha de base*⁷⁴, indicando assim haver uma impossibilidade de se saber tudo. Além disso, segundo ele, tal rocha tem relação com um *grande enigma da sexualidade*⁷⁵.

⁷⁰ Miller, 1998, p. 222

⁷¹ Besset, 2005, p. 93.

⁷² Miller, 1998, p. 224.

⁷³ Miller, 2006d, inédito.

⁷⁴ Freud, 1937, p. 253.

⁷⁵ Ibid, p. 254.

A formulação de um *furo no saber* nos permite afirmar haver uma relação do saber com a sexualidade. Outra indicação dessa relação estaria no surgimento do interesse por tal saber. Para Freud, esse interesse se inicia com as teorias sexuais infantis. Em nossos estudos desses textos, deparamo-nos com uma outra indicação freudiana de que há uma relação entre a pulsão e o saber. Entendemos pulsão e libido tal como Freud as define: *a pulsão possui uma determinada quantidade de energia psíquica (libido)* (Freud, 1915, p. 147). Mais tarde ele afirmará: *chamamos de libido - desejo sexual - a força com que a pulsão sexual emerge na vida anímica* (Freud, 1917[1916], p. 129).

Prosseguindo nessa vertente freudiana, há uma importante indicação feita por Miller. O autor afirma que *a relação com o saber [no tratamento analítico] mobiliza a libido e é preciso que essa libido se dedique ao saber*. (Miller, 2006a). Essa afirmação nos faz voltar a atenção para os textos psicanalíticos iniciais, a fim de podermos compreender e avançar em nossa investigação.

Desse modo, nossa proposta no presente capítulo será pensarmos a relação saber e pulsão/libido, pois sabemos que ela nos serve como marca fundamental da diferença da experiência analítica em relação ao saber científico, uma vez que este se atrela à técnica, conforme vimos no capítulo anterior. Além disso, dando continuidade à discussão anterior, pensaremos a relação do sujeito com o saber na atualidade, graças à predominância do saber especialista.

Pretendemos avançar na compreensão do saber embasados no conceito *inconsciente-saber*, abordado anteriormente, e na indicação de Miller, supracitada. Ademais, seguiremos investigando a seguinte questão: diante da burocracia contemporânea, como fazer com que a libido se dedique ao saber?

2) Investigações sexuais infantis: a ligação entre saber e pulsão

A sexualidade infantil era desconhecida da sociedade até a publicação do célebre texto freudiano datado de 1905: “Os três ensaios sobre a teoria da sexualidade”. Dentre os ensaios, um foi dedicado ao período infantil no intuito de demonstrar, partindo das observações das crianças, que a sexualidade não surge apenas na puberdade. O argumento de Freud sobre a razão de se ter negado por tanto tempo a existência de sexualidade desde a infância se baseava na ocorrência da *amnésia infantil*, cujo efeito é fazer com que os adultos não se lembrem dos fatos ocorridos nesse período da vida. Portanto, a partir de Freud, podemos pensar na existência de uma sexualidade infantil e atribuir à *amnésia infantil* as primeiras lacunas inseridas no saber sobre a sexualidade do sujeito. Nas palavras de Freud:

En mi opinión, pues, la amnesia infantil, que convierte la infancia de cada individuo en un tiempo anterior, por así decir prehistórico, y le oculta los comienzos de su propia vida sexual, es la culpable de que no se haya otorgado valor al período infantil en el desarrollo de la vida sexual. Un solo observador no puede llenar las lagunas que ello ha engendrado en nuestro conocimiento. (Freud, 1905, p.159)

Nesse sentido, quando o Pai da Psicanálise faz a sociedade psicanalítica da época voltar sua atenção para a *curiosidade infantil* acerca da sexualidade, ele promove uma *formulação inédita de sexualidade no terreno do saber* (Santiago, 2005, p.72). Conforme já dissemos, para Freud (1908)⁷⁶, o interesse pelo saber inicia-se na infância com as pesquisas sexuais, o que nos permite afirmar que a relação do sujeito com o saber é marcada pela sexualidade. Em seu ensaio dedicado ao tema, o autor indica que se trata de uma simultaneidade entre o *florescimento da vida sexual* e o início da vida

⁷⁶ Segundo James Stratchey, em sua nota introdutória ao texto de 1908, é neste momento que Freud fala pela primeira vez a respeito das investigações infantis. Pois, em seu texto “Três ensaios sobre a sexualidade” (1905), a seção que trata sobre “A investigação sexual infantil” foi acrescentada ao texto original apenas em 1915.

intelectual (Freud, 1905, 176). A partir dessa afirmação, nos perguntamos se essa ligação irá marcar, definitivamente, a relação do sujeito com o saber.

O objetivo das investigações iniciais da criança é responder a questão: *de onde vêm os bebês?* Freud afirma que esse é sempre o primeiro problema com o qual a criança se depara, antes mesmo da diferença entre os sexos. Para o autor, é uma questão similar ao famoso enigma da Esfinge que deveria ser solucionado por Édipo na Grécia Antiga. O enigma é o seguinte: "Que criatura pela manhã tem quatro pés, ao meio-dia tem dois, e à tarde tem três?". Aqueles que não respondiam de maneira correta eram estrangulados. Apenas Édipo consegue solucionar o enigma ao responder: o homem, pois engatinha como bebê, anda sobre dois pés na idade adulta, e usa um arrimo quando é velho.⁷⁷

Servindo-se dessa analogia, Freud considera tratar-se de uma investigação de ordem prática, posto que essa questão surge quando a criança se depara com a chegada de outra criança, seja um irmão (ã) ou algum outro bebê do qual ouve falar. Assim, é diante de uma ameaça, tal como a que foi feita pela Esfinge, que a criança se vê confrontada com a tarefa de desvendar o mistério da origem dos bebês. Pois, com a chegada de outra criança, o pequeno investigador teme que o bebê possa ocupar o seu lugar junto aos adultos, ou seja, é uma investigação que se inicia graças ao medo de perder a atenção e cuidados dos adultos à sua volta.⁷⁸

Ao relatar a tentativa de solução do primeiro enigma com o qual se defronta a criança, Freud nos apresenta a marca inicial de suas reflexões a respeito da relação do sujeito com o saber inconsciente. Nessa investigação em busca do saber sobre a sexualidade, as crianças também recorrem aos adultos mais próximos que lhes dão algumas respostas as quais, em geral, não são muito satisfatórias para a criança, que se

⁷⁷ Fonte: www.pt.wikipedia.org

⁷⁸ Freud, 1905, p.177.

vê, então diante de um conflito: de um lado, a teoria que criou; de outro, a resposta dada pelo adulto, aquele que, segundo a criança, detém saber maior do que o dela. Logo, é o receio de perder o carinho e a atenção dos adultos próximos que mobiliza a criança em direção ao saber.

Além disso, não se trata de algo inato, marca o autor, mas sim proveniente da pulsão, nomeada *pulsão de saber (Wissstrieb)*. Mas, sobre ela, nos adverte o autor:

La pulsión de saber no puede computarse entre los componentes pulsionales elementales ni subordinarse de manera exclusiva a la sexualidad. Su acción corresponde, por una parte, a una manera sublimada del apoderamiento, y, por la otra, trabaja con la energía de la pulsión de ver. Empero, sus vínculos con la vida sexual tienen particular importancia, pues por los psicoanálisis hemos averiguado que la pulsión de saber de los niños recae, en forma insospechadamente precoz y con inesperada intensidad, sobre los problemas sexuales, y aun quizás es despertada por estos. (Freud, 1905, p.176-177)

Portanto, não se trata de um tipo de pulsão como as outras, uma vez que ela não está presente na teoria das pulsões. Podemos dizer que seria uma *estratégia freudiana* visando mostrar uma relação fundamental, como diz Freud, entre pulsão e saber. Desse modo, ele nos mostra haver uma satisfação com a curiosidade intelectual⁷⁹. Para Santiago (2005), o conceito *pulsão de saber* deve ser entendido como *uma modalidade de força pulsional que, trabalhando a serviço dos interesses sexuais, aciona a atividade intelectual, por despertar no sujeito uma ânsia de saber*. (Ibid, p.65)

Ao considerarmos ser esse o início do *interesse em saber*, nos cabe agora investigar a relação entre saber e sexualidade. Interessada em construir sua própria teoria sexual, a criança parte rumo a um saber inconsciente sobre o seu desejo (Santiago, 2005). Mas, devido tanto ao início precoce dessas investigações quanto ao fracasso das mesmas, nos assinala Freud em seu texto de (1908), à medida que a criança cresce, vai ocorrendo um declínio. Esse fracasso, segundo o mesmo autor (1905), deve-

⁷⁹ Santiago, 2005, p. 125

se ao fato de a criança ignorar dois dados importantes da realidade: o *sêmen* e a *abertura sexual feminina*.⁸⁰

No caso clássico do Pequeno Hans, temos a ilustração de sua desconfiança em relação à sua própria teoria para dar conta do enigma: *de onde vêm os bebês?*, graças a um fato ocorrido no dia do nascimento de sua irmã. Ou seja, temos na desconfiança de Hans um exemplo desse instante inicial que levará, num outro momento, ao afastamento da *pulsão de saber*. Hans estava à espera de sua irmã mais nova que, segundo ele, seria trazida pela *cegonha*. No dia do nascimento dela, que ocorreu em casa com a ajuda de uma parteira, Hans ouve os gemidos de sua mãe durante o parto. Associa o que ouviu à chegada da cegonha. Depois, ele se depara com o médico com uma maleta. Para Hans, seria uma confirmação de que, naquele dia, a cegonha iria trazer sua irmã. Após o parto, Hans é levado ao quarto de sua mãe. Ao chegar lá, não olha para sua mãe, mas para os recipientes que estavam com água e sangue. Diante desse cenário, surge a dúvida: *Mas...de meu pipi não sai nada de sangue*⁸¹. Para Freud é, nesse momento, *sem dúvida, que se tem nele [no Hans] a garantia da primeira desconfiança em relação à cegonha* (1909, p.11). Logo, esta cena propiciadora da desconfiança de Hans nos aponta o que o autor garante ser sua consequência: a renúncia à investigação em direção ao saber pelo fato de o sujeito ter se afastado da *pulsão de saber*.

Em um texto freudiano sobre Leonardo da Vinci⁸², encontramos os possíveis destinos da pulsão em direção ao saber: inibição neurótica do pensar, compulsão neurótica do pensamento e sublimação. Veremos, a seguir, como essa *renúncia ao saber inconsciente* pode se transformar sob o efeito do recalque, nos casos de inibição e compulsão, ou sob atuação da sublimação sobre a pulsão.

⁸⁰ Freud, 1905, p. 179.

⁸¹ Freud, 1909, p. 11.

⁸² Freud, 1910.

3) O investimento libidinal no saber após as investigações sexuais infantis

Após a pulsão se afastar da investigação infantil, qual seu destino, ou seja, para onde se dirige esse investimento? Visando encontrar a resposta, buscaremos utilizar fragmentos da prática clínica que ilustrem cada um desses destinos que descreveremos a seguir. Na primeira situação, utilizaremos uma vinheta clínica de nossa própria experiência. Nos demais, recorreremos a Freud. Para a compulsão neurótica de pensar, retomaremos o caso clássico de Homem dos Ratos, ao passo que para a sublimação, seguiremos os comentários do autor a respeito de Leonardo da Vinci.

3.1) A inibição neurótica do pensar

Neste primeiro caso, a ânsia de saber, presente nas investigações infantis, segue no mesmo sentido que a sexualidade, graças a um *enérgico recalque*⁸³. Com isso, o investimento pulsional que move a criança a investigar é *inibido e limitado*, garante-nos Freud em 1910. Esse processo ocorre devido ao recalque e leva o nome de inibição do pensar.

Mas, precisamos nos debruçar sobre o conceito de inibição para compreendermos melhor esse possível caminho que pode impedir a atividade intelectual ao longo da vida do sujeito. É no sentido de *impedimento*, tal como definido pelo dicionário⁸⁴, que Freud emprega esse termo, pois ele o formula como algo que sofreu o processo do recalque, ou seja, não se trata de algo excluído do sujeito. Ao contrário, sua pulsão de saber foi transformada de tal maneira que foi impedida de seguir sua meta original. Podemos nos perguntar se esse impedimento em direção ao pensar não seria o mesmo que aquele sofrido por qualquer criança ao se afastar de suas investigações, como já mencionamos. Freud nos auxilia a responder, pois, para ele, a diferença estaria

⁸³Freud, 1910, p.74

⁸⁴ Buarque de Holanda, 1980, p. 949.

no fato de que, no caso dos inibidos, não se trata de algo temporário, pois essa limitação do intelectual seria algo *para toda a vida*⁸⁵.

Outra característica a ser destacada é que, além desse caráter de impedimento, a inibição estaria necessariamente ligada a uma função⁸⁶. Isto nos é evidente se pensarmos que Freud se refere a uma inibição do processo de *pensar*. Nesse sentido, trata-se de uma maneira de *nomear um mecanismo de parada, bloqueio ou freada, que interrompe o funcionamento normal no terreno do pensamento* (Santiago, 2005, p.112).

Outro aspecto relevante do processo inibitório é seu agente: o próprio sujeito inibido. Sendo assim, cabe a ele a responsabilidade de promover a ação de impedir a ação de pensar, ou melhor, de impedir que a pulsão se dirija ao pensamento. Com esse bloqueio, a pulsão segue por novos caminhos em busca de satisfação. Santiago (2005) nos indica esse processo assim como a postura do analista diante dos casos de inibição intelectual, tão freqüentes na atualidade

Quando se constata esse tipo de impedimento [fracasso escolar/inibição intelectual] para usufruir o produto do trabalho, seria o caso de investigar, então por que caminhos a pulsão sexual foi reorientada, tendo em vista sua satisfação. Ora, normalmente, o que se espera de um sujeito é que ele possa gozar dos méritos de seu trabalho. Se esse objetivo é inibido, seu fracasso só pode estar ligado a um outro modo de satisfação. Portanto, no plano da economia libidinal, obtém-se uma nova forma de satisfação com o fracasso intelectual. (Santiago, 2005, p.117)

Para auxiliar nossa reflexão a respeito da inibição intelectual e sua relevância para nossa pesquisa, apresentamos, em seguida, um extrato de nossa experiência. I. tem 7 anos quando chega para tratamento na DPA (Divisão de Psicologia Aplicada/UFRJ), trazida por sua mãe, a Sra. J, e encaminhada pela escola onde estuda. A Sra. J nos relata que sua filha estava com dificuldades na alfabetização desde o ano anterior, mas só naquele momento havia conseguido o pedido de encaminhamento da escola para um tratamento psicoterápico. Além de falar das dificuldades escolares de sua filha, ela

⁸⁵ Freud, 1910, p.74

⁸⁶ Freud, (1926[1925]).

relata uma situação que considera *traumática*. Diz ela: “Não sei se isso pode ter a ver com os problemas da I...” e descreve o fato: I. tinha 5 anos e estava sozinha em casa, pois a família mora no trabalho do pai, um prédio na Zona Sul do Rio onde ele é porteiro. Havia um homem que estava fazendo reparos no prédio e este parece que começou a se masturbar na frente da janela da casa da família de I. A menina estava sozinha em casa e, diante dessa cena, começou a gritar e a chorar. Seu pai, ao ouvir seus gritos, foi socorrê-la. A menina, muito assustada, encena o que viu e o pai, então, descobre assim o que o rapaz havia feito diante de sua filha. Esse episódio ocorreu justo antes de I iniciar o processo de alfabetização. Sua mãe diz que seu problema é específico com o Português: não se interessa por ler nem escrever. J. garante que ela não quer aprender, para ela, é disso que se trata.

I. chega para o tratamento. Passa várias sessões fazendo as mesmas brincadeiras, de preferência com bonecas, sem nenhum interesse por livros ou qualquer coisa que exija usar a leitura e a escrita. Seria esse o *bloqueio* ao qual Freud se refere? Todavia, o interessante é que, para a Psicanálise, trata-se de um impedimento produzido pelo próprio inibido. A partir dessa vinheta, podemos pensar que na clínica psicanalítica está em jogo permitir ao sujeito encontrar uma solução própria, sobretudo por não se tratar de um tratamento padrão. Veremos, a seguir, que uma decisão de disponibilizar todos os brinquedos, ao mesmo tempo, terá um efeito nesse tratamento. Contudo, é importante ressaltar que não se trata de uma estratégia a ser aplicada para todos, nem tampouco se poderia garantir que ela gerasse efeitos positivos.

Decido, então expor os brinquedos todos juntos, inclusive os livros, papel branco, lápis de cor, pois tudo antes ficava guardado em saquinhos de pano nos quais ela tinha que abrir cada um para ver o que era. A idéia era a de que ela pudesse fazer suas escolhas. Não a obrigo a brincar com nada, deixo tudo à mostra, ou seja, dou-lhe

todas as possibilidades de usar o tempo da sessão como quiser. Em seguida, ela passa a brincar com um jogo de palavras: trata-se de um jogo de tabuleiro, similar à forca. A diferença é que, na forca, não se escreve a palavra: a pessoa pensa na palavra, conta quantas letras têm e faz tracinhos correspondentes ao número de letras da palavra. Neste outro jogo, é preciso escrever a palavra e esconder cada letra da mesma. À medida que o jogador acerta as letras da palavra escolhida pelo outro jogador, a letra que ele adivinhou é descoberta. Ela repete varias vezes esse jogo em várias sessões e, de vez em quando, brinca com bonecas. Depois de algumas sessões, passa a se interessar pelos livros, sempre pedindo para eu ler, raramente se interessa por ler.

3.2) A compulsão neurótica do pensamento

Na modalidade compulsiva do pensamento, comum à Neurose Obsessiva, trata-se de um ato de pensar ligado a um não-querer saber. Ela é a forma encontrada pelo sujeito, como no caso do Homem dos Ratos, *para impedir o surgimento do sentido*⁸⁷. Nesse caso freudiano, o pensamento mais comum seria o de que seu pai poderia morrer. Certa ocasião, ele relata a Freud que havia se enamorado de uma moça. Ocorre-lhe então que, caso ela o amasse, alguma desgraça por certo lhe aconteceria. Tal desgraça foi traduzida por ele como *a morte de seu pai*. Em outra situação, o mesmo pensamento ocorre, mas um pouco antes de seu pai falecer. Estava novamente enamorado quando lhe retornou, como um *relâmpago*, o seguinte pensamento: *Com a morte de meu pai, talvez me torne tão rico que possa me casar com ela*⁸⁸. Depois deste pensamento, o Homem dos Ratos se defende com outro pensamento: o de que seu pai não lhe deixaria nenhuma herança. Ao falar sobre esses pensamentos, ele garante que não sentia ódio do seu pai, chegando a dizer que era a pessoa a quem ele mais amava.

⁸⁷ Besset, 1999, p. 72.

⁸⁸ Freud, 1909a, p. 142.

Freud nos indica que esses pensamentos, ao contrário do que acreditava o Homem dos Ratos, eram uma indicação do ódio em relação ao seu pai. Porém, por se tratar de um ódio que sofreu a ação do recalque surge, em troca, esse grande amor pelo pai. Para o autor, essa foi a proteção encontrada pelo sujeito diante desse ódio. Para entender a formação desses pensamentos no caso do Homem dos Ratos, Freud faz uma analogia entre o pensamento obsessivo e um *telegrama deformado*. Pois, para o autor, é uma forma de *desfigurar* a idéia original, como no ódio sentido pelo Homem dos Ratos por seu pai. Este ódio, por exemplo, aparece apenas nesses pensamentos relâmpagos que sofrem imediatamente alguma influência do pensamento consciente, como na questão da herança: após a idéia de ficar rico e pode casar-se, vem a idéia de não ter nada da herança de seu pai.

Devemos também pensar que num tratamento analítico esse destino da *pulsão de saber* pode ir além da deformação do pensamento. É importante realçar que esse impedimento ao sentido pode aparecer sob a forma de resistência, ou seja, um obstáculo ao tratamento, ou seja, ao impedir o acesso ao sentido, impossibilita-se a obediência à regra fundamental da psicanálise: a associação livre, entendida como tentar não *pensar* /*programar* aquilo que vai ser dito⁸⁹.

3.3) A sublimação e Leonardo da Vinci

Freud (1910) recorreu a Leonardo da Vinci por considerá-lo um exemplo da sublimação, o que corresponde a afirmar que a pulsão se dirige a outra meta diferente da sexual. Segundo o autor, a pulsão se afasta do saber sobre o sexual - aquele encontrado nas pesquisas infantis - e se dirige para outras finalidades⁹⁰.

⁸⁹ Freud, 1913.

⁹⁰ Freud, 1910, p. 69.

Nesse sentido, no que diz respeito ao conteúdo sexual, há a *intervenção do recalque*⁹¹, mas a diferença do processo normal do recalque é que *a libido escapa de seu destino de recalque sublimando-se desde o começo do desejo de saber e somando-se como reforço a vigorosa pulsão de investigar* (Freud, 1910, p. 75). Destacamos, aqui, o fato de Freud utilizar o termo *desejo de saber*. Santiago nos auxilia a entender esse desejo oriundo da infância sofre *degradação permanente* com o fracasso das teorias infantis.

Assim, os traços marcantes desse terceiro destino seriam o aspecto compulsivo e o afastamento total da *ocupação sexual*.⁹² Este último traço corresponde a um efeito do qual pode sofrer a pulsão, na medida em que ela se desprende completamente da *ocupação sexual*. Vale ressaltar o fato de Freud deixar claro que é um afastamento das relações sexuais, da prática em si. Isso corresponde a dizer que há sexualidade envolvida, já que a pulsão não é dessexualizada, apenas desviada de sua meta. É a partir dessa idéia de desvio do destino original da pulsão que Freud afirma a importância do desejo de saber infantil, presente na primeira investigação sexual.

Sendo assim, após nos debruçarmos sobre o surgimento do desejo de saber no sujeito, voltaremos nossa atenção para pensar na forma como o sujeito lida hoje com o saber, pois há algo de novo nas demandas que nos chegam no consultório. A partir da concepção freudiana da relação primordial entre saber e sexualidade, buscaremos avançar recorrendo a autores contemporâneos, a fim de nos auxiliarem na compreensão da particularidade do saber em jogo na experiência analítica.

4) Desejo de não saber

⁹¹ Ibid, p.74.

⁹² Freud, 1910, p.75.

Nossa investigação na obra freudiana nos permitiu rastrear o surgimento do interesse do sujeito pelo saber, durante a infância, o seu afastamento da *pulsão de saber*, além de enfatizar os três possíveis destinos desse investimento pulsional. Ao estudá-los, pudemos perceber tratar-se de uma maneira de abordar um *não querer saber sobre o que lhe causa*, uma vez que seriam modalidades de recusar o saber inconsciente.

É com a concepção de *não querer saber* que Lacan aborda o conceito freudiano de pulsão epistemofílica, ou seja, a *pulsão de saber*. Mas, para Miller, devemos a Lacan uma correção desse conceito:

Ele corrigia Freud, por exemplo, sobre a questão do *Wissstrieb*, a **pulsão de saber**, sinalizando que não há uma pulsão epistemofílica. Se há uma, ela vai ao contrário, contra. Seria mais o **desejo de não saber**. (Miller, 1988, grifo nosso)

Tal correção pode ser encontrada no Seminário XIII de Lacan, no qual ele afirma que o verdadeiro objetivo da pulsão epistemofílica seria permitir *a fuga e se desvanecer de vez todo saber*⁹³. De acordo com essa afirmação, podemos entender que ela está a serviço do *não querer saber*. Faz-se importante assinalarmos outra indicação do autor, a saber: a *posição fundamental* da ciência é o *não querer saber*.

Porém, embora se trate de uma era distinta da época de Lacan, cabe-nos investigar as implicações clínicas da relação da ciência com o *não querer saber*. Levando em conta que nos dias atuais o saber *reconhecido é aquele que se afirma em nome da ciência*⁹⁴, podemos nos perguntar: haveria uma nova modalidade de expressão desse *não querer saber*?

O início de nossa experiência clínica, juntamente com o levantamento das demandas mais frequentes na Divisão de Psicologia Aplicada/UFRJ, mostra-nos que os sujeitos, ao buscarem um tratamento, não querem saber nada, posto que buscam soluções prontas de um saber especialista. Ou seja, procuram uma resposta padrão dada

⁹³ Lacan, 1965-1966, inédito.

⁹⁴ Besset, 2005, p. 88

pelo especialista ao seu problema, assim como aos demais que possuem a mesma queixa. Uma vez mais faremos valer nossa experiência na referida instituição para pensarmos a relação do sujeito com o saber na contemporaneidade, apresentando, a seguir, o extrato de um caso atendido durante nosso estágio na área clínica. Trata-se de um homem de 30 anos que chega para o atendimento com a seguinte queixa: “tenho Síndrome do Pânico”. Sabemos que esta é uma das demandas de atendimento mais frequentes nos dias atuais.

4.1) A experiência na DPA: o desejo de não saber na clínica contemporânea

P. chega ao atendimento com a queixa de que sofre de Síndrome do Pânico. Diz que essas crises se iniciaram há alguns meses. Lembra exatamente do dia em que teve a primeira. Estava indo da Zona Sul da cidade, onde mora, em direção à casa de sua namorada, na Baixada Fluminense. Lembra-se de que naquele dia estava nervoso, pois estava indo ao encontro de sua namorada, que estava aborrecida devido a uma discussão com o ex-namorado e pai da filha dela. Durante a crise, ficou sem ar e achava que ia morrer (ao falar de suas crises de pânico, ele sempre fazia os gestos de como ele ficava nessas situações: passando a mão no peito, massageando-o, numa tentativa de aliviar a falta de ar).

No primeiro atendimento, pergunto-lhe o motivo de estar ali. Ele diz que procurou a DPA porque teve uma outra crise depois da primeira. Nesta segunda crise, foi levado pelo seu pai para o Hospital Phillippe Pinel, localizado no mesmo campus da UFRJ onde fica a DPA. Na emergência do referido hospital, um psiquiatra plantonista diz algo a respeito do que ele tem: “não é físico, está na sua cabeça”. Além disso, o médico indica a DPA aconselhando que ele procure um psiquiatra para acompanhá-lo.

O médico receita *Rivotril*, mas avisa a ele que o medicamento serviria apenas para *apagar incêndios*, porque a cura para o que sentia estaria na terapia.

Proponho que P. venha duas vezes por semana e ele concorda. Costuma chegar nas sessões falando de como passou os dias, se teve crise ou não. Mas, em meio às descrições da crise, começa a falar da namorada. Para que eu pudesse entender o contexto de uma crise de pânico, procuro perguntar a ele sobre ela e seu relacionamento. Ele fala das muitas diferenças entre os dois, principalmente quanto à condição social e em relação à idade: ela tem 18 e ele já tem 30 anos. Quanto a isto, afirma se sentir inseguro. Este é um tema que aparece, desde o atendimento inicial, apenas como contextualização das crises, mas marco desde o início que possui liberdade para falar sobre o que viesse à sua cabeça. Esta é uma diferença da prática analítica em comparação com as terapias focais, cujo interesse se restringe ao transtorno em si.

Foi lembrando dessa minha fala que ele se dirigiu a mim, afirmando estar envergonhado, mas que tinha de me contar uma coisa. “Afim, você é psicóloga, deve estar acostumada a ouvir isso”, fala. Diz que seu apetite sexual diminuiu e ele o associa ao uso contínuo do medicamento. Percebe isso ao se deparar com a diferença entre a sua *vontade* de ter relações sexuais com a namorada e a *vontade* dela, pois, segundo ele, *ela tem mais vontade*. Assim, além do seu remédio, associa a maior *energia da namorada*, bem mais jovem que ele.

Certa vez chega entusiasmado porque entrou no *site* de relacionamentos *Orkut* (neste momento, me pergunta se conheço e peço para que continue me falando) . Diz que encontrou comunidades de pessoas que possuem síndrome do pânico, dentre elas uma nomeada: “Eu amo *Rivotril*”. Não o intimido a falar sobre isso, mas aproveito para tentar fazê-lo falar sobre o que denomina *suas crises*. Ele conta que não falou sobre ele no *site*, ou seja, não deixou um depoimento sobre suas crises, mas leu o de várias

peessoas que afirma *serem como ele*. *Como você?*, pergunto. Ele responde que tinham pontos similares, não idênticas. A partir do relato sobre seu relacionamento amoroso, ele passa a me perguntar se suas crises podiam ter a ver com seu relacionamento. Muitas vezes, ao tentar convidá-lo a falar mais sobre este último, ele se espantava com aquilo que dizia, chegando a encontrar pontos de conexões entre seu relacionamento e as crises. Quando queria uma resposta sobre a conexão relacionamento/crise (como algo causa/efeito), eu respondia: “Mas, será que suas crises teriam relação só com esse relacionamento?” Desse modo, ele ia me falando de relacionamentos anteriores, da relação com a família, seu trabalho. Certa vez, também trouxe um sonho todo anotado em um papel, no intuito de não esquecer de algo quando fosse falar. Depois de relatar, pergunto se pensou em algo e ele me diz suas associações – várias, inclusive -, e pede uma confirmação se tinha pertinência o que ele pensou. Eu respondo: “pode ser, por que não?” Ele passa, então a buscar conexões entre suas relações com as crises, descobrindo o funcionamento não da síndrome do pânico, mas daquilo que ele nomeia como *minha crise*. Todavia, apesar dessas descobertas, depara-se com o fato de que isso não faz com que suas crises desapareçam. É preciso algo mais para interromper ou amenizar suas crises de angústia. Achamos importante abordar o momento inicial da experiência analítica no caso desses sintomas contemporâneos, como o que faz P. ir em busca de um tratamento.

No extrato clínico que acabamos de transcrever, podemos perceber a demanda de um saber especializado em detrimento do saber inconsciente. A queixa de P. nos ilustra a maneira como o sujeito chega ao tratamento no dias atuais: nomeando-se, a partir da classificação dos manuais psiquiátricos, no caso, como aquele que sofre de Síndrome do Pânico. Por isso, P. busca resolver seu sofrimento com um tratamento pela *fala*, ao mesmo tempo em que procura informações disponíveis na *Internet*, por

exemplo, em *sites* de relacionamentos nos quais há depoimentos de pessoas com o *mesmo problema*. Isso seria a *versão homogênea do sintoma*, como nos indica Recalcati (2005). Para esse autor, a clínica contemporânea deve ser considerada como aquela em que há predominância dos monossintomas, isto é, modalidades homogêneas de sintomas: anorexia, bulimia, síndrome do pânico, entre outros. São grupos que se reúnem a partir de um nome ao qual se fixam, em detrimento do nome próprio de cada um, do que é próprio a cada um.

Para o autor, o funcionamento da anorexia deve ser ampliado para os demais sintomas contemporâneos. Para a psicanálise, a recusa na anorexia não se resume à relação do sujeito com o alimento. Trata-se do caráter de recusa da alteridade como *princípio de diferença*, presente não só anorexia, mas também nos demais casos monossintomáticos⁹⁵. A marca desses monossintomas é não se tratar de algo a ser decifrado, como nos sintomas clássicos. Nestes, tal como uma mensagem enviada em uma carta, há um endereçamento a um destinatário. Num tratamento analítico, podemos entender isso no momento em que o sintoma passa a ser considerado analítico, ou seja, sob efeito da transferência, ser endereçado ao analista. Nesse sentido, o analisante dirige-se ao analista querendo saber a razão de seu sofrimento. No caso dos monossintomas, ao contrário, esse endereçamento não se dá, por haver uma *recusa ao saber inconsciente*. Então, nesses casos, o que o sujeito busca num tratamento?

Nos casos monossintomáticos encontramos a necessidade de ser igualado, parecendo não importar a pergunta em geral embutida no sintoma clássico: *Por que eu tenho isso?* Ao invés do *porque*, o sujeito contemporâneo quer uma resposta visando apenas ser colocado numa série. Com a *recusa* de algo que possa ser *exclusivo* do sujeito, constatamos que nos monossintomas o sentido é o oposto ao do sintoma clássico, uma vez que o sujeito contemporâneo não se interessa pelo que Gorostiza

⁹⁵ Recalcati, 2005.

(2006) denomina a *nobreza do sintoma: o que faz de cada um de nós incomparável a qualquer outro*.

Quanto a essa disposição para ser igualado aos demais, Miller (1998) nos lembra de uma passagem comentada por Lacan de “Os três irmãos”, na qual o sujeito, ao responder quantos irmãos tem, diz: *tenho três irmãos: Pablo, Ernesto e Eu*⁹⁶. Miller (Ibid) nos chama a atenção para o fato de o sujeito querer ser posto como os demais, *em série*. Todavia, o mesmo autor nos alerta para a importância de se sentir com uma identidade. Ou seja, se, por um lado, é necessário ser portador de uma identidade, por outro, é fundamental alcançar uma certa diferenciação não permanecendo apenas como um entre os demais iguais. O extrato clínico apresentado acima nos atesta que, nos dias de hoje, é comum encontrarmos a *recusa* em se diferenciar em prol da demanda de se igualar.

Recalcati (2005) nos indica que a demanda *exclusiva* de homogeneização seria produto de uma nova época com a qual se depara à clínica psicanalítica, como já vimos no capítulo anterior, época na qual vigora a presença da burocracia e da lógica do hiper. Mas, Recalcati assinala dois traços marcantes para entendermos essa nova demanda, da qual resulta a *expulsão do sujeito do inconsciente*⁹⁷ dessas modalidades sintomáticas. Diante disso, discutiremos, a seguir, estes dois traços, a saber: *a afirmação das psicoterapias* e *a afirmação do discurso capitalista*⁹⁸.

Quanto às psicoterapias, o autor indica a presença de um utilitarismo que corresponde a um *maior benefício pelo mínimo esforço*⁹⁹. Para entender esse *utilitarismo*, precisamos considerar que uma das características da sociedade contemporânea é buscar soluções a um curtíssimo período de tempo. Inseridos nessa

⁹⁶ Miller, 1998, p. 31.

⁹⁷ Recalcati, 2004, p.2

⁹⁸ Recalcati, 2005, p. 84-85.

⁹⁹ Ibid, p. 84.

lógica, os sujeitos buscam uma solução que possa ser alcançada rapidamente. Ressaltemos ainda a presença dos *especialistas* no tratamento psicoterápico. Para Recalcati, a questão a respeito do *expert/especialista* se deve ao fato de este ser uma mera *aplicação médica à psicoterapia*¹⁰⁰. Isso corresponde ao tratamento focal dado aos sintomas, como ocorre nas especialidades médicas, como se o sintoma existisse *desincorporado do sujeito*¹⁰¹. Em alguns encaminhamentos psiquiátricos para atendimento na DPA, era comum nos depararmos com indicações médicas do tipo: *Tratamento psicoterápico para F20*, uma referência à classificação de um manual psiquiátrico. Assim, aquele que sofre fica restrito ao *enquadramento num determinado transtorno*.

No primeiro capítulo desta dissertação, citamos outros exemplos presentes nas triagens realizadas - na DPA/UFRJ - pelos estagiários em Terapia Cognitivo Comportamental (TCC). Nesta abordagem (classificada aqui por nós como uma modalidade *focal*), o profissional tenta sempre manter o foco para a realização do diagnóstico e, durante o tratamento, deve manter o olhar direcionado fixamente para o transtorno, o qual, por sua vez, é classificado de acordo com os manuais psiquiátricos, a fim de se obter um resultado satisfatório.

Quanto ao segundo traço destacado por Recalcati, *a afirmação do discurso capitalista*, temos a oferta dos *objetos-gadgets*. Para os sujeitos contemporâneos, tudo pode virar mercadoria e a busca da felicidade está atrelada à aquisição desses objetos passíveis de consumo. Acrescente-se a isso o poder de rápida substituição, conforme ditado pela lógica atual, o que já mencionamos anteriormente. Nossa prática analítica não pode desconsiderar essa nova configuração social, como nos indica Baptista (2006): *seu compromisso [referente ao analista] ético na atualidade é contrapor-se aos avanços*

¹⁰⁰ Ibid, p.85.

¹⁰¹ Ibid.

*técnicos científicos, quando, aliados ao discurso capitalista, convertem os homens em objetos a serem consumidos/consumidores*¹⁰². Ao longo de nossa pesquisa, percebemos a importância de retomar, em diversos momentos desta dissertação, contribuições de diversos autores a fim de nos auxiliarem a pensar na lógica atual. Por isso, trazemos, em seguida, as observações de uma autora já citada a fim de nos ajudar a integrar os dois traços - *afirmação das psicoterapias e do capitalismo* - que afetam diretamente a relação do sujeito. Ou seja, de acordo com Besset, estamos diante de um:

Contemporâneo que exhibe a consagração do uso dos *medicamentos*, cada vez mais eficazes, para ‘curar’ o mal-estar na cultura. Tempo de respostas *prêt-à-porter* das classificações dos manuais, dos catálogos de *síndromes*, onde cada um pode *se encontrar*, suprema *delícia*, achar um *nome* para seu sofrimento! (2001, p.20)

Mas, seria possível transformar essa demanda visando possibilitar um tratamento analítico? Como já dissemos, na maioria das vezes o sujeito quer apenas um *alívio* para seu sofrimento e não um *saber* sobre o mesmo, é o que nos indica Besset (2004). Sendo assim, podemos supor que é preciso haver uma modificação da relação do sujeito com o saber para que um tratamento venha a ser possível, isto é, fazê-lo interessar-se pela *busca de sentido*. Concordamos com Besset quando ressalta ser possível modificar essa demanda inicial (2001c, 2004), que *pode dar lugar a uma demanda de saber sobre aquilo que causa o sofrimento* (Besset, 2004, p.44). Mas, lembremos também do que a autora nos alerta: não se trata de um *sentido pleno*, posto que este é um objetivo *impossível e interminável*, na medida em que há sempre *um outro sentido possível*¹⁰³.

Em sua releitura da obra de Lacan, Miller (2003) afirma ser necessário, como condição de possibilidade do surgimento dessa demanda de saber, uma *anulação de saber como condição para que possa surgir a surpresa ou o aleatório* (Ibid, p. 33). Se

¹⁰² Baptista, 2006, p. 4.

¹⁰³ Besset, 2004, p. 46.

pensarmos no contemporâneo, encontramos o oposto: sujeitos que buscam respostas *previsíveis*, disponibilizadas em livros e nos tratamentos *especializados*, sejam eles medicamentosos ou psicoterapêuticos.

Assim, a diferença entre a psicoterapia -que utiliza o tratamento focal- e um tratamento analítico estaria justamente na forma de tratar esses sintomas homogêneos. Pois, se a primeira trabalha com a manutenção dessa homogeneização num tratamento especializado e padronizado, a psicanálise caminha num sentido oposto às terapias focais, isto é: promove a diferenciação em oposição à homogeneização.

4.2) O anonimato contemporâneo: relação com o *desejo de não saber nada*?

O contexto acima apresentado propicia o surgimento de grupos específicos para aqueles que possuem *pânico, depressão, bulimia, anorexia*, dentre outros. Grupos que possuem como característica principal a segregação, pois cada um pertence a um determinado grupo de acordo com o diagnóstico que lhe é dado. Ou seja, há uma separação dos demais em torno de um mesmo *nome*, marcando a relevância da homogeneidade para a existência desses agrupamentos. Por outro lado, nosso desafio estaria em conseguir que um sujeito saia desse anonimato, problemática também retomada por Gorostiza em uma conferência na Jornada de Cartéis da EBP-Seção Rio, em 2005.¹⁰⁴ O autor se vale da imagem utilizada para divulgação do evento a fim de ilustrar esse *anonimato* dizendo:

[...]a importância e o valor que pode ter isolar a singularidade do sujeito desde o início da análise, justamente dos “sujeitos contemporâneos”, tão bem figurados na imagem escolhida para a divulgação dessas Jornadas: homens reduzidos a corpos sem rosto, nos quais não aparece a diferença sexual ou qualquer outra marca de sua singularidade. (Gorostiza, 2006)

¹⁰⁴ Publicado em 2006 numa revista digital.

Uma questão que nos concerne diz respeito a como promover a saída do *anonimato* causado pela homogeneização contemporânea. Antes, porém, devemos voltar nossa atenção a esse anonimato tão vigente em nossa época: uma proliferação de irmandades anônimas nos moldes dos AA. Numa pesquisa na *Internet*, encontramos uma lista dessas *irmandades*:

Al-Anon - Amigos e Parentes de Alcoólicos Anônimos, Alateen - Al-Anon para crianças e adolescentes, CCA - Comedores Compulsivos Anônimos, CoDA - Codependentes Anônimos, DASA - Dependentes de Amor e Sexo Anônimos, FA - Fumantes Anônimos, JA - Jogadores Anônimos, MADA - Mulheres que Amam Demais Anônimas, N/A - Neuróticos Anônimos, NA - Narcóticos Anônimos, Nar-Anon - Amigos e Parentes de Narcóticos Anônimos, Narateen - Nar-Anon para crianças e adolescentes, PA - Psicóticos Anônimos, PA - Psicóticos Anônimos, PADA - Pessoas que Amam Demais Anônimas, IA- Introvertidos Anônimos. (Disponível em: <<http://www.introvertidosanonimos.org.br/outras.php>>)

Por seguirem o modelo dos Alcoólicos Anônimos, todas elas compartilham as tradições criadas por essa primeira *irmandade*. Dentre elas, chamou-nos a atenção a justificativa para a utilização da denominação *anônima* que pode ser encontrada como a 12ª tradição: *O Anonimato é o Alicerce Espiritual de todas as nossas Tradições - lembrando-nos sempre de colocar princípios acima de personalidades*.¹⁰⁵ Ou seja, há, nessas irmandades, um apagamento do sujeito em prol de tal anonimato, no qual cada um não pode ser reconhecido por seu nome. Ao contrário, graças ao anonimato, eles devem ser *sem nomes*. Diante de tal cenário, como fazer um sujeito se interessar por um saber que não seja para qualquer um, sem nome, imerso no grupo?

Diante de casos como o que apresentamos acima, Recalcati (2005, 2004) defende a idéia de um trabalho *preliminar*, retirando o sujeito do anonimato. Tal tarefa implica em extrair dessa *versão homogênea do sintoma* a possibilidade de diferenciação. Trata-se de retirá-lo da *prisão* de um nome compartilhado com um grupo. É necessário sair desse anonimato, garante o autor, para ser possível um tratamento analítico, uma vez que uma demanda (*de ser-em-massa*) não pode ser suporte para uma

¹⁰⁵ Disponível em: <http://www.alcoolicosanonimos.org.br>

experiência analítica. Para que ela se dê, é necessário fazer existir o sujeito do inconsciente¹⁰⁶.

É necessário também que o sujeito se interesse por outra forma de saber, posto que *a vontade de saber deve ultrapassar a vontade de curar* (Recalcati, 2004, p. 3). A esse trabalho preliminar, acrescenta-se o desafio do analista ao se ver inserido numa *competição* com os *gadgets* disponíveis, os quais só dificultam que o sujeito aceite sair dessa *multidão*¹⁰⁷. Para esse autor, sair dessa *multidão de iguais* seria permitir ao sujeito localizar *o nome que o nomeia, seu primeiro SI, no qual possa se reconhecer, e que lhe permitirá tornar legível a sua história e, conforme o caso, o seu inconsciente* (Recalcati, 2005, p.95).

Retomando então a pergunta que intitula esta seção, podemos afirmar que, num tratamento analítico, está em jogo a escolha, por parte daquele que o busca, de se desprender de um *nome igual para todos* a fim de chegar a obter um *nome* que lhe seja exclusivo. Nesse tipo de movimento, sim, é possível ocorrer uma modificação da relação do sujeito com o saber. Como sabemos, quando um sujeito pede um tratamento, ele *não quer saber nada*, pois vem em busca de uma cura para seu sofrimento. Atualmente, ainda temos o agravante do fator temporal: resolver o problema o mais rápido e prático possível, como ocorre nas práticas focais já mencionadas¹⁰⁸.

O *pequeno* movimento de P., o caso apresentado na seção anterior, nos ilustra isso: começar a falar sobre seu relacionamento e das questões envolvidas no mesmo e, aos poucos, ir se distanciando da forma homogênea do sintoma, reconhecendo inclusive que há particularidades em seu problema, tais como supor que seu relacionamento amoroso está relacionado a suas *crises de pânico*. Consideramos como um *pequeno* movimento de P., pois, ao mesmo tempo em que passa a se interessar por trazer essas

¹⁰⁶ Recalcati, 2005, p. 95.

¹⁰⁷ Gorostiza, 2006.

¹⁰⁸ Sobre esse assunto, veja o capítulo 1 dessa dissertação.

questões para o tratamento, frequenta *sites* em busca de relacionamentos com pessoas portadoras de Síndrome do Pânico (comunidades específicas para tal transtorno), a fim de compartilhar com elas depoimentos sobre esse sofrimento *classificado*. Isso, porém, não retira a importância de uma modificação necessária, como nos indica Recalcati (2005), ilustrada na vinheta que trouxemos: retirar o sujeito do *anonimato* resultante da segregação promovida em prol de um *grupo*, permitindo a todos terem o mesmo nome. No que concerne à psicanálise, como assinala Recalcati (2004), essa prática nos confronta com uma problemática, a saber:

Como, em outras palavras, fazer existir um programa de defesa do sujeito do inconsciente na época dominada pelas psicoterapias de orientação cognitivo-comportamentais que impõem um conceito de efeito terapêutico reduzido à restauração das funções chamadas normais do sujeito (apetite, humor, etc)?
(p.2)

Imerso no discurso técnico-científico que faz uso do *não querer saber nada*, como fazer o sujeito se interessar pelo *saber inconsciente*? Para Recalcati (2005), é preciso *apostar não na identidade* [anorexia, por exemplo], *mas no equívoco, ou seja, na possibilidade de restaurar no sujeito a função de Inconsciente*¹⁰⁹. O autor nos indica a importância de restabelecer a ligação com o saber do Inconsciente. Recorremos a Miller (2006) em sua abordagem do tema, ao afirmar ser preciso um trabalho para a existência do que ele denomina *efeito sujeito*. Tal efeito é alcançado *toda vez que o indivíduo se afasta do gênero, do geral ou do universal*¹¹⁰ e esse indivíduo, por sua vez, *pode ser um exemplar de uma classe, mas é sempre um exemplar com uma lacuna*¹¹¹. É por não se encaixar perfeitamente, a partir desse *déficit*, que temos a possibilidade de emergência de um sujeito. A esse respeito, Recalcati (2004) afirma que *para a existência do sujeito do inconsciente é, [...], a oferta da escuta analítica que prepara a inclusão do analista no próprio conceito de inconsciente enquanto constitui, dele, o*

¹⁰⁹ Recalcati, 2005, p.93.

¹¹⁰ Miller, 2006c, p. 25.

¹¹¹ Ibid.

‘endereçoamento’¹¹². Recalcati (2004) nos lembra que essa noção de endereçoamento encontra-se presente na obra de Lacan como nesta afirmação: *os psicanalistas fazem parte do conceito de inconsciente posto que constituem seu destinatário*¹¹³.

Para Miller, trata-se de considerar o inconsciente como *combustível* e seu *pavio* seria o *sujeito suposto saber*¹¹⁴. Logo, devido à transferência, o analista se encontra na posição de saber suposto, o que permite àquele que fala se interessar por tal saber. É preciso lembrar, como nos faz Besset (2005), que a transferência é um fenômeno em cuja base está o amor.

Pautados nessas indicações pretendemos, a seguir, buscar subsídios para que se possa acionar esse *combustível* inconsciente, ou seja, para tratarmos da relação amor e saber pela via da transferência. Numa conferência de 1977, Lacan nos afirma: *O que nossa prática revela, nos revela, é que o saber, saber inconsciente, tem uma relação com o amor*. É preciso, porém, investigar tal relação à luz dos dias atuais. Nesse sentido, não podemos deixar de ressaltar uma outra característica própria dessa época: a fluidez presente nos laços. Portanto, além da relação amor e saber, devemos investigar como, diante da fluidez das relações, é possível ter acesso a um saber que faz uso do laço do sujeito com seu analista.

¹¹² Recalcati, 2004, p.3.

¹¹³ Lacan, 1964, p.848.

¹¹⁴ Miller, 1998, p.220.

CAPÍTULO 3

Pela via do amor: o acesso ao saber na experiência analítica

Na clínica psicanalítica, devemos considerar a importância do amor, surgido e sustentado no fenômeno da transferência, via que permite ao sujeito caminhar em direção ao saber. A esse respeito, nos diz Lacan: *O que nossa prática revela, nos revela, é que o saber, saber inconsciente, tem uma relação com o amor.*¹¹⁵ Na mesma direção de Lacan, Miller (2005b) nos auxilia em nossa investigação, ao indicar que é

¹¹⁵ Lacan, 1977, inédito.

preciso *amar o inconsciente*¹¹⁶ que, aqui, deve ser entendido como o *saber* sobre o qual a psicanálise se debruça. Diz ele: *E para que [o inconsciente] se torne um saber, para fazê-lo existir como saber é preciso o amor.*¹¹⁷ Assim, é de nosso interesse investigar essa via privilegiada, o amor, como aquela através da qual é possível o sujeito se interessar pelo *inconsciente-saber*¹¹⁸.

Em nosso capítulo anterior, dedicamo-nos à investigação da relação entre libido e saber. A partir disso, foi possível refletir acerca de uma particularidade em jogo nas demandas de atendimento próprias de nossa época: um saber *para todos*. No presente capítulo, partiremos de outra indicação acerca do caminho da libido num tratamento analítico: é preciso que essa libido se dirija à figura do analista, graças ao fenômeno da transferência, tal como nos afirma Freud em sua conferência sobre o tratamento analítico 1917a[1916-17]. Na relação amor e saber, Solano-Suarez¹¹⁹ nos ajuda a compreender o papel fundamental do amor na emergência desse saber ao afirmar que:

Para a psicanálise o tema do amor é fundamental. É a lei da prática psicanalítica, a lei do tratamento psicanalítico. O amor, na psicanálise, recebe o nome de transferência, ele unifica o laço entre o paciente e o analista. O analista não busca ser amado, ele vai servir-se da potência do amor para curar e para explorar o inconsciente. (Solano-Suarez, 2006, sem página)

Podemos então dizer que para chegar a amar o *inconsciente-saber* é preciso pensar que *a psicanálise toma o caminho do amor*.¹²⁰ Nesse sentido, retomaremos os primórdios da clínica a fim de compreendermos o papel do amor de transferência como propiciador do acesso ao saber na experiência analítica. Ao trabalhar a relação amor e

¹¹⁶ Miller, 2005b, p. 18.

¹¹⁷ Ibid.

¹¹⁸ Sobre esse termo, remetemo-los ao segundo capítulo dessa dissertação.

¹¹⁹ Em entrevista concedida à Miriah Fernandes em 28 de agosto de 2006 e publicada no boletim nº03, preparatório para XVI Encontro Brasileiro do Campo Freudiano “Nomes do Amor”, disponível em: www.ebp.org

¹²⁰ Miller, 2006a, p.14.

saber, Lacan nos faz um alerta importante a respeito de se errar por *não amar seu inconsciente*, aqui entendido, conforme já dissemos, como o saber em jogo na psicanálise: *Pela primeira vez na história, é-lhes possível errar, isto é, negar-se a amar vosso inconsciente. Porque, enfim, vocês sabem, que é um saber, um saber fastidioso*¹²¹.¹²² Mais adiante, nos serviremos da retomada dessa afirmação por autores contemporâneos para melhor abordarmos essa idéia de Lacan, repensando-a, como nos indica Tarrab (2003), a partir do cenário atual.

Mas, afinal, o que é um *saber fastidioso*, um saber que *incomoda* e do qual o sujeito *nada quer saber*, como vimos em nosso capítulo anterior? Para tentarmos responder, buscaremos os subsídios necessários recorrendo, em primeiro lugar, ao próprio Lacan. Em seguida, por se tratar de uma investigação inserida na atualidade, não podemos deixar de nos perguntar sobre uma questão, também já indicada por Lacan, a saber: não estaríamos, mais do que nunca, numa época em que predomina o *erro de não amar vosso inconsciente*? Para trabalhá-la, nos valeremos da lógica contemporânea do amor, tal como nos propõe Bauman, isto é, a do amor líquido. Veremos que a relação dessa modalidade amorosa com o saber se dá por meio de manuais que se propõem a ensinar como se conduzir nas relações amorosas. A psicanálise, como sabemos, não caminha na via dessa *aprendizagem*, razão pela qual aprofundaremos nosso estudo sobre a transferência e sua vertente amorosa como a via fundamental ao saber inconsciente.

Para começar, é preciso retomarmos o que foi abordado ao final do segundo capítulo: é preciso um *endereço* ao analista. Esse *endereço*, como veremos a seguir, é possível através do amor. Por isso, nossa proposta neste capítulo é também

¹²¹ Segundo o dicionário corresponde a: 1. *que causa fastio, enfadonho, maçante*. 2. *que demonstra impertinência; aborrecido, rabugento*. Quanto ao termo *fastio*: 2. *sentimento de repugnância ou aversão*. (Houaiss, 2001, p.1312). Logo, trata-se de um saber que incomoda e ao qual se recusa.

¹²² Lacan, J. (1973/1974). Seminário 21. Inédito.

enfocar esse endereçamento na clínica contemporânea: como fazer o sujeito se interessar por esse amor que escapa à lógica de consumo? Questão que nos leva a buscar esclarecer, a seguir, trata-se de um amor distinto daquele que se apresenta na hipermodernidade. É nesse sentido que concordamos com proposição de Recalcati (2004), quando nos indica a necessidade de um *tratamento da demanda* imersa no contemporâneo. Uma demanda de ajuda que, nos termos do autor, *é a vontade de curar sem querer saber disso*¹²³. Para *tratá-la*, Recalcati (ibid) refere-se à inclusão do analista nessa demanda a princípio não-endereçada. Essa inclusão do analista é o que Freud denominou como transferência. Logo, precisamos investigar, via Freud e Lacan, o fenômeno transferencial privilegiando o amor, para que seja possível, num segundo momento, voltarmos a essa problemática contemporânea: o endereçamento ao analista em busca de um querer saber, numa época dominada pela ciência que faz uso do *desejo de não querer saber*.

1) Relação não-técnica com o saber: a estratégia presente na transferência

O fenômeno da transferência será agora nosso melhor instrumento para considerarmos a relação não-técnica com o saber, própria à psicanálise. Desde o início de sua prática, Freud percebeu ser de fundamental importância a confiança no analista para o progresso do tratamento. Essa relação de confiança foi denominada por ele *transferência* (1893-1895). Anos mais tarde, Freud afirmará que ela é uma *peça decisiva* no trabalho analítico¹²⁴. Para compreender essa afirmação, é preciso acompanhar seus passos. Segundo o autor, o fenômeno transferencial é aquele que permite depositar o investimento libidinal na figura do analista¹²⁵, o que corresponderia

¹²³ Recalcati, 2004, p.3.

¹²⁴ Freud, 1917a[1916-17].

¹²⁵ Ibid, p. 414

ao primeiro momento. Lacan nos auxilia a compreender a relevância de tal fenômeno, ao afirmar que ele é o *sustentáculo da fala*¹²⁶. Ou seja, trata-se daquilo que dá sustentação a um tratamento realizado através da fala. Mas, como a psicanálise se distinguiria das demais formas de tratamento que também fazem uso da fala?

Ao contrário dos demais tratamentos, a psicanálise se caracteriza pelo fato de não manter a transferência *intocada*: ela é o próprio *objeto do tratamento*, como afirma Freud em sua conferência sobre o tema 1917b[1916-17]. Como *objeto do tratamento*, podemos entender que ele permite inserir a libido num *campo de batalha*, sendo o analista seu objeto de investimento. Cabe, então, ao analista seguir o caminho dessa libido. Freud (1915[1914]), porém, nos alerta que esse investimento libidinal no analista não deve levá-lo a supor que se trata de algo provocado por sua própria pessoa, mas sim pela própria situação analítica.

Se a transferência é o centro do tratamento analítico, podemos pensar que ela, ali, não é utilizada como técnica. Com o propósito de marcar a especificidade da psicanálise, D'Angelo, em *Efectos Terapéuticos Rápidos*, faz um contraponto dessa proposta com as ditas *psicoterapias breves*. Quanto ao contexto de seu artigo, vale ressaltar que se trata de um livro cuja proposta é ilustrar, a partir da exposição de casos clínicos, a *eficácia* da Psicanálise. Entendemos essa *eficácia* tal como abordada em nosso primeiro capítulo, referente ao *caso-a-caso*, não se propondo a ser traduzida em números, como se faz em nome da *eficiência*.¹²⁷

A distinção pontuada por D'Angelo entre *efeitos terapêuticos rápidos e psicoterapia breve* demonstra que estas se centram no foco, o que se deve entender como o motivo da consulta. As terapias cognitivo-comportamentais utilizam este mesmo princípio. Foi o que assinalamos no primeiro capítulo, quando mencionamos a

¹²⁶ Lacan, 1960, p.175.

¹²⁷ Para tal discussão, remetemo-os ao primeiro capítulo dessa dissertação.

triagem da DPA/UFRJ, na qual através da entrevista inicial se faz a avaliação que permitirá o planejamento de *ação*. Outra característica destacada pela autora: essas terapias utilizam a transferência como um recurso tático. Em contrapartida, para a psicanálise, afirma D'Angelo (2005), ao retomar Lacan, a transferência é o eixo da estratégia terapêutica. Isso corresponde ao fato de a transferência não ser um mero recurso técnico, como Freud já mencionara em diversos momentos de sua obra.

Para entendermos a distinção entre estratégia e tática, recorremos à definição desses conceitos. Em primeiro lugar, temos a estratégia, palavra originária do grego, *strategia*, que significa *comando do exército*. Corresponde à *arte de planejar operações de guerra*¹²⁸. Ao consultarmos o dicionário, vemos essa definição complementada com as seguintes definições: *arte de aplicar com eficácia os recursos de que se dispõe ou de explorar as condições favoráveis de que porventura se desfrute, visando ao alcance de determinados objetivos*¹²⁹. Quanto ao segundo conceito, a tática, podemos defini-lo como *conjuntos de meios ou recursos empregados para alcançarem um resultado favorável*¹³⁰.

Nesse sentido, em seu texto de 1958, Lacan utiliza esses termos para alertar que, em psicanálise, a transferência não está ao lado da técnica. Afirma que *o analista é menos livre em sua estratégia do que em sua tática*¹³¹. Isso se justifica pelo fato de que o lugar do analista, a partir do fenômeno transferencial, será aquele em qual o analisando irá situá-lo. É o que nos lembra Laurent (1984) em seus comentários sobre o texto de Lacan, ou seja: o analista não tem domínio sobre esse fenômeno. Por outro lado, analista é mais livre em sua tática, que, nos lembra ainda Laurent (1984), corresponderia à interpretação. Pautado em Lacan, esse autor também afirma que o analista é livre

¹²⁸ Grande enciclopédia Larousse Cultural, 1988, p. 2323.

¹²⁹ Houaiss, A.; Villar, M. de S., 2001, p. 1261

¹³⁰ Grande enciclopédia Larousse Cultural, 1988, p. 5716.

¹³¹ Lacan, 1958, p. 595.

naquilo que diz cabendo apenas a ele *decidir o momento e o número de suas interpretações*.¹³²

Nesse mesmo texto, Lacan nos alerta de que o analista dirige o tratamento e não o paciente¹³³, razão pela qual o analista deve aguardar a instauração da transferência. Se retomarmos as considerações Freud desde o início de sua prática, trata-se de aguardar o momento em que o sujeito deposita confiança no analista, ou seja, quando paciente posiciona o analista como objeto de amor. Ainda sobre esse amor, Lacan, por sua vez, afirma que ele permite instaurar duas posições distintas: a do amante e a do amado (*erastes e erômenos*). Para melhor compreendê-las, Lacan nos remete à leitura de “O Banquete”, obra de Platão, cujo tema é justamente as questões do amor.

2) O Banquete de Platão: a relação amante e amado

O diálogo platônico “O Banquete”, refere-se, tal como expresso em seu título, à realização de um banquete no qual um dos convidados propõe que cada um dos presentes faça um discurso sobre Eros, Deus do Amor. Assim, a título de ilustrar nosso objetivo, destacaremos alguns trechos dessa obra à luz dos comentários de Lacan. Para o autor, não há como separar o que é do amor e o que é da transferência. Por isso, não se interessa em estudar a natureza do amor, mas a sua relação com o fenômeno transferencial. Nesse sentido, assinala que, devemos partir da consideração da *interrogação sobre aquilo que o fenômeno da transferência é considerado a imitar ao máximo, até mesmo chegando a confundir-se com ele: o amor*.¹³⁴

Segundo Lacan, essa obra de Platão permite *articular o que se passa no amor no nível deste par formado respectivamente, pelo amante e pelo amado, o erastes e o*

¹³² Laurent, E. (1984), p. 16, tradução nossa.

¹³³ Lacan, 1958, p. 592.

¹³⁴ Lacan, 1960, p. 45.

*erômenos*¹³⁵. Essa relação, por sua vez, indica a *disparidade* entre os sujeitos, retirando, nas palavras desse autor, *os dois parceiros do neutro*¹³⁶, posto que não há uma simetria entre os dois envolvidos no amor. Em contrapartida, a noção de dissimetria é de fundamental importância na prática clínica, uma vez que ela indica haver duas posições a serem ocupadas. Isso certamente nos esclarece quanto ao fato que, no tratamento analítico, não se trata de dois sujeitos, mas sim de um sujeito e um objeto: o que ama e seu objeto de amor.

Por essa razão, a ênfase de Lacan será no sentido de que o uso do termo *semelhantes* é inadequado, já que não se trata de uma *neutralidade*. É que nos indica uma passagem do discurso de Fedro. Ao retomar uma frase de Homero - *O Deus insulflou coragem a alguns dos heróis*¹³⁷-, afirma que isso é o que Eros faz aos amantes: dar coragem, sendo essa uma virtude exclusiva do amante. Afirma ainda, utilizando-se de exemplos gregos clássicos, que morrer pelo outro só é feito por aqueles que amam, porquanto o amante é capaz de se sacrificar pelo objeto amado. Demarca, então, uma vez mais, a distinção entre o amante e o amado.

Pontuando o discurso Pausânias, Lacan ressalta sua indicação quanto ao fato que no amor, há trocas, ou seja, segundo Pausânias, o amante sempre busca algo no amado. Em seu discurso sobre Eros, ao tecer considerações sobre o amor entre os jovens e os sábios afirma ser bom *o amado conceder favores ao amante*¹³⁸. Nessa troca, o que está em questão é o valor, aqui entendido como a *posse do amado*. A fim de melhor entendermos esse *amor grego*, cabe esclarecer que, na Grécia Antiga, era uma prática bastante comum os jovens se entregarem, se tornarem amantes de homens mais velhos e mais sábios, com o intuito de assim obterem um pouco de sua sabedoria. Trata-se de um

¹³⁵ Ibid, p. 41.

¹³⁶ Ibid, p.41.

¹³⁷ Platão, p. 104.

¹³⁸ Platão, O Banquete, p. 112.

amor estreitamente relacionado com a busca de um *saber que não se tem*. Embora se trate de uma troca, o que nela se torna evidente é a existência de uma dissimetria entre os dois parceiros envolvidos, já que apenas um deles fica no lugar daquele que é sábio. Para melhor entendermos essa particularidade do amor, recortamos uma passagem do discurso de Alcibíades, na qual se queixa de Sócrates, a quem ele supõe ser detentor de um saber:

Acreditei que ele [Sócrates] sentia uma grande paixão por minha florescente mocidade, e julguei que tal fato importava para mim em vantagem e ventura: pensei que, em troca de meus favores, receberia de Sócrates toda a sua ciência. Sim, eu me orgulhava desmedidamente do brilho de minha mocidade. (Platão, [2006], p. 157)

Para que a *posse do amado* seja alcançada, Lacan assinala que o objeto terá seu valor atrelado à dificuldade de acesso ao mesmo. Um valor a ser entendido de acordo com a Psicologia do Rico, ou seja, poder *avaliar segundo maneiras explícitas de comparação e escala, daquilo que se compara numa competição aberta, que é, propriamente falando, a posse de bens*¹³⁹. Retomando o discurso de Pausânias, Lacan destaca uma passagem acerca do engano quanto ao valor dado ao objeto amoroso. Nesse discurso, Pausânias condena aqueles que buscam alguém por um certo tipo de interesse, por exemplo, por dinheiro. Em contrapartida, diz ser louvável *conceder favores ao amante* por supor que ele tenha uma sabedoria, garantindo, assim, a *oportunidade de se beneficiar*¹⁴⁰. Foi justo o que ilustramos com a fala de Alcibíades supracitada. Mas, caso o amante seja desprovido da virtude da sabedoria, ou seja, caso haja um engano na consideração do valor do amante – o que difere do primeiro exemplo quando se tratava de um valor monetário –, não se deve considerar de modo negativo a atitude daquele que concedeu os favores.

¹³⁹ Lacan, 1960, p. 63.

¹⁴⁰ Platão, p. 113.

Os discursos de Pausânias e de Alcibiades nos confrontam com o que está em jogo nesse amor: sua relação com o saber. Isso fica claro na demanda veiculada no discurso de Alcibiades: receber de Sócrates *toda a sua ciência*. Dessa forma, há a crença de que o objeto amado é detentor de um saber que o amante (*erástes*) supõe lhe faltar.

Esta é a consideração principal de Lacan em seus comentários sobre “O Banquete”: por se tratar de duas funções existentes no amor, o amante busca justamente o que lhe falta. Todavia, para Lacan, a busca do amante visando encontrar no objeto amado aquilo que lhe falta é uma ilusão, pois *o que falta não é o que existe escondido, no outro. Aí está todo o problema do amor*¹⁴¹. No amor, trata-se de um sujeito e um objeto, ressalta Lacan valendo-se do discurso de Alcibiades: *é o que ele [Alcibiades] relata, justamente, ter tentado fazer de Sócrates algo completamente submisso e subordinado a um outro valor que não o da relação entre sujeito e sujeito*¹⁴². O exemplo extraído do discurso de Alcibiades com sua demanda ter a *posse* Sócrates como um objeto de amor nos ajuda a compreender a afirmação de Lacan de que a atividade está do lado do *erástes*, daquele que ama.

Quanto à ilusão de que é possível ter no objeto amado o que falta ao amante, podemos recorrer ao discurso de Aristófanes que, ao tomar a palavra, começa afirmando que Eros é o *maior amigo dos homens*¹⁴³, é como um médico, capaz de curar doenças. Para ele, o amor seria a tendência a retornar à antiga natureza. Ele o afirma recorrendo a um mito antigo, segundo o qual teria havido, num certo tempo, seres esféricos formados por dois homens, duas mulheres ou um homem e uma mulher. Em um dado momento, os deuses dividiram esses seres que, de um, tornaram-se, então, dois. A partir de tal divisão, conclui Aristófanes, cada metade sai em busca da outra a fim de voltar a obter

¹⁴¹ Lacan, 1960, p. 46.

¹⁴² Ibid, p. 178.

¹⁴³ Platão, O Banquete, p. 119.

sua completude, ou seja, com o intuito de retornarem ao estado original quando formavam um único ser, perfeito. Conseqüentemente, diz ele, o objetivo do amante seria *ser unido e fundido no amado*¹⁴⁴. Assim, define o amor como *desejo e ânsia dessa completação, dessa unidade*¹⁴⁵.

De acordo com Lacan, o discurso de Aristófanes promove a *derrisão da esfera*. Um dos seus argumentos é ter colocado as palavras acerca do amor sendo faladas por um poeta cômico, um *bufão*, levando o leitor a duvidar quanto à seriedade desse discurso. O derrisório, no caso, seria essa tendência à perfeição, retomando a teoria da Boa Forma, como a da esfera, em referência à perfeição. Ou seja, esses seres esféricos, divididos em metades, remeteriam a esse estado perfeito. Então, pautados em Lacan, poderíamos dizer que aquilo que causa riso é a impossibilidade de se atingir a perfeição? O próprio Lacan e nos indica que *amar é dar o que não se tem*¹⁴⁶, já que o amor se sustenta na ilusão de atingir essa perfeição. A ilusão amorosa é justamente crer na possibilidade do *par se tornar um só*¹⁴⁷, o que, aliás, Freud já havia mencionado em 1930.

E a transferência é então possibilitada uma vez que ela surge a partir da falta e da ilusão assinaladas por Lacan. A emergência do fenômeno amoroso é definida como a busca no objeto amoroso, o analista, de algo que ele, o amante, não tem. É o que nos lembra Solano-Suarez (2006). Ou seja, como indica Miller, *o primeiro valor que se pode dar a 'eu amo' é: 'sinto falta de'*.¹⁴⁸ A autora ainda afirma que: *amor e falta são solidários*¹⁴⁹. Em seguida, trazemos um exemplo acerca do amor e da falta no questionamento proposto por Sócrates a Agatão ao final de seu discurso:

¹⁴⁴ Ibid, p. 124.

¹⁴⁵ Ibid, p.124.

¹⁴⁶ Lacan, 1960, p. 41.

¹⁴⁷ Freud, 1930, p.105.

¹⁴⁸ Miller, 2006a, p.17

¹⁴⁹ Solano-Suarez, E. (2005), p. 52.

“Sócrates: — Portanto, a pessoa, a quem quer que o deseje alguma coisa, deseja forçosamente o que não está à sua disposição, o que não possui, o que não tem, o que lhe falta; ora, não são esses justamente os objetos do desejo e do amor?

Agatão: — Claro. ” (Platão, [2006], p. 135.)

É justamente essa falta que faz com que o *erástes* (amante) se considere *incompleto*. Essa seria a condição para haver o desejo de se completar, pois, como afirma Sócrates: quem se acha completo *não deseja aquilo cuja falta não pode notar*¹⁵⁰. Se pensarmos no tratamento, quando um sujeito se dirige a um analista, vai em busca de um *saber* sobre o seu sofrimento, já que *ele não sabe o que tem*¹⁵¹. Segundo Lacan, temos aqui a *implicação do inconsciente* ao buscar no objeto amoroso o que lhe falta. Referimo-nos, aqui, ao: *ele não sabe fundamental*, próprio do inconsciente. Porém, no cenário atual, encontramos indivíduos que não *acreditam* nessa incompletude, base desse amor. De todo modo, voltaremos nossa atenção na investigação da transferência estruturada com base no amor. Com isso, esperamos obter subsídios à nossa discussão acerca da *descrença*, própria ao contemporâneo, acarretando desafios para uma clínica apoiada na crença na figura do analista como condição de acesso ao saber inconsciente.

3) A transferência é uma crença que se fundamenta no amor

Tomando esse título como nossa referência, não podemos deixar de mencionar a observação de Esthela Solano-Suarez quando nos indica a importância da *confiança* que, como sabemos, está fundamentada no amor. Vamos então retomar Freud para melhor tratarmos da importância do amor na relação transferencial: *sólo por el amor podían sanar, y desde el comienzo del tratamiento esperaron que ese lazo les deparase*

¹⁵⁰ Ibid, p. 140.

¹⁵¹ Lacan, 1960, p. 45.

*como regalo*¹⁵². Antes, porém é preciso investigar qual o uso que se pode fazer do amor a ponto de considerar que só a partir dele se pode *curar*.

Quando a transferência adquire a face amorosa, o analisando tem como meta *ser amado*, indicação freudiana retomada por Miller em um texto cujo tema é o amor (2006), para indicar o que está em jogo no amor transferencial, tal como no amor encontrado no cotidiano. A referência freudiana que embasa a afirmação do referido autor é um texto datado de 1930, no qual encontramos uma afirmação de que o principal do amor é o desejo de ser amado. Nesse sentido, no *amar a todos* como propõe a Igreja católica, o mais importante do amor fica perdido, pois além de todos serem postos no mesmo lugar, deixa de haver a eleição de apenas um, a cada vez, para se tornar o objeto de amor.

Mas devemos ressaltar que o amor na clínica não é idêntico ao amor cotidiano. Há uma diferença fundamental: refere-se à postura do analista como aquele que é posto na condição de objeto de amor. Além disso, ele não atende a demanda amorosa, como indica Freud num texto sobre a técnica analítica de 1912. Ora, se ele não atende a essa demanda, como ele faz uso do amor? Se a meta é ser amado, na tentativa de se atingir tal objetivo o sujeito começa a se interessar menos pelo tratamento e mais por seu objeto amado, a saber, o analista. Quando isso ocorre, Freud (1912) afirma que o amor transferencial está servindo à resistência, ou seja, colocando-se como *entrave* e não como *motor* do tratamento. Num primeiro momento, podemos pensar que *caíram por terra* os objetivos do analista quanto ao progresso do tratamento. É o que Freud nos indica numa conferência sobre o fenômeno transferencial¹⁵³. Mas, ele também nos alerta para o fato de que a transferência como resistência não deve ser considerada uma desvantagem para o tratamento. Ao contrário, mesmo sob sua face de resistência, a

¹⁵² Freud, 1917b[1916-17], p. 401.

¹⁵³ Freud, 1917b[1916-17], p. 401.

transferência continua importando para o tratamento. Tanto assim que, já dizia Freud, a partir do momento em que a transferência serve à resistência é que o analista pode fazer suas primeiras intervenções¹⁵⁴. Sobre isso, recortamos num texto freudiano sobre a técnica analítica a seguinte orientação:

mientras las comunicaciones y ocurrencias del paciente afluyan sin detención, no hay que tocar el tema de la transferencia. Es preciso aguardar para este, el más espinoso de todos los procedimientos, hasta que la transferencia haya devenido resistencia. (Freud, 1913, p. 140).

Faz-se necessário retomarmos o extrato clínico que nos levou à questão dessa pesquisa e que iniciou a discussão dessa dissertação¹⁵⁵. Trata-se de um rapaz¹⁵⁶ cuja queixa é referida aos seus problemas interpessoais e que, em certo momento do tratamento, diz querer trocar de abordagem, pois achava que a psicanálítica não *servia* para seu caso. Mas, a sua vontade de querer trocar a abordagem – sem trocar aquele o escuta - nos permite afirmar haver nisto indícios do fenômeno transferencial. Além do mais, podemos pensar nesse momento em que o sujeito anuncia que pretende trocar de abordagem como aquele em que o amor de transferência serve à resistência, pois, desde então, ele passou as sessões reclamando do tratamento e da responsável pelo mesmo, falando mais do tratamento do que de seu sofrimento em si. Todavia, quando descobriu não ser possível tal troca, posto que, para realizá-la, ele deveria abandonar esse tratamento e buscar outro profissional com a abordagem que pretendia, o sujeito se pôs diante de uma escolha e decidiu por continuar ali. Foi então a partir de um *não* que atestava a impossibilidade de troca só de abordagem (é preciso buscar outro *profissional*) que o sujeito decidiu ficar. Seria possível dizer que, nesse momento decisivo para o tratamento, houve um consentimento da transferência? Se retomarmos a indicação freudiana, podemos considerar a *troca de abordagem* como um obstáculo ao

¹⁵⁴ Freud, 1913, p.140.

¹⁵⁵ Veja o capítulo 1 dessa dissertação.

¹⁵⁶ Outros dados desse caso clínico pode ser encontrado no início do primeiro capítulo dessa dissertação.

tratamento, na medida em que ele se desinteressa pelo que lhe aflige passando a se interessar por reclamações acerca de quem conduz seu tratamento e de sua abordagem.

Contudo, foi justamente com a decisão de permanecer que ele trouxe um dado nunca antes revelado: seu problema de *ejaculação precoce*. Dessa forma, esse sujeito aceita o convite para falar daquilo que lhe causa sofrimento. Como isso foi possível? A resposta nos é dada por Freud, pois poder falar sobre isso no tratamento foi possível, graças à transferência:

En la medida en que su transferencia es de signo positivo reviste al médico de autoridad y presta creencia a sus comunicaciones y concepciones. Sin esa transferencia, o si ella es negativa, ni siquiera prestaría oídos al médico o a sus argumentos. (Freud, 1917b[1916-17], p.405)

Então, de que autoridade se trataria aí? Supor algo ligado a um autoritarismo seria, certamente, contrário aos princípios éticos da psicanálise. Sobre o termo *autoridade*, Buarque de Holanda (1986) nos remete aos seguintes significados: *direito ou poder de se fazer obedecer, de dar ordens, de tomar decisões, agir, etc; aquele que tem tal direito ou poder; influência, prestígio; crédito; permissão, autorização*¹⁵⁷. Em um texto de 1912, Freud afirma que quando o amor serve à resistência, há uma tentativa de anular essa autoridade conferida ao que é dito pelo analista¹⁵⁸, pois, em vez de *confiança* e *prestígio* para com o analista, instaura-se a *desconfiança*, decorrendo daí um entrave ao tratamento. Dessa forma, fica-nos claro que, também em razão do amor, a transferência pode vir a ser impedida de servir de *motor* para o tratamento. A partir desse par *confiança/desconfiança* é que devemos entender as duas modalidades da transferência formuladas por Freud em 1912, a saber: a transferência positiva e a transferência negativa.

Ainda sobre a autoridade, devemos assinalar que se trata de uma posição que não deve ser confundida com o *autoritarismo*, ou seja, algo que se impõe pelo poder.

¹⁵⁷ Buarque de Holanda, 1985, p. 204

¹⁵⁸ Freud, 1912, p. 166.

Não se trata de utilizar essa autoridade para *sufocar a sua [do paciente] exteriorização dos sintomas*, como alerta Freud 1917b[1916-1917]. Nesse sentido, devemos concordar com Gorostiza (2005) ao indicar que na psicanálise, trata-se de uma outra autoridade distinta da burocrática (*expertise*), predominante no contemporâneo, como abordamos, em outro momento dessa pesquisa, ao contextualizarmos nossa época¹⁵⁹.

Retomando a vinheta clínica já citada, o fato de o analista ter sido posto numa posição de autoridade possibilitou ao paciente que queria trocar de abordagem falar do que o fazia sofrer: sua *ejaculação precoce*. Com base nesses dados, podemos afirmar que esse sujeito começou a se interessar por um outro saber que não aquele pelo qual ele inicialmente demandara: um saber pronto, ensinável. Ou seja, em vez de recorrer a um tratamento medicamentoso para seu problema - a ejaculação precoce -, o que poderia ter feito, decide escolher um outro tratamento que abre para a *possibilidade* de um saber diferente daquele oferecido pelo discurso médico-científico. Nesse sentido, podemos dizer que o paciente abre mão do sentido universal de seu sintoma, oferecido pelo discurso contemporâneo, em benefício de sua singularidade. Esse recorte clínico nos ilustra uma afirmação de Lacan, segundo a qual a relação entre amor e saber passa pela transferência, ou seja, pela relação com o analista. Em 1973, o autor afirma que *a transferência é amor* (p. 555) e completa: *Insisto: é amor que se dirige ao saber* (1973, p.555). Mas, vale lembrar que a transferência não deve ser limitada ao fato de se transferir sentimentos para o analista, uma vez que esse fenômeno, conforme dissemos, confere também *autoridade e prestígio* ao analista.

A fim de prosseguirmos em nossa investigação, nos voltaremos agora para a concepção de amor na contemporaneidade. De acordo com Solano-Suarez, *a psicanálise se interessa pela seguinte questão: nesta época de globalização, uma das consequências do discurso da ciência é a produção de uma diminuição da indução*

¹⁵⁹ A autoridade burocrática foi abordada no primeiro capítulo dessa dissertação.

*amorosa*¹⁶⁰. Isso nos faz recorrer à concepção contemporânea de Zigmunt Bauman: o *amor líquido*, pois, como o autor indica, nos dias de hoje tornou-se evidente uma nova configuração do amor. Pautados nessa afirmação, a pergunta que nos surge é a seguinte: será que essa nova modalidade das relações amorosas não implica em modificações no amor de transferência, vínculo essencial da experiência analítica? Como pensar nesse amor - que conduz ao saber inconsciente - numa era em que predomina a *desconfiança* e a fragilidade nos relacionamentos? É justo nesse sentido que buscaremos auxílio de Bauman (2004) pois, se, num tratamento, o amor leva ao saber, devemos investigar sua roupagem atual visando investigar se dita modalidade líquida do amor não aparece também na clínica, o que nos traria novos obstáculos.

4) Implicações do amor na contemporaneidade: prática analítica na era do Homem sem vínculos

Estamos, hoje, diante de uma sociedade marcada pelo consumismo, cuja regência engolfa todos os domínios da vida do sujeito. Nada escapa ao desvario que permeia a troca incessante de mercadorias. Portanto, estamos diante de uma sociedade que vive *no presente e pelo presente*¹⁶¹, com o objetivo de obter satisfação imediata, se poderia dizer. Consequentemente, é preciso que o investimento libidinal não fique por muito tempo preso a um determinado objeto, posto que esse deve ser rapidamente substituído. Por conseguinte, tudo é passível de ser *tratado* como mercadoria, sofrendo *avaliação e julgamento* como tal, ou seja, de acordo com o *padrão dos objetos de consumo*¹⁶².

¹⁶⁰ Solano-Suarez(2006).

¹⁶¹ Bauman, 2007, p. 14

¹⁶² Ibid, p.17

Para o sociólogo Zigmunt Bauman, nem os relacionamentos escaparam dessa lógica. Segundo suas constatações, estamos numa época em que o amor é *líquido*. Trata-se de um amor inserido na lógica da vida contemporânea, denominada pelo autor como *líquida*. Assim, uma sociedade *líquido-moderna* é aquela *em que as condições sob as quais agem seus membros mudam num tempo mais curto do que aquele necessário para a consolidação, em hábitos e rotinas, das formas de agir*¹⁶³. À medida em que tudo passa a ser regido pela lei de mercado, inclusive o amor, o autor afirma termos chegado à era do *Homem sem Vínculos*¹⁶⁴. Tal liquidez pode ser ilustrada se relembramos a queixa de muitos que buscam atendimento, como indicamos em nosso primeiro capítulo, a partir dos dados coletados nas triagens realizadas na DPA (Divisão de Psicologia Aplicada). Também podemos lembrar da vinheta clínica que nos levou à presente investigação: o sujeito chega dizendo que tem problemas *interpessoais*, em especial no trabalho, os quais o prejudicam pois não consegue se manter nos empregos.

Em consequência da era do *Homem sem vínculos*, a efemeridade dos laços faz com que o investimento libidinal não fique dirigido por muito tempo à mesma pessoa. Além disso, com essa efemeridade, surge uma *incerteza constante*¹⁶⁵, pois há sempre a preocupação de poder ser deixado para trás, de não acompanhar a velocidade da sociedade. Tal incerteza prejudica o estabelecimento da confiança. Isso traz um problema para a prática da clínica psicanalítica, que depende do estabelecimento de um vínculo – amoroso - para ter lugar. Como afirmou Freud desde o início de sua prática clínica, a confiança é essencial pois ela é a *condição para viabilizar* um tratamento, no qual, diz ele, está em jogo a *revelação de eventos psíquicos íntimos e secretos*¹⁶⁶. Mas,

¹⁶³ Ibid, p. 7

¹⁶⁴ Bauman, 2004, p. 90.

¹⁶⁵ Bauman, 2007, p.8

¹⁶⁶ Freud, 1893-1895, p. 261.

como pensar na instauração da *confiança* a partir da transferência, numa época em que a *desconfiança* predomina?

Diante dessa modalidade contemporânea das relações humanas, Bauman conclui que *o mundo de hoje parece estar conspirando contra a confiança* (Ibid, p. 112), pois, nele, ela só tem encontrado obstáculos para *fincar raízes e florescer*. (p.112). Sendo assim, diante do atual predomínio da *desconfiança*, nos parece fundamental investigarmos suas implicações na constituição de obstáculos ao estabelecimento do amor transferencial.

Em meio à falta de confiança, as trocas afetivas são concebidas como investimentos – em conformidade com as leis do mercado - e, conseqüentemente, não há comprometimento nas relações. Nessa lógica, compromisso corresponde a uma *armadilha*¹⁶⁷ que deve ser evitada a todo custo. Para não se comprometer, deve-se manter um relacionamento sempre *cool*, pois a questão é que as coisas não podem esquentar muito¹⁶⁸. Se buscarmos o sentido da palavra inglesa *cool*, podemos destacar alguns significados que nos auxiliam a compreender a aplicação do termo referido às relações fluidas: *frio, fresco; calmo, tranqüilo, impassível, moderado, ponderado; indiferente, apático*.¹⁶⁹ Logo, é preciso uma certa *frieza* para realizar a *avaliação* de um relacionamento, tal como se faz numa compra, em relação aos custos e benefícios daquele *empreendimento*.

Na tentativa de acompanhar essa liquidez, Bauman afirma que os sujeitos recorrem à *reciclagem identifi catória* marcada pelo excesso da troca. Nos dias de hoje, como sabemos, a cada momento surge uma identificação disponível e transitória, propagada pela sociedade, que se *recicla* velozmente. Ou seja, não se trata de uma identificação sobre a qual Freud se debruçara em seu texto *Psicologia das Massas e*

¹⁶⁷ Ibid, p.111.

¹⁶⁸ Ibid, p.111.

¹⁶⁹ Michaelis, H., 1983, p. 237.

Análise do Eu. Nessa concepção da identificação, Freud (1921) indica que há um vínculo com aquele a quem o sujeito se identifica, pois a identificação seria a *forma mais originária de exteriorização de ligação afetiva com outra pessoa* (p.99), com o intuito de se tornar como ela, tê-la como um *modelo*.

Em contrapartida, a identificação efêmera e descartável em voga no contemporâneo, não necessita de um grande esforço para se desprender de um *modelo* identificatório a outro. Bauman nos esclarece que há facilidades para se realizar essa *reciclagem*. São *ferramentas patenteadas e prontas para uso, do tipo faça-você-mesmo, que prometem tornar o trabalho rápido e eficiente sem a necessidade de habilidades especiais e com pouca dificuldade, se é que com alguma*.¹⁷⁰ Trata-se de um indício da presença do saber técnico da burocracia¹⁷¹, que tem lugar privilegiado nessa vida líquida, pois são os especialistas que *ensinam*, seja a partir de livros, entrevistas na tv ou *sites* na *Internet*, o que se deve fazer a fim de que a troca seja *a melhor possível*. E, assim, desenvolvem-se técnicas para se lidar com a vida afetiva, em especial com o amor, sob a justificativa de se evitar o sofrimento. É o *boom do aconselhamento*, ou seja, são livros, programas de entrevistas e ‘dilemas da vida real’ que pretendem dar um saber ao leitor/telespectador que o auxilie na vida amorosa.

Hoje em dia, as escolhas identificatórias são condicionadas à aplicação das ferramentas fornecidas pelos especialistas, ficando então excluída a possibilidade de cada sujeito escolher suas *ligações afetivas*, como propôs Freud. Logo, na contemporaneidade, essa troca no plano das identificações traz em seu bojo o fato de que até os modelos a serem seguidos estão submetidos à *regra universal do descarte*¹⁷², a saber: tudo é descartável, até mesmo as relações amorosas. Tentando seguir essa regra, o sujeito muitas vezes se vê tomado pela preocupação de estar sempre atualizado. Para

¹⁷⁰ Bauman, 2007, p. 16.

¹⁷¹ Sobre o saber da burocracia, ver o primeiro capítulo dessa dissertação.

¹⁷² Bauman, 2007, p.9

tanto, busca o saber dos especialistas. Além disso, também encontra três temores: *a constância, a aderência e a viscosidade*¹⁷³ que devem ser combatidos a todo custo para se manter nessa vida líquida.

Por se tratar de uma modalidade amorosa imersa na lógica do consumismo, precisamos destacar algumas de suas características para melhor entendermos como se estabelecem as formas de seus vínculos. Para Bauman (2004), *o que caracteriza o consumismo não é acumular bens [...], mas usar e descartá-los em seguida a fim de abrir espaço para outros bens e usos*.¹⁷⁴ No Seminário VII, Lacan faz um comentário acerca do capitalismo, lembrando-nos da função dos bens por ele produzidos: colocar-se à '*disposição*' da utilidade¹⁷⁵. Como consequência, diz o autor: *em prol da utilidade, tampona-se o que falta com esses pequenos objetos, substituíveis a todo tempo*¹⁷⁶. Cabe ressaltar que essa é uma afirmação do final da década de 50. Assim, à luz dessa *liquidez contemporânea*, devemos refletir a respeito da questão do bem para o uso, numa época em que se exalta a lógica do excesso de trocas em prol da pretensão de uma melhor utilidade.

A *utilidade* certamente vigora numa velocidade alta, graças à descartabilidade própria do capitalismo atual. Neste, aquilo que possui valor *se desvaloriza* rapidamente para dar lugar a outro objeto, como nos indica Bauman (2007). Nessa lógica, o capitalismo permite situar *o valor da novidade acima do valor da permanência*¹⁷⁷.

Dentro da lógica da descartabilidade, encontramos o *homo consumens* e o *homo oeconomicus*¹⁷⁸. Segundo Bauman, o primeiro interessa ao mercado, enquanto o segundo interessa aos economistas. Ambos, porém, possuem características comuns: *solitários, auto-referentes e autocentrado*. Com essas características, como pensar em

¹⁷³ Ibid.

¹⁷⁴ Ibid, p. 67.

¹⁷⁵ Lacan, 1959, p. 280.

¹⁷⁶ Ibid.

¹⁷⁷ Bauman, 2007, p. 108.

¹⁷⁸ Bauman, 2004, p. 68.

manter vínculos, já que o *homo consumens* concebe o amor ligado ao mercado, no qual a velocidade é a característica dominante das trocas tanto com os objetos quanto as com pessoas? Nesse contexto, podemos concordar com Bauman (2004) que considera haver uma *versão à venda dos vínculos* ¹⁷⁹, na qual o vínculo equivaleria à mercadoria. Ou seja, dá-se às pessoas um *tratamento* como o que é dado aos objetos de consumo, decorrendo disso o fato de elas serem avaliadas como tal, isto é: de acordo *com padrão, volume de prazer e valor monetário* ¹⁸⁰.

Nesse contexto de descartabilidade em prol do uso, devemos inserir as relações amorosas, pois cada objeto amoroso perde o valor de novidade com seu uso. O valor, porém, nem sempre está atrelado à novidade. Se retomarmos a formulação de *valor*, tal como destacada por Lacan no *Banquete*, de Platão, nos depararemos com uma concepção diferente daquela encontrada nas leis de mercado. Nos comentários de Lacan, valor e dificuldade de acesso ao objeto estão interligados. Na contemporaneidade, ao contrário, o esforço é todo no sentido de se encontrar a facilidade no acesso aos objetos. Uma ilustração desse modo contemporâneo de lidar com a vida amorosa pode ser encontrado numa coluna semanal no jornal *Guardian Weekend*, como nos indica Bauman (2004). Trata-se de lições, manuais, etc., que se propõem a garantir o sucesso na vida pessoal. Ou seja, há um ensinamento com base nessa *promessa* em não haver qualquer tipo de sofrimento. Caso o sujeito siga suas lições, lhe seria possível atingir essa vida totalmente feliz. Nessas lições, diz-se, por exemplo, que o ideal seriam as *relações de bolso* ¹⁸¹, ou seja, relações que podem ser descartadas a qualquer momento, posto que não há nenhuma forma de

¹⁷⁹ Ibid, p. 91.

¹⁸⁰ Ibid, p.96.

¹⁸¹ Bauman, 2004, p.36.

comprometimento. Para Bauman (Ibid), esse tipo de relação *é a encarnação da instantaneidade e da disponibilidade*¹⁸².

No que concerne à instantaneidade, a busca de relacionamentos privilegia a quantidade e a velocidade na troca de parceiro diante de qualquer decepção relativa a ele. Quanto à disponibilidade, se um relacionamento não agrada, tal como uma mercadoria, recorre-se imediatamente à troca¹⁸³. Logo, em última instância, as relações são marcadas pela mesma impulsividade como a que assistimos em alguns os consumidores, em sua busca desenfreada por novas mercadorias. Nas palavras de Bauman(2007):

Consumidores acostumados com produtos de consumo que envelhecem com rapidez e são prontamente substituídos acharão incômodo, além de um desperdício de tempo, preocupar-se com uma coisa dessas [os relacionamentos precisam de atenção constante e manutenção dedicada], e se apesar disso resolverem prosseguir, carecerão dos hábitos e habilidades necessários. (Bauman, 2007, p. 115)

Nesse sentido, tudo, até mesmo a vida amorosa *é mercadoria*. Dessa forma, o consumidor e o objeto de consumo *se interligam, se misturam e se confundem*¹⁸⁴. Ao contrário da dissimetria surgida com a instauração do amor transferencial, o *amor líquido* é regido pela simetria, uma vez que, quando tudo *é mercadoria*, as posições não se distinguem. Outro ponto que reforça essa simetria é o saber especializado sobre as relações amorosas, indicando tratar-se de lições *aplicáveis* a todos, sem diferenciação.

Diante do *amor líquido* e suas conseqüências, como pensarmos no investimento libidinal na figura do analista, necessário à experiência analítica? Segundo Bauman (2004), o problema com o amor é o *problema da quadratura do círculo*¹⁸⁵, pois da mesma forma que não há como transformar um círculo num quadrado, não há como eliminar o sofrimento das relações. Porém, o que parece é que os novos relacionamentos

¹⁸² Ibid

¹⁸³ Ibid, p. 28.

¹⁸⁴ Bauman, 2007, p. 17.

¹⁸⁵ Bauman, 2004, p. 9.

se apresentam como a promessa de não haver sofrimento. Nesse sentido, Bauman assinala que há tanto êxito quanto fracasso na tentativa de se englobar tudo na lógica do consumismo:

[...] os especialistas em marketing levam sua engenhosidade ao limite para indicar maneiras de adquirir em lojas a solidariedade, o sorriso amigo, o convívio ou a ajuda no momento da necessidade. Constantemente têm êxito – e constantemente fracassam (Bauman, 2004, p. 91).

Antes de Bauman, Freud já denunciava a presença de um *mal-estar* que o sujeito não tem como eliminar totalmente. Mas, em meio ao excesso de produtos fornecidos pelo mercado - os *gadgets*¹⁸⁶ - há a promessa da satisfação, como se o consumismo pudesse acabar com *mal-estar*. Mas afinal, que mal-estar é esse do qual Freud tanto nos falou? Para tentarmos responder, voltaremos nossa atenção acerca de tal conceito, mantendo em mente sua importância fundamental para a prática da psicanálise.

5) Há algo que escapa: considerações acerca do *Mal-estar*

Em “O Mal-Estar da Civilização”, Freud denunciou a existência de um sofrimento como condição própria da vivência humana, presente desde a sua origem. Chamou-o *mal-estar*, expressão que intitula seu célebre artigo supracitado. Para pensar esse *mal-estar*, ele apresenta o que considera como suas três fontes: *o próprio corpo, o mundo exterior e os vínculos sociais*¹⁸⁷. Pontua ainda que essa última fonte seria a que promove os *sentimentos mais dolorosos*, além de ser a mais difícil de se admitir. A presença desse mal-estar na contemporaneidade, em especial dos vínculos sociais, é denunciada no constante fracasso das tentativas em se eliminar completamente o sofrimento das relações. Logo, trata-se da indicação de que algo escapa a essa lógica

¹⁸⁶ Uma discussão acerca desses objetos encontra-se no primeiro capítulo dessa dissertação.

¹⁸⁷ Ibid, p.76.

contemporânea, ou seja, o *mal-estar* não pode ser solucionado através dos produtos disponíveis no mercado. Santiago e Santiago (2006) trazem-nos um caso de uma jovem, Fabiana, que afirma ter dificuldades de manter seus vínculos amorosos por muito tempo. Por medo de ficar como alguns membros de sua família –solteira -, ela procura atendimento. Sobre sua vida afetiva, relata de diferentes formas ao analista a *fragilidade* de seus laços: ‘*Estou avulsa, de novo!*’, ‘*Fiquei, rolou mas não vai para frente*’, ‘*Ninguém quer compromisso*’¹⁸⁸. Para esses autores, essas falas são *expressões [que] não deixam de traduzir que é da ordem do mal-estar*¹⁸⁹. Mas, como entender esse mal-estar? Para entendê-lo, devemos retomar o texto em que Freud aborda o tema.

A contribuição inicial de Freud para compreendermos esse *mal-estar*, é que o eu apresenta-se como uma *unidade* harmoniosa. Mas, na verdade, considera isso um engano, uma *fachada*¹⁹⁰. Em busca dessa unidade, busca-se a felicidade a partir da anulação do sofrimento com a predominância do Princípio do Prazer. Porém, Freud afirma não haver garantias de se proteger do sofrimento em prol da manutenção da pretensa *unidade*. Em outro momento do texto, afirma ainda que a meta de *evitar o desprazer* tem como resultado um *cansaço*, no sentido de se tratar de um objetivo que não é possível. Em seguida, nas palavras do próprio Freud, vemos como ele nos explica acerca do Princípio do Prazer e a busca de satisfação:

El programa que nos impone el principio del placer, el de ser felices, es irrealizable; empero, no es lícito – más bien, no es posible- resignar los empeños por acercarse de algún modo a su cumplimiento. Para esto pueden emprenderse muy diversos caminos, anteponer el contenido positivo de la meta, la ganancia de placer, o su contenido negativo, la evitación de displacer. Por ninguno de ellos podemos alcanzar todo lo que anhelamos (1930, p. 83)

Nesse mesmo texto de 1930, Freud nos alerta dizendo que a aquisição da noção de impossibilidade de se alcançar essa unidade, não deve fazer com que assumamos

¹⁸⁸ Santiago e Santiago (2006), p. 40.

¹⁸⁹ Ibid.

¹⁹⁰ Freud, 1930, p.67.

uma posição dita *paralisante*¹⁹¹. Segundo ele, se, por um lado, não podemos suprimir todo sofrimento, por outro, podemos amenizá-lo¹⁹². Porém, no contemporâneo, a estratégia utilizada diante desse *mal-estar* não é a amenização do sofrimento psíquico. Ao contrário, ela *tem por base a premissa de satisfazer os desejos humanos de uma forma que nenhuma sociedade do passado pôde realizar ou sonhar*¹⁹³, nos indica Bauman(2007). Todavia, vale lembrar que tal premissa se renova a cada momento. A cada vez, um *gadget* se insere no mercado como aquele que irá satisfazer completamente um sujeito. Contudo, uma vez que tal satisfação não é atingida, ocorre o surgimento de um novo gadget que, por sua vez, contém a mesma promessa. Mas, diante do fracasso do *gadget anterior*, esse novo *sonho de consumo* apresenta-se como mais *eficiente* para atingir a prometida satisfação.

Antes mesmo do capitalismo atingir seu estágio atual, Freud pretendeu marcar a importância da cultura como uma tentativa de domínio das pulsões, em prol da ordem de uma vida em sociedade, ou seja, uma vida ordenada, que, de fato, oferece inúmeras vantagens. Nesse sentido, não se trata de uma crítica radical à cultura. Mediante uma afirmação, ele nos mostra como define a cultura e sua importância:

el processo cultural es la modificación que el proceso vital experimentó bajo del influjo de una tarea planteada por Eros e incitada por Ananké¹⁹⁴, el apremio objetivo {real}; y esa tarea es la reunión de seres humanos aislados en una comunidad atada libidinosamente (1930, p.135).

A contribuição de Freud certamente não vai na direção de negar os processos culturais, condição para uma convivência em sociedade, mas sim de alertar para a presença de um mal-estar, consequência inevitável de tal processo. Logo, não se trata de eliminá-lo, mas sim de como lidar com ele. O curioso, porém, é que, na atualidade, volta e meia nos deparamos com a presença de *especialistas* que garantem a

¹⁹¹ Freud, 1930, p.85.

¹⁹² Ibid

¹⁹³ Bauman, 2007, p. 106.

¹⁹⁴ Eros: Amor e Ananké: Necessidade, segundo notas de Jean Melville em “Banquete” de Platão.

possibilidade de se ter um bem-estar total, ou seja, propagam um *saber* que se propõe a garantir a possibilidade de anular o *mal-estar* definitivamente. Dois *tipos* de *saber especialista* devem ser destacados: aqueles que fornecem manuais sobre os relacionamentos amorosos e ensinam como avaliar os vínculos na condição de mercadoria (para descartá-los) ¹⁹⁵, e os tratamentos para o sofrimento psíquico de modo padronizado ¹⁹⁶. Por tudo o que expusemos, parece-nos pertinente acompanhar Miller em sua reflexão sobre a afirmação de Lacan, segundo a qual: *nega-se o amor ao inconsciente*.

6) Negar o amor ao inconsciente?

Em uma lição de seu Seminário de 1973/1974, Lacan diz que a *negação do amor ao inconsciente* seria um tema relevante e observado pela *primeira vez em nossa história*, pois, garante ele, nos séculos anteriores amava-se o inconsciente. Mas, como entender esse momento inédito de negar o amor, tal como formulado por Lacan? Para Tarrab (2003), trata-se das implicações da *modernidade* com as quais se depara Lacan. Isso o leva a supor essa *negação do amor ao inconsciente* está relacionada com o desenvolvimento do capitalismo.

Se pensarmos na roupagem atual do capitalismo, poderíamos considerar que tal *negação* estaria mais exacerbada, graças ao predomínio do discurso técnico-científico, dado haver uma valorização de um saber para todos em detrimento do saber inconsciente. Se retomarmos as idéias de nosso capítulo anterior, trata-se do fato da ciência fazer uso do *desejo de não querer saber*. Devemos então acrescentar às características marcantes da *hipermodernidade* o modo de estabelecimento de vínculos próprio dessa época. Estando esses vínculos inseridos na nova lógica de mercado,

¹⁹⁵ Sobre esse assunto, ver a seção anterior desse capítulo.

¹⁹⁶ Sobre a padronização do sofrimento humano, ver o primeiro capítulo dessa dissertação.

consideramos importante questionar a respeito do acesso ao saber inconsciente, porquanto esse é possível somente a partir da instauração do vínculo com o analista, vínculo que obviamente não se faz conforme as regras do mercado

É diante desse cenário atual que devemos considerar a retomada da afirmação de Lacan, por Miller, ou seja, diante dos obstáculos contemporâneos, esse autor traz à tona a questão da relação dos sujeitos contemporâneos com o *amor ao inconsciente*. No artigo em que aborda esse tema, inicia sua discussão refletindo sobre a hipermodernidade, que já consideramos no início de nossa pesquisa. Isso nos permite pensar que, apesar de não estarmos mais na modernidade, mas sim na sua modalidade *hiper*, a questão de negar o amor ainda é presente em nossa época.

Mas, o fato de haver sujeitos que continuam apostando na psicanálise nos atenta que esses obstáculos ao *amor ao inconsciente* não impossibilitam a nossa prática. Por outro lado, o que fazer com a *demanda de alívio* imediato e fluidez das relações quando um sujeito chega para atendimento? Ao contrário de negar essa demanda, trata-se de acolher os pedidos de ajuda dos sujeitos contemporâneos. Aliado a esse acolhimento, é preciso aguardar o estabelecimento da transferência, já nos dizia Freud.

Quanto a esse momento de instauração do fenômeno transferencial, Santiago e Santiago (2006) nos alertam para o fato de que o analista deve lembrar que a transferência não se resume a transferir os afetos para o analista, como já abordamos no início desse capítulo. Na época dos amores líquidos, em que os vínculos são regidos pelas leis de mercado, precisamos estar atentos a outros indícios de instauração da transferência. Nesse sentido, recorreremos mais uma vez aos referidos autores em sua apresentação do caso de Fabiana¹⁹⁷. Essa jovem demonstra sua dificuldade de manter os seus relacionamentos e tal *problema* aparece na relação com seu analista. Um indício, todavia, leva o analista a afirmar que, entre ele e Fabiana, há um laço, a saber, a sua

¹⁹⁷ Apresentado por Santiago e Santiago (2006).

*presença regular: não falta a nenhuma sessão, não atrasa, sempre remarca a sessão perdida por algum imprevisto.*¹⁹⁸ Assim, fica evidente que a paciente aceita o convite de comparecer às sessões para falar do que lhe aflige: a solidão. Em meio a tantos outros temas possíveis, ela escolhe falar de seu medo da solidão. Sobre esse medo, justifica-o com o fato de que seus relacionamentos terem curta duração. Seria esse um exemplo da consequência da lógica da vida amorosa no mundo contemporâneo não ter escapado da lógica de mercado consumista?

Somos testemunhas do ritmo frenético das indústrias oferecendo, num espaço de tempo cada vez mais curto, um produto novo para ser consumido, cuja propaganda anuncia maciçamente a promessa de “sua satisfação garantida ou o seu dinheiro de volta”. Mas, para alguns sujeitos, como no caso de Fabiana, evidencia-se a face oculta de tal promessa, ou seja: mesmo que a felicidade seja buscada e que se acredite na possibilidade de encontrá-la nesses objetos a serem consumidos, há sempre algo que escapa não se inserindo nessa lógica.

Ao investigarmos tanto o que caracteriza o *amor líquido*, próprio da Era do *Homem sem vínculos*, quanto o *amor transferencial*, necessário à prática analítica, constatamos a existência de duas lógicas distintas: de um lado, temos aquela, nada confiável, na qual o amor concebido é como mercadoria descartável. Diante dela, predomina a desconfiança. Do outro, deparamo-nos com um outro tipo de vínculo, estabelecido a partir da confiança depositada no objeto de amor, o analista. Trata-se, aqui, de uma relação dissimétrica, na qual amante e amado ocupam lugares distintos. Assim, se o *amor líquido* imprime a simetria nas relações guiadas por manuais, a segunda modalidade, abordada em nossa pesquisa, instaura a diferença. Com base nas posições *erástes e erômenos* nos foi possível compreender que, na concepção de amor da qual faz uso a clínica psicanalítica, trata-se de um sujeito e um objeto. Logo, a partir

¹⁹⁸ Santiago e Santiago (2006), p.41.

da transferência amorosa, o analista pode ter notícia das escolhas feitas pelo sujeito, como nos indica Miller: o amor *segue as circulações da libido e as vicissitudes da libido*. Esse investimento libidinal é o que permite a constituição de um laço¹⁹⁹.

Assim, a partir do que expusemos, podemos afirmar que, para haver confiança, o investimento a ser feito no processo analítico não pode ser regido pela lógica da fluidez das relações. É essa confiança que permite ao sujeito interessar-se por um saber que só poderá servir para ele próprio, saber esse distinto daquele exibido nos manuais contemporâneos que pretendem ensinar, de modo homogêneo, o como fazer nas relações amorosas.

A nova roupagem propiciada pela lógica do amor líquido traz em seu bojo uma forma de recusa da *solidez*, presente na modalidade amorosa do passado. Mas, para que uma análise possa acontecer, é preciso servir-se do amor utilizando-o *como instrumento para produzir um saber sobre a verdade*.²⁰⁰ Usar o amor como instrumento na experiência analítica é afirmar ser fundamental a crença que se encontra embutida na demanda de amor. A transferência, ao se estabelecer baseada no amor, atesta que aquele que fala confia e acredita no saber do analista a respeito de seu sofrimento. Essa suposição é certamente o que permite conectar o inconsciente ao analista²⁰¹, e, a partir dela, é possível conduzir o sujeito ao saber do inconsciente. Como nos indica Tarrab: é *um ato de fé que inicia essa suposição de um sujeito ao saber inconsciente, isto é, ao ciframento*.²⁰² Sendo assim, o desafio da psicanálise na contemporaneidade, diante do apagamento do sujeito pelo discurso técnico-científico, é tentar restaurar tal crença naqueles que não crêem, ou seja, sustentar sua aposta no inconsciente.

¹⁹⁹ Miller, 1996.

²⁰⁰ Solano-Suarez, E. (2006)

²⁰¹ Como visto no capítulo anterior, o conceito de inconsciente inclui o analista.

²⁰² Tarrab, p.110, 2003

CONCLUSÃO

Depois de expormos e argumentarmos nos três capítulos precedentes a questão que motivou o presente trabalho, chegamos, agora, ao momento de concluir. Ao longo desta dissertação, buscamos abordar nossa questão de pesquisa referente à especificidade do tratamento dado ao saber pela psicanálise, enfatizando sua distinção quanto ao saber dominante em vigor na contemporaneidade. Conforme assinalamos, esse último se embasa na propriedade de padronização, ao passo que a psicanálise aposta num saber que *só vale para aquele sujeito*, pois é um saber não atrelado a uma técnica.

Nosso interesse em investigar a presente questão surgiu, como já mencionamos, ao realizarmos nossa prática clínica num estágio em uma instituição universitária (DPA/UFRJ). Desde o início, deparamos-nos com a proliferação dos pedidos de diagnósticos ou de tratamentos especializados, em especial: TDAH (Transtorno de

Déficit de Atenção e Hiperatividade), para crianças, e Depressão e Síndrome do Pânico, para os adultos. Podemos traduzir tal proliferação como uma demanda de obter um nome a partir de uma *avaliação especializada*, apoiada na garantia de um enquadramento dentro dos parâmetros classificatórios dos manuais psiquiátricos.

Embora tenhamos lançado mão dos dados das triagens e de vinhetas clínicas, constatamos que nos debruçarmos exclusivamente sobre o tema do saber em psicanálise não abarcaria a complexidade de nossa questão. Assim, para melhor darmos conta dessa tarefa, achamos imprescindível formular outras questões relevantes à pesquisa que se foram revelando à medida em que avançávamos. Então, num primeiro momento, voltamos nossa atenção para o mapeamento do cenário contemporâneo, centrando-nos na questão relativa ao saber que o sujeito demanda e espera obter de um tratamento.

Em nossa prática clínica, um caso em particular suscitou nosso interesse e fez surgir o desejo de investigar a questão que norteou nossa pesquisa, pois ele evidenciava o tipo de demanda predominante na busca de um tratamento. Ou seja, ela trazia em seu bojo, de modo implícito, um pedido de *feedbacks* e de algum ensino a fim de que o sujeito pudesse lidar com seu sofrimento.

Desse modo, ao expormos nossa experiência na DPA, tornamos possível ilustrar o tipo de saber que nos é demandado. Caracterizamos esse saber como aquele cuja prática se embasa na promessa de que o sofrimento pode ser extinguido com soluções rápidas dadas por especialistas. São estes que detêm tal saber e determinam a resolução do problema daqueles que os procuram. Concluimos então ser necessário, em primeiro lugar, considerar o saber demandado num tratamento como algo que não escapa às características de nossa época. Para tanto, fazia-se necessário investigar a importância do contexto de nossa prática. Ou seja, não podemos ignorar as demandas de respostas

prontas, para *uso* imediato, se, de fato, estamos empenhados em buscar novas ferramentas para a clínica que possam fazer frente ao atual mal-estar na civilização.

Auxiliados pela leitura de textos escritos por psicanalistas contemporâneos, a primeira etapa de nossa investigação chegou a um bom resultado. Nosso aprofundamento nos permitiu destacar duas características de igual importância para a clínica psicanalítica: a hipermodernidade e a expansão burocrática. Entendemos a *hipermodernidade* como a ocorrência de algo que já havia na modernidade ganhando agora, porém, uma roupagem *hiper*. Trata-se, então da exacerbação da objetividade, já presente na modernidade, conforme assinalada na obra de Robert Musil. Ao destacarmos alguns trechos dessa obra, delineamos os primeiros sinais desse *modo técnico* de lidar com os problemas.

A concepção de nossa época como *hipermoderna* implica em destacar quais são as suas conseqüências para a clínica. Algumas delas são denunciadas na vinheta clínica trazida por nós. Apenas para efeito de lembrança, trata-se do momento em que o sujeito quer trocar de abordagem, sobretudo da justificativa dada por ele para realizar tal troca. A razão alegada se calcava no fato de que ele gostaria de um atendimento rápido, de acordo com a velocidade *hiper*. Todavia, sua demanda também nos permitiu detectar outras características próprias do contemporâneo, a saber: ele gostaria que lhe ensinassem sobre seu *problema*, ou seja, que lhe fosse ensinado um saber sobre o seu sofrimento e que seu *problema* fosse classificado (leia-se: *nomeado*) a fim de ser *tratado* de modo universal, isto é, a fim de receber um tratamento nos moldes do para-todos os que sofrem do mesmo *problema*.

Além da modernidade elevada à potência *hiper*, recorremos a um termo do século passado, graças às indicações de autores, segundo os quais estamos num período marcado por uma expansão burocrática. Trata-se do termo *burocracia*, de Max Weber.

Ao nos debruçarmos sobre esse conceito, aliado à leitura de autores que se dedicam à sua expressão contemporânea, deparamo-nos com a menção de uma autoridade burocrática. Pautados nesse estudo, autorizamo-nos a afirmar que a marca de tal autoridade é a imposição de um saber padronizado, evidenciado na prática dos especialistas: eles indicam o que deve ou não ser feito por aquele que sofre *determinado transtorno*. Esse *transtorno*, vale acrescentar, é avaliado de acordo com *critérios universais* a partir de manuais psiquiátricos que enquadram indivíduos em classes. Por outro lado, temos a autoridade da qual se faz uso na psicanálise. Nós a compreendemos como uma modalidade de autoridade que se estabelece quando o sujeito deposita confiança no analista, ou seja, a partir do vínculo construído entre o sujeito e um analista, ao qual se atribui influência e prestígio.

Foi o que pudemos assinalar quando ressaltamos, em nossa vinheta clínica, a decisão do sujeito de permanecer no tratamento, o que resultou na possibilidade de ele vir a revelar algo inédito ligado à sua sexualidade. Dessa forma, podemos afirmar: decidir permanecer no tratamento é aceitar o convite para ir em direção a um saber que caminha na contramão da oferta de soluções prontas, disponíveis no mercado farmacológico. Assim, a decisão do sujeito de permanecer no tratamento foi considerada como o momento de abertura que possibilitou a emergência de algo absolutamente singular nunca antes revelado. Isso certamente se diferencia por completo do que ocorre nos tratamentos embasados no modelo universal, como se pode verificar nos *treinamentos e feedbacks*.

Chegamos então à segunda etapa de nossa pesquisa centrada na tarefa de delimitar o saber em jogo na psicanálise. Podemos afirmar que se trata de um convite feito ao sujeito visando despertar seu interesse pelo saber entendido como pertencente ao inconsciente. Entendemos o saber inconsciente como aquele em cujo cerne há a

possibilidade de *não saber tudo*. Logo, esse saber, além de não servir a um uso para todos, é marcado pela impossibilidade de um *saber total*.

Ainda na tarefa de delimitar o saber em jogo na psicanálise, encontramos uma indicação apontando para o fato de haver uma relação entre saber e sexualidade. Trata-se da indicação de Miller quando ressalta ser preciso que a libido se dedique a esse saber. Ao seguirmos a pista indicada por esse autor, resolvemos retomar a obra freudiana em busca de subsídios para tal afirmação. Desse modo, verificamos, em Freud, que a relação saber/sexualidade está marcada desde o início da vida do sujeito. Essa afirmação pode ser encontrada no período em que Freud desenvolveu a questão das teorias sexuais infantis. Em seus textos, ele afirma que, após o fracasso das teorias infantis, há um afastamento permanente do desejo de saber, restando, em seu lugar, o *desejo de não saber nada*, como afirma Lacan.

Isso nos leva a propor a oferta de *gadgets* e sua a pretensa garantia de solucionar o sofrimento psíquico, como um modo de fazer *uso* do *desejo de não saber nada*. Ou seja, ao aceitar as soluções fornecidas por tais objetos *padronizadores*, que prometem alívio e supressão definitiva dos sofrimentos, o sujeito se eximiria da responsabilidade da parte que lhe cabe em seu sofrimento. Contudo, o fracasso dos *gadgets* é denunciado pelo *prazo de validade*, um indício de que esse método solucional exclui a concepção freudiana de *mal-estar*. Empenhar-se na substituição rápida e imediata de tais objetos, conforme os cânones atuais, é acreditar na promessa de vir a ocorrer um avanço técnico que permita ter o tão desejado sucesso em eliminar o sofrimento.

Recorrendo ainda à nossa experiência, relatada na supracitada vinheta clínica, dirigimo-nos à terceira etapa de nossa pesquisa que discorre sobre o acesso ao saber propiciado pela experiência analítica. Ressaltamos, aqui, o papel fundamental do consentimento da transferência. Nesse sentido, assinalamos que o estabelecimento da

transferência também sofre as consequências de nossa época marcada pela descartabilidade não só das mercadorias, mas também dos laços. Dedicamo-nos, então, a compreender a questão do estabelecimento do fenômeno transferencial auxiliados pela concepção dos amores líquidos, posto que a fragilidade dos laços desafia e obstaculiza o estabelecimento do vínculo com o analista. Não resta dúvidas que, num tratamento analítico, a instauração da confiança é imprescindível, pois depende justamente dela a posição a ser atribuída ao analista como uma autoridade não-burocrática, condição primeira para o sujeito se manter nesse tratamento.

Consideramos o fato de o sujeito depositar confiança no analista indicativo de que ele aceita apostar no saber do inconsciente, o que assinalamos na vinheta clínica da qual nos valem no início desta dissertação. Podemos ainda considerar que, a partir desse momento, é possível sair do *anonimato* promovido pela universalização das classificações. É possível e necessário ao tratamento analítico fazer o sujeito se destacar da generalização promovida pela *autoridade burocrática*, modalidade utilizada pelos especialistas. Em meio à idéia predominante de que todos são iguais, sem nomes próprios ou agrupados sob um mesmo nome, fazemos valer a importância do *nome próprio*. Acreditamos que, ao se interessar por esse saber não-universal, abre-se a possibilidade para o sujeito caminhar em direção a algo que lhe é particular. A saída desse anonimato também nos é ilustrada pelo caso do sujeito que se apresenta com Síndrome do Pânico, tal como exposto no segundo capítulo. Ao ser convidado a falar mais sobre seu sofrimento, ele passa relatar o que nomeia *minhas crises*. Ao se interessar por elas, ele aos poucos vai ao encontro do marca sua diferença em relação aos demais: suas crises não são exatamente iguais as dos demais. Por outro lado, suas crises apresentam semelhanças entre si: sempre são desencadeadas a partir de algo ligado ao seu relacionamento amoroso. Portanto, a forma como acolhemos sua demanda

de ser em massa foi o que possibilitou a emergência de sua particularidade como sujeito.

Assim, ressaltamos a importância de acolher a demanda de *ser em massa* e de *curar sem nada querer saber* no intuito de possibilitar sua transformação. Nesse processo, damos especial destaque à posição do analista no que Lacan nomeia como *paixão pela ignorância*, isto é, uma posição que se distancia do *todo saber* do especialista, sem por isso confundir-se com um *nada saber*. Trata-se de uma posição que permite ao analista interessar-se no que é dito pelo sujeito, pois ele é quem detém o saber.

Enfatizamos a idéia de que só será possível convidar o sujeito para inserir-se no dispositivo analítico, a partir do estabelecimento da transferência e do respeito à regra fundamental, a saber: a associação livre, formulada e praticada por Freud desde os primórdios da psicanálise. Isso possibilita ao analista dirigir o tratamento, no sentido de restaurar a crença no saber inconsciente. Mas, devido também aos obstáculos sempre mais crescentes de nossa época, não podemos abrir mão de um trabalho *preliminar*, durante as entrevistas iniciais, com o intuito de promover a inserção do sujeito no dispositivo. Por isso, acreditamos ser de fundamental importância a manutenção da oferta de uma escuta que não impõe um saber universal ao sujeito. Nesse sentido, a psicanálise caminha na via de uma autoridade conferida ao analista por aquele que lhe supõe um saber sobre o seu próprio sofrimento. Esse lugar de confiança é garantido pela transferência. Somente desse lugar o analista pode convidar o sujeito a se interessar pela construção de um saber que lhe é próprio.

Por fim, cabe dizer que nossa pesquisa, no âmbito de mestrado, nos permite trazer subsídios para avançarmos sobre o momento inicial do tratamento, atravessado pelas demandas típicas do contemporâneo. Assim, os resultados obtidos em nossa

investigação nos levam a afirmar a necessidade de um manejo clínico que possibilite um acolhimento da dita *vontade de curar sem nada saber*, mais do que nunca implícita nas demandas atuais, a fim de que ela possa dar lugar a um interesse pela *construção de um saber*. Tal manejo instaura a possibilidade de fazer emergir sujeito, na medida em que o faz sair do anonimato promovido pela homogeneização das classificações. A nosso ver, promover o distanciamento de tal universalização é permitir ao sujeito caminhar em direção ao particular, a saber próprio a cada um. Para nós, esse percurso só é possível a partir do estabelecimento da transferência em sua vertente amorosa.

Sendo assim, no âmbito do curso de Doutorado, pretendemos avançar tendo como ponto de partida o lugar em que chegamos na presente pesquisa, qual seja: o tratamento dado à demanda inicial (*vontade de curar sem nada querer saber*) como possibilitando ao sujeito alcançar o particular e abrindo, ao mesmo tempo, para a instauração do processo analítico, ao longo do qual o sujeito gradativamente se aproxima do que lhe é mais singular, a saber: seu gozo.

Para tanto, nos debruçaremos sobre a especificidade do saber em psicanálise como aquele que permite um *tratamento do gozo*, convocando o sujeito a caminhar em sua direção a fim de defrontar-se com ele. Nesse sentido, parece-nos fundamental prosseguir em nossa investigação sobre o saber do qual se trata em psicanálise visando, desta feita, a relação entre saber e gozo, sobretudo numa época em que a clínica nos confronta com uma desresponsabilização dos sujeitos por seu modo singular de gozar.

REFERÊNCIAS:

Alberti, C. “L’homme moyen n’existe pas”. **La Cause Freudienne**. Paris, 57, p.6-7, junho de 2004.

American Psychiatric Association. **Manual Diagnóstico e Estatístico de Transtornos Mentais (DSM-IV)**. Art Med: 4ª Ed, 2002.

Associação Mundial de Psicanálise (AMP). **Scilicet dos Nomes do Pai**. Rio de Janeiro: AMP, 2005.

Baptista, M. do C. D. Transferência e desejo do analista: os nomes do amor na experiência analítica ou “Amar é dar o que não se tem”. In: XVI Encontro Brasileiro do Campo Freudiano. **Anais...**Belo Horizonte, MG, p. 24-26, 2006.

Barton, P. T. Estatísticas. In: **Scilicet dos Nomes do Pai**. Rio de Janeiro: AMP, p. 46-48, 2005.

Bassols, M. Prefacio a Efectos terapêuticos rápidos: conversaciones clínicas com Jacques-Alain Miller em Barcelona. In: **Efectos terapêuticos rápidos: conversaciones clínicas com Jacques-Alain Miller em Barcelona**. Buenos Aires: Paidós, p. 9-12, 2005.

- Bauman, Z. **Vida líquida**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2007.
- _____. **Amor líquido: sobre a fragilidade dos laços humanos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed, 2004.
- Besset, V.L. Clínica com adolescentes: de que pai se trata?. **Psicologia em Revista**. Belo Horizonte, v. 11, n. 17, p. 86-95, jun. 2005.
- _____. O tratamento psicanalítico no tempo dos psicofármacos. **Pulsional**. São Paulo, XVII, 177, p.43-50, 2004.
- _____. Sobre a fobia e o pânico: o que pode um analista? **Revista Latino Americana de Psicopatologia Fundamental**. São Paulo, IV, I, p.19-26, 2001.
- _____. Interpretação: alcance da palavra, limites do sujeito. **Opção Lacaniana**. São Paulo, nº 25, p.23-26, 1999.
- Buarque de Holanda, A. **Novo dicionário da língua portuguesa**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1986.
- Cottes, J.F. Burocracia e Nome-do-Pai. In: **Scilicet dos Nomes do Pai**. Rio de Janeiro: AMP, p. 27-28, 2005.
- D'Angelo, L. **Terapias Breves versus efectos terapêuticos rápidos**. In: Miller, J.-A.(org). **Efectos terapêuticos rápidos: conversaciones clínicas com Jacques-Alain Miller em Barcelona**. Buenos Aires: Paidós, p. 34-41, 2005.
- Deprins, D. La statistique dans le champ de la santé mentale. **Quarto: Revue de psychanalyse**. Belgique: École de la Cause Freudienne (ECF), nº85p.26-37, 2006.
- Estratégia. In: **Grande Enciclopédia Larousse Cultural**. São Paulo: Círculo do livro, p. 2323, 1988.
- Etchereverry, J. L. Lo conciente y lo inconciente. In: **Obras Completas Freud: sobre la versión castellana**. Buenos Aires: Amorrortu, 2003 [1978]], p.92-95.
- Forbes, J. Prefácio à edição brasileira. In: Miller, J.-A.; Milner, J.-C. **Você quer mesmo ser avaliado?: entrevistas sobre uma máquina de impostura**. São Paulo: Manole, p. ix-xii, 2006.
- _____. A psicanálise do homem desbussolado: as reações ao futuro e o seu tratamento. **Opção Lacaniana**, São Paulo, n.42, p.30-33, jun. 2005.
- Freud, S. **Obras completas de Sigmund Freud**. Buenos Aires: Amorrortu editores, 2ªed, 1986.
- _____. **Análisis Terminable e interminable**. V. 23, p. 211-254, 1937.

- _____. **El Malestar en la cultura**. V. 21, p. 57-140, 1930.
- _____. **Inhibición, síntoma y angustia**. V. 20, p.71-164, 1926[1925].
- _____. **Psicología de las masas y análisis del yo**. V. 18, p. 63-136, 1921.
- _____. **Una dificultad del psicoanálisis**. V. 17, p. 125-135, 1917 [1916].
- _____. 28ª Conferencia. La terapia analítica. In: **Conferencias de introducción al psicoanálisis** (Parte III), v. 16, p. 408-421, 1917a[1916-17].
- _____. 27ª Conferencia. La transferencia. In: **Conferencias de introducción al psicoanálisis** (Parte III), v. 16, p. 392-407, 1917b[1916-17].
- _____. **La represión**. V. 14, p 135-152, 1915.
- _____. Puntualizaciones sobre el amor de transferencia (Nuevos consejos sobre la técnica analítica del psicoanálisis, III). In: **Trabajos sobre técnica psicoanalítica**, v.12, p. 159-174, 1915[1914].
- _____. Recordar, repetir y reelaborar (Nuevos consejos sobre la técnica analítica del psicoanálisis, II). In: **Trabajos sobre técnica psicoanalítica**, v.12, p.145-157, 1914.
- _____. Sobre la iniciación del tratamiento (Nuevos consejos sobre la técnica analítica del psicoanálisis, I). In: **Trabajos sobre técnica psicoanalítica**, v.12, p.121-144, 1913.
- _____. Consejos al médico sobre el tratamiento psicoanalítico. In: **Trabajos sobre técnica psicoanalítica**, v.12, p.107-119, 1912a.
- _____. Sobre la dinámica de la transferencia. In: **Trabajos sobre técnica psicoanalítica**, v.12, p.93-105, 1912b.
- _____. **Un recuerdo infantil de Leonardo da Vinci**. V. 9, p. 53-127, 1910.
- _____. **A propósito de un caso de neurosis obsesiva**(el “Hombre de las ratas”). V. 10, p.119-194, 1909a.
- _____. **Análisis de la fobia de un niño de cinco años** (el pequeño Hans). V. 10, p.1-118, 1909b.
- _____. **Sobre las teorías sexuales infantiles**. V. 9, p.183-201, 1908.
- _____. **Tres ensayos de teoría sexual**. V. 7, p. 109-224, 1905.
- _____. La interpretación de los sueños. In: **La interpretación de los sueños** (segunda parte), v. 5, p. 345-612, 1900.
- _____. Sobre la psicoterapia de la histeria. In: **Estudios sobre la histeria**, v.2, p.309-363, 1893-95.

Gorostiza, L. A nobreza do sintoma. **Latusa Digital**, ano 3, n.21, junho 2006. disponível em: < <http://www.latusa.com.br> >. Acessado em: 10/03/2007.

_____. O Pai e a autoridade. In: **Scilicet dos Nomes do Pai**. Rio de Janeiro: AMP, p. 23-25, 2005.

Hellebois, P. Psicoterapias e o campo freudiano. In: **Scilicet dos Nomes do Pai**. Rio de Janeiro: AMP, p. 146-147, 2005.

Houaiss, A.; Villar, M. de S. **Dicionário Houaiss da Língua Portuguesa**. Rio de Janeiro, Objetiva, 2001.

Yunis, J. Pós-modernidade e Nome-do-Pai. In: **Scilicet dos Nomes do Pai**. Rio de Janeiro: AMP, p. 141-142, 2005.

La Sagna, P. Ciência e Nome-do-Pai. In: **Scilicet dos Nomes do Pai**. Rio de Janeiro: AMP, p. 28-30, 2005.

Lacan, J. Lição 8. In: **Seminário 24**: Lo no sabido que sabe de la uma-equivocación se ampara en la morra. 26 de Febrero de 1977. CD-ROM.

_____. Lo Real es sin ley In: **Seminário 23: El Sinthoma**. Aula de 13 de abril de 1976. CD-ROM.

_____. Introdução à edição alemã de um primeiro volume dos Escritos. In: **Outros Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 550-556, 1973[2003].

_____. **O Seminário, livro 21: Les non-dupes errant**. Inédito, 1973/1974.

_____. Lição 5 de 6/01/1972. In: **O Seminário, livro XIX : Ou Pire**. Inédito, 1972.

_____. **O Seminário, livro 13**: O objeto da Psicanálise. Inédito, 1965-1966.

_____. **O Seminário, livro 8: a transferência**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1960-1961[1992].

_____. Posição do Inconsciente no Congresso de Bonneval. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, p. 843-864, 1964[1998].

_____. **O Seminário, livro 7: a ética da sicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor, 1959-1960 [1991]

_____. A direção do tratamento e os princípios de seu poder. In: **Escritos**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor. p. 591-652, 1958[1998].

Laurent, E. **Concepciones de la cura en psicoanalisis**. Buenos Aires: Manantial, 1984.

Le Blanc, G. L'inévaluable - Actualité de Canguilhem. **La Cause Freudienne**. Paris, 57, p. 115-122, junho de 2004.

Lessa, B. Sem qualidade. In: Musil, R. **O Homem sem qualidades**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, p. 19-22, 1978[2006].

Lipovetsky, G. **Os tempos hipermodernos**. São Paulo: Barcarolla, 2004.

Michaelis, H. **Novo Michaelis dicionário ilustrado (Inglês-Português)**. São Paulo: Melhoramentos, V. 1, 1983.

Miller, J.-A.; Milner, J.-C. **Você quer mesmo ser avaliado?: entrevistas sobre uma máquina de impostura**. São Paulo: Manole, 2006.

Miller, J.A.(org). **Efectos terapêuticos rápidos: conversaciones clínicas com Jacques-Alain Miller em Barcelona**. Buenos Aires: Paidós, 2005.

Miller, J.A. Labirintos do amor. **Correio**. Belo Horizonte, nº 56, p. 14-19, 2006a.

_____. O coito enigmatizado: Uma leitura de “A seita da Fênix” de Borges. **Opção Lacaniana Online**. 2006b. Disponível em: <http://www.opcaolacaniana.com.br/opcaolacaniana.com.br_non_ssl/n3/ensaio.asp>. Acessado em: 10/02/2007.

_____. A arte do diagnóstico: o rouxinol de Lacan. **Curinga**. Belo Horizonte, nº23, p. 15-33, 2006c.

_____. Lição 5. Curso **Iluminações Profanas**. 13 de Dezembro de 2006d. Inédito.

_____. **La respuesta del psicoanálisis a la terapia cognitivo-comportamental**. 2005a. Disponível em: <<http://www.wapol.org>>. Acesso em 25/09/05.

_____. Uma fantasia. São Paulo: **Opção Lacaniana**, nº 42, p.7-18, 2005b.

_____. A era do homem sem qualidades. **Opção Lacaniana on line**, 2004. Disponível em: <<http://www.opcaolacaniana.com.br>>. Acesso em 11/09/05

_____. **La experiencia de lo real en la cura psicoanalítica**. Buenos Aires: Paidós, 1ª ed, 2003.

_____. **Los signos del goce**. Buenos Aires: Paidós, 1998[2006].

_____. Lição 8. Curso **La fuite du sens**. 07 de fevereiro de 1996. Inédito.

_____. Lição 22. Curso **Cause et Consentement**., de 1 de junho de 1988.

Musil, R. **O Homem sem qualidades**. Rio de Janeiro: Nova Fronteira, 1978[2006].

Platão. **Banquete**. Tradução e notas: Jean Melville. São Paulo: Martin Claret, [2006].

Recalcati, M. Lignes pour une clinique des monosymptômes. **La Cause Freudienne**. Paris, 61, p. 83-97, 2005.

_____. A questão preliminar na época do Outro que não existe. **Latusa Digital**, ano 1, n.7, junho 2004. disponível em: <http://www.latusa.com.br/digital_edit7.htm>. Acessado em: 20/06/2007.

Santiago, A. L. **A Inibição Intelectual na Psicanálise**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2005.

Santiago, A.L.; Santiago, J. Amores Nômades. In: XVI Encontro Brasileiro do Campo Freudiano. **Anais...**Belo Horizonte, MG, p. 39-42, 2006.

Solano-Suarez, E. Os poderes do amor. **Latusa**, Rio de Janeiro, n.10, p.51-60, jun. 2005.

_____. Entrevista concedida à Miriah Fernandes em 28 de agosto de 2006. **Boletim nº03 do XVI Encontro Brasileiro do Campo Freudiano “Nomes do Amor”**. Disponível em: <www.ebp.org>, 2006.

Tarrab, M. O risco da modernidade. Belo Horizonte: **Curinga**, nº19, p. 102-111, 2003.

Tática. In: **Grande Enciclopédia Larousse Cultural**. São Paulo: Círculo do livro, p. 5716, 1988.

Weber, M. **Economia y sociedad**. México: Fondo de Cultura Económica. 1944[1996].

Vieira, M.A. A (hiper)modernidade lacaniana. **Latusa**, Rio de Janeiro, n.9, p.69-81, out. 2004.

?. Biografia de Philippe Douste-Blazy. In: **Biografias dos membros do Governo francês**. Disponível em: Site da embaixada da França no Brasil. http://www.ambafrance.org.br/abr/biografs/douste_blazy.htm. Acesso em : 10 de setembro de 2006.